

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Terena Thomassim Guimarães

SOU UMA, SÃO TODAS:
uma análise da condição feminina em Moçambique a partir de personagens de Mia Couto

Porto Alegre

2016

Terena Thomassim Guimarães

SOU UMA, SÃO TODAS:

uma análise da condição feminina em Moçambique a partir de personagens de Mia Couto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Professora Doutora Jane Fraga Tutikian

Porto Alegre

2016

Terena Thomassim Guimarães

SOU UMA, SÃO TODAS:

uma análise da condição feminina em Moçambique a partir de personagens de Mia Couto

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Orientadora: Professora Doutora Jane Fraga Tutikian

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Jane Fraga Tutikian (orientadora)

Dr. Demétrio Alves Paz (UFFS)

Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva (UFRGS)

Dra. Sílvia Helena Pinto Niederauer (URI)

Porto Alegre, 21 de março de 2016

CIP - Catalogação na Publicação

Guimarães, Terena Thomassim

SOU UMA, SÃO TODAS: uma análise da condição feminina em Moçambique a partir de personagens de Mia Couto / Terena Thomassim Guimarães. -- 2016.
165 f.

Orientadora: Jane Fraga Tutikian.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2016.

1. Condição femina. 2. Mia Couto. 3. A varanda do frangipani. 4. Antes de nascer o mundo. 5. A confissão da leoa. I. Tutikian, Jane Fraga, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Leila e Renato, pelo apoio constante e pelo incentivo para que eu seguisse estudando e lutando por tudo aquilo que desejo e acredito. Sem a ajuda e suporte destes dois nada seria possível. Eles são um exemplo de vida!

Às minhas irmãs, Tainá e Naiara, pelas horas de risadas, desabafos, choros, e por sempre acreditarem que eu conseguiria chegar ao fim de mais esta etapa. Elas, assim como meus pais, foram o elo para um local calmo e seguro – minha casa. Amo vocês!

Aos demais parentes (avós, tios, tias, primos, primas, dindos), por entenderem meus inúmeros dias de sumiço.

Aos meus amigos, todos eles, pelos momentos de descontração que me fizeram mais forte e feliz. Meus irmãos do coração sempre estiveram ao meu lado, reforçando que tudo passaria e que com certeza eu venceria. Em especial, não posso deixar de agradecer às Três Marias – Carol, Cris e Luara – pelos cafés literários, pela companhia nas aulas, pelas ajudas acadêmicas e por essa linda amizade; e também a Gabriela Leal pela parceria constante.

A todos meus alunos, que, neste último ano, mostraram-me diariamente um novo mundo e deixaram minha escrita mais divertida ao recordar as histórias de sala de aula.

A todos meus professores, mestres, que me mostraram os diversos caminhos da literatura e da vida, ajudando na minha caminhada.

Um agradecimento especial à professora Jane Tutikian, minha orientadora, por dividir comigo esse amor pela literatura africana, pelas palavras de força, incentivo e conforto, e pelo carinho constante. És, para mim, um exemplo de professora, profissional e mulher.

Por fim, agradeço a toda a população brasileira, que, com o suor do seu rosto, banca os estudos nas universidades públicas deste país. Acredito que honrei cada centavo dedicado ao meu crescimento profissional e espero poder retribuir muito ainda para toda a sociedade.

Agradeço a todos por cada lembrança que sempre ficará guardada. Todos foram importantes nesta etapa que, como muitos sabem, não foi nada fácil. Muito Obrigada!

RESUMO

A presente dissertação tem como objetivo analisar as diferentes representações da mulher em três romances do moçambicano Mia Couto, são eles: *A varanda do Frangipani*, *Antes de Nascer o Mundo* e *A confissão da leoa*. Pretende-se perceber como ocorrem essas representações e possíveis relações com o mundo de Moçambique, com suas formas de ver a vida, a mulher, a história. Notar tais ligações do narrado com a realidade do povo pode servir para um melhor entendimento do país e de seu modo de viver. A fundamentação teórica é baseada nos estudos de Edward Said, Homi Bhabha e Stuart Hall. A metodologia consistiu na localização e recolha dos diferentes momentos de representação feminina. Partindo desse material, analisaram-se os significados e repercussões dessas imagens. Primeiramente, buscou-se tratar de elementos relevantes da história moçambicana, por entender que é importante para compreender o livro e a literatura como um todo. Após, cada obra foi abordada separadamente, com seus elementos significativos, e a análise da representação da mulher. Pode-se concluir que o que é narrado assemelha-se, em grande parte, com o que as pessoas enfrentam no seu dia a dia. Além disso, nota-se uma maior abordagem da temática feminina ao passar dos anos por Mia Couto, juntamente com o aumento das discussões sobre o tema.

Palavras-chave: Condição feminina. Mia Couto. *A varanda do frangipani*. *Antes de nascer o mundo*. *A Confissão da Leoa*.

ABSTRACT

This work aims to analyze the different women representations in three novels by the Mozambican Mia Couto, they are: *A varanda do frangipani*, *Antes de nascer o mundo* and *A confissão da leoa*. It is intended to analyze how these representations occur and their possible relationships with the Mozambique world, with their ways of seeing life, the woman, the story. To notice such narrated links with the reality of people can serve to better understand the country and its way of life. The theoretical framework is based on the works of Edward Said, Homi Bhabha and Stuart Hall. The methodology consisted in locating and collecting the different female representation moments. From this material, we analyzed the meanings and implications of these images. First, it sought to address relevant elements of Mozambican history, understanding that it is important to comprehend the book and literature as a whole. After each work was approached separately, with significant elements, and the representation of women analysis.. It can be concluded that what is narrated resembles largely with what people face in their everyday life. In addition, there is a greater approach of the female subject over the years by Mia Couto, along with the increase of discussions about the topic.

Keywords: Womanhood. Mia Couto. *A varanda do frangipani*. *Antes de nascer o mundo*. *A confissão da leoa*.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 MOÇAMBIQUE: CAPULANAS EM FOCO	13
2.1 O INÍCIO DE TUDO.....	14
2.2 A CHEGADA DOS PORTUGUESES.....	20
2.3 A LUTA PELA LIBERDADE.....	30
2.4 PAÍS LIVRE NA LUTA POR IGUALDADE	34
3 A VARANDA DO FRANGIPANI	48
3.1 ENTRE MEMÓRIAS - A OBRA.....	49
3.2 XIDIMINGO, NHONHOSO, VASTO: SUAS PERCEPÇÕES FEMININAS	58
3.3 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA PRÁTICA PRESENTE	62
3.4 MARTA GIMO:ENFERMEIRA,CUIDADORA,CONHECEDORA,AMANTE,MÃE ..	63
3.5 ERNESTINA: O SILÊNCIO DA ESCRITA.....	69
3.6 UM HOMEM, DUAS MULHERES, UM FILHO.....	71
3.7 COSTUMES E TRADIÇÕES QUE INFERIORIZAM AS MULHERES	73
3.8 NÃOZINHA: AUTORIDADE E SOFRIMENTO	76
3.9 OS CAMPOS DE REEDUCAÇÃO.....	79
4 ANTES DE NASCER O MUNDO.....	81
4.1 A FUGA PARA O ESQUECIMENTO: A OBRA.....	82
4.2 JEZIBELA: UMA QUASE MULHER.....	93
4.3 NOCI: SEUS (DES)AMORES E ENFRENTAMENTOS	96
4.4 DORDALMA: A CULPA E A IMPOSSIBILIDADE DO ESQUECIMENTO	100
4.5 COMOÇÃO COM A PRESENÇA FEMININA.....	106
4.6 CULPA E APAGAMENTO FEMININO.....	108
4.7 INTERDIÇÃO FEMININA EM JESUSALÉM	112
4.8 MARTA: ESCRIVENDO PARA DESCOBRIR-SE E DESCOBRIR AS DEMAIS MULHERES	114
4.9 SOU UMA, SÃO TODAS.....	117
5 A CONFISSÃO DA LEOA	119
5.1. UMA HISTÓRIA: DUAS VISÕES QUE SE COMPLETAM – A OBRA	120

5.2 “DEUS JÁ FOI MULHER”	127
5.3 SALVAÇÃO PELA MÃO FEMININA	130
5.4 PERSONAGENS SEM ESCOLHAS.....	132
5.5 COSTUMES TRADICIONAIS E LOCAIS SAGRADOS.....	134
5.6 VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES	138
5.6.1 O triste destino de Tandi	141
5.6.2 Violação paterna	143
5.6.3 Práticas agressoras.....	145
5.7 NAFTALINDA E SUA VOZ DE COMANDO	146
5.8 HANIFA, A LEOA, E A CONSCIÊNCIA DA MORTE FEMININA	148
5.9 EDUCAÇÃO FEMININA.....	150
5.10 RELAÇÃO PATERNA E MATERNA	151
5.11 TRABALHO.....	153
6 CONCLUSÃO.....	156
REFERÊNCIAS.....	160

1 INTRODUÇÃO

Compreender o papel desempenhado pela mulher na literatura sempre foi de extrema importância, na medida em que acaba por representar a forma como ela é vista na sociedade. Nessa perspectiva, os romances de Mia Couto, mais especificamente *A varanda de Frangipani*, *Jesusalém* (que, na edição brasileira da Companhia das Letras, recebeu o nome de *Antes de Nascer o Mundo*¹) e *A confissão da leoa*, têm muito a nos dizer.

A situação da mulher na África é fortemente relacionada a uma cultura, que tradicionalmente a trata como inferior, tornando-a subjugada. Por isso, para entender melhor sua posição, é imprescindível perceber seu papel ao longo da História, colocando, assim, em evidência a relação entre presente e passado.

O objetivo principal deste trabalho é analisar como a mulher é representada nos romances citados de Mia Couto e quais os possíveis motivos para tal enfoque. Para isso, é importante abordar aspectos gerais sobre Moçambique, sobre a situação da mulher no país e sobre o fazer literário do autor.

Pretende-se fazer o levantamento da representação da mulher mais recorrente nos romances, analisá-la e justificá-lo através da História e da cultura moçambicana. Para tanto, será analisado o papel das mulheres em cada um dos romances, a fim de evidenciar a forma como Mia Couto propõe, em sua literatura, uma mudança no paradigma de subordinação.

António Emílio Leite Couto, conhecido como Mia Couto, nasceu em 5 de julho de 1955 na cidade de Beira, província de Sofala, em Moçambique. Em 1971, ao se mudar para a cidade Lourenço Marques, o então estudante de medicina entra em contato com a ideologia da FRELIMO², que passa a seguir até o período da pós-independência. Abandona o curso e começa a escrever em jornais. Seu primeiro livro, *Raiz de orvalho*, data de 1983. Forma-se em biologia. Trabalha como biólogo e escritor. Tem diversas obras publicadas de poesia, contos, crônicas, romances, ensaios. Seus livros são publicados em mais de 20 países, sendo traduzidos para várias línguas. O romance *Terra Sonâmbula* é considerado um dos dez melhores livros africanos do século XX. É ganhador de diversos prêmios literários, entre eles o Prêmio Camões 2013, o mais prestigioso da língua portuguesa. É membro correspondente da Academia Brasileira de Letras.

¹ Edição utilizada na construção deste trabalho.

² Frente de Libertação de Moçambique.

De maneira geral, o autor trata, em sua obra, de Moçambique, buscando revelar o processo identitário nacional. É recorrente a representação da História e da realidade do país, com seus mitos e lendas, através do uso de uma prosa poética.

O romance *A varanda do frangipani* narra um assassinato ocorrido na fortaleza São Nicolau. O policial Izidine é chamado para investigar o crime (tendo a companhia do xipoco³ Ermelindo), mas nesta busca acaba descobrindo sua própria cultura e seu eu moçambicano. As vozes presentes intercalam-se em quinze capítulos, na história do investigador e do fantasma e nas narrações dos moradores do asilo da fortaleza de São Nicolau. A situação da mulher aparece como pano de fundo, mas sem a mesma ênfase dos outros dois livros analisados.

Jesusalém, que, ao ser lançado no Brasil, passou a se chamar *Antes de nascer o mundo*, conta a história de uma família de homens que se exila de tudo e de todos para fugir de uma grande desgraça. As personagens femininas assumem importância significativa, visto que são elas as culpadas, vítimas e responsáveis por mudanças. Nesta narrativa, há capítulos contados por Mwanito – um dos habitantes de Jesusalém – e outros por cartas escritas por Marta – portuguesa que adentrou o espaço masculino.

A Confissão da Leoa, por sua vez, coloca a temática da mulher em total evidência, retratando a condição histórica e social das mulheres rurais em Moçambique. Baseando-se em um fato presenciado por ele, os ataques de leões no norte de Moçambique, o autor cria um romance que denuncia o sistema de patriarcado, que condena as mulheres a uma situação de submissão. Narrado em primeira pessoa por duas personagens, Mariamar e Arcanjo Baleiro, o livro mostra a vida difícil que a mulher precisa enfrentar todos os dias neste local.

Nesse sentido, o primeiro capítulo deste trabalho abordará elementos significativos da história de Moçambique, relacionando-a com as diversas percepções sobre a mulher que, ao longo do tempo, foram se desenvolvendo na sociedade. Revelar um pouco do país do escritor, da realidade das personagens apresentadas na obra é de extrema importância para a análise das representações ficcionais daquelas que vivem.

Os capítulos posteriores seguem a ordem cronológica de publicação dos três romances escolhidos, ao começar por *A varanda do frangipani* (1996), sucedido por *Antes de nascer o mundo* (2009) e *A confissão da leoa* (2012). Na análise detalhada de cada livro, buscar-se-á abordar parcialmente o enredo, pois a forma como o mesmo é construído também demonstra as

³ Alma que vagueia sem paradeiro.

diversas maneiras com que as mulheres são tratadas. As representações femininas serão agrupadas por assuntos, de forma que seja possível se aprofundar na análise do que está por trás de cada fala, sorriso, choro, e também relacionar o destino individual ao coletivo, já que muitas mulheres passam pelas mesmas situações.

Um pressuposto imprescindível ao perceber a situação da mulher na África é não analisar com olhos do Ocidente, sem entender a realidade local. Nessa perspectiva, considerando que “o conhecimento do Oriente, porque gerado pela força, cria num certo sentido o Oriente, o oriental e o seu mundo.” (SAID, 2007, p.73), pensando a África como parte de um Oriente, deve-se evitar criar visões estereotipadas, que são muitas vezes inventadas ou aumentadas.

Por tal motivo, e para dar mais segurança ao estudo, inicia-se com os diversos conhecimentos construídos sobre Moçambique, para que as análises não sejam realizadas levando em consideração apenas uma visão feminina branca ocidental dos fatos. É fato que não há como apagar a identidade do pesquisador, mas há como combater visões estereotipadas, e é o que se buscará.

Edward Said, em seu livro *Orientalismo*, afirma que muitos dos terríveis conflitos ocorridos mundialmente devem-se ao fato de agruparem pessoas em unificações falsas, “inventando identidades coletivas para multidões de indivíduos que na realidade são muito diferentes uns dos outros” (SAID, 2007, p. 25). Considerando que esses estereótipos não devem ser reforçados e, ainda, devem ser combatidos, não se deseja afirmar que os costumes representados nos romances analisados valem para todo Moçambique, pois assim se estaria agrupando realidades étnicas e culturais muito distintas.

Stuart Hall também defende esta tese, combatendo a ideia de uma cultura nacional homogênea, destacando que, na realidade, nada mais é que uma noção imaginada. Assim, “a lealdade e a identificação que (...) eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional.” (HALL, 2011, p.49). Com isso, as diferenças regionais e étnicas foram sendo subordinadas a essa noção de nação.

Segundo diversos autores dos Estudos Culturais, cada vez mais a identidade é firmada em contato com o *outro*, não sendo fixa, nem única. Nessa perspectiva, a identidade feminina é vista em relação à masculina, com as marcas das diferenças, pois este *outro* não tem como ser apagado. A alteridade acaba por tornar a identidade sempre outra, pois modifica o *eu* já que o *outro* será sempre outro.

Assim, as personagens femininas estão sempre em conflito com os homens, por tudo que eles podem e têm e elas não, por tudo que impõem a elas, sem deixá-las expressar seus desejos. Elas aceitam o contato com o *outro*, formam sua identidade através deste processo, mas o contrário não ocorre da mesma forma, já que as mulheres são consideradas muitas vezes inferiores aos homens e ninguém aprende e se constrói com o que não considera importante.

Stuart Hall (2011, p.7) analisa que “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Essas novas identidades são estabelecidas através de novos contatos.

Segundo Bhabha (2003), no mundo moderno percebe-se a identidade não apenas como racial, juntam-se categorias como geração, local, institucional, gênero, localidade geopolítica, orientação sexual, formando, dessa forma, diversas posições de sujeito. Então, as diferentes identidades seriam formadas nesses “entre-lugares”, construindo novos signos através da articulação de diferenças culturais. São essas diferentes categorias que diferenciam o homem negro da mulher negra, só a identidade racial não é suficiente para entender as complexas relações.

Segundo Said (2007, p.441), “longe de ser estática, a identidade do eu ou do “outro” é um processo histórico, social, intelectual e político muito elaborado que ocorre como uma luta que envolve indivíduos e instituições em todas as sociedades.”. Como processo, a identidade está sempre em mudança.

Bhabha chama a atenção para o fato de que se deve estudar a diferença cultural, e não a diversidade cultural, pois essa última seria “a representação retórica radical da separação de culturas totalizadas que existem intocadas pela intertextualidade de seus locais históricos, protegidas na utopia de uma memória mítica de uma identidade coletiva única” (BHABHA, 2003, p.63). Enquanto isso, a diferença cultural “concentra-se no problema da ambivalência da autoridade cultural: a tentativa de dominar em nome de uma supremacia cultural que é ela mesma produzida apenas no momento da diferenciação” (BHABHA, 2003, p.64).

Tratando-se da África, a diferença cultural existente entre homens e mulheres é gigante, justificada por uma autoridade masculina tradicional em que são os homens que decidem os destinos individuais e coletivos das mulheres. São essas diferenças – e como elas são representadas nas obras analisadas – que passarão a ser abordadas a partir de agora.

2 MOÇAMBIQUE: CAPULANAS EM FOCO

Moçambique, oficialmente República de Moçambique, é um país africano situado na costa sudeste do continente. Limita-se ao norte com a República da Tanzânia, a noroeste com o Malawi e a Zâmbia, a oeste com o Zimbabwe e a República da África do Sul, e a sul com a Suazilândia e ainda a África do Sul. Toda a faixa leste é banhada pelo Oceano Índico. Possui uma área aproximada de 799.380 km² e uma população de 25,8 milhões de pessoas (PNUD, 2014). O país é dividido em 11 províncias, contando a capital Cidade de Maputo, que possui o estatuto de província.

O nome Moçambique vem do grego “Muça”, que significa Moisés, em referência ao filho de um pirata árabe que dominava a região, e “miliki”, que representa rei. O vocábulo português Moçambique data do século XVI, e fazia referência à Ilha de Moçambique, que foi a primeira capital do país.

A situação linguística moçambicana não é muito diferente daquela dos demais países africanos de língua portuguesa. Além do português, considerado a língua oficial, há diversos outros idiomas falados em Moçambique, quase todas pertencentes ao grupo bantu⁴, além de algumas línguas asiáticas. Segundo Armando Jorge Lopes (2006, p. 35), “a língua com o maior número de falantes é o Emakhuwa, que corresponde a 25% da população total do país”.

Porém, mesmo depois da independência, o português permaneceu como língua oficial, sendo as demais consideradas como línguas nacionais. Lopes (2006) questiona essa atitude, na medida em que, para uma língua permanecer, ela deve ter o caráter de oficial, pois só assim todos terão acesso desde o ensino primário e deverão aprendê-la para utilizá-la em diversas situações administrativas do dia a dia. A maioria da população moçambicana não tem o português como língua materna, e sim as diversas línguas bantu,

Quanto ao português, língua oficial do país, é o meio de comunicação utilizado nas áreas da administração e educação, e tem sido classificada como o símbolo da unidade nacional. Os falantes do português como língua materna representam 3% da população total e constituem uma percentagem considerável (17,7%) do número de falantes na capital, a Cidade de Maputo. No país, mais de 90% de falantes do português como língua materna são urbanos, enquanto que a esmagadora maioria dos falantes de línguas bantu como línguas maternas vive no campo. (LOPES, 2006, p.37).

⁴ Grupo etnolingüístico localizado principalmente na África subsariana que engloba cerca de 400 subgrupos étnicos diferentes.

Assim, mesmo sendo a língua oficial, o português não é o idioma da maioria da população.

2.1 O INÍCIO DE TUDO

Acredita-se que o povoamento humano em Moçambique date do período paleolítico⁵, sendo seus habitantes bosquímanos caçadores e coletores. Com a chegada dos povos Bantus (aproximadamente 300 d.C.), os povos primitivos foram forçados a se retirar para áreas mais desprovidas em recursos. Os Bantus eram guerreiros, agricultores e mais desenvolvidos, pois já conheciam o ferro e “foi no que hoje é conhecido como território banto que se começou a fabricar utensílios e armas de ferro, difundindo a prática aos demais territórios” (PEREIRA, 2007, p.27).

A partir do século X, instauram-se feitorias árabes no litoral do país. Esses entrepostos comerciais serviam para a troca de mercadorias vindas do interior, como ouro, cobre, marfim e ferro, por artigos de várias origens. Esses comerciantes “aprenderam as línguas locais, e tornaram-se intermediários, comprando mercadorias dos africanos e repassando-as aos comerciantes do mar” (PEREIRA, 2007, p.34). Dessa forma, surgiram cidades dominadas por comerciantes árabes e por bantos arabizados ou islamizados. Essa região da África oriental era bem importante, na medida em que ficava entre Portugal e as Índias.

Na região eram possíveis distinguir claramente três povos que ali residiam: os Macuas (a norte do rio Zambeze), os Carangas e os Tongas (que ocupavam o Sul do território).

Os povos Tonga tentavam utilizar a pecuária como forma de subsistência, mas, devido às condições climáticas, não conseguiam adotar o gado como parte importante de sua economia. Para acumular riqueza, eles “procuravam fortalecer-se e expandir suas linhagens obtendo mulheres pela guerra” (NEWITT, 1997, p. 47). As mulheres eram usadas, retiradas de suas famílias, como forma de demonstrar o poder masculino - prática essa da qual posteriormente os portugueses se utilizaram, aproveitando esse costume para conseguir guerreiros para suas lutas, pois aos tongas eram destinadas as prisioneiras dos povos derrotados.

Os Carangas migraram do sul e antigamente eram proprietários de gado. Havia uma fraqueza das chefias carangas do Norte, pois “apesar de apta à extracção de ouro e ao controlo das feiras mercantis, a sua terra não era boa para o gado, ao contrário da de onde haviam partido, a sul e a ocidente, que continuava rica em gado e deste modo podia suportar um poder político de

⁵ Período que teve início em cerca de 2,5 milhões a.C. e durou até cerca de 10000 a.C..

natureza mais marcante e contínua.” (NEWITT, 1997, p.50). Com o tempo, alguns carangas acabavam assumindo a cultura dos povos tongas que haviam conquistado.

No sul do país, a economia era baseada na criação de gado, então, como essa atividade não causava prejuízo ao solo, as capitais não precisavam ser alteradas de local com tanta frequência. Já no norte, a agricultura facilmente exauria a terra, fazendo com que a capital tivesse que ser trocada para algum terreno fértil. Desse modo, ocorre uma “natural divisão geográfica e económica que separa as áreas do Norte, apropriadas à agricultura, das do Sul, mais secas, apenas indicadas para o gado” (NEWITT, 1997, p.48).

Os carangas utilizavam explicações divinas para os acontecimentos: “a partir dos registros portugueses, é evidente terem os chefes charangas insistido sempre que possível na natureza divina e ritual do seu reinado. Dentro do seu *zimbabwe* (a capital do chefe), havia uma área reservada a que só as esposas e os criados tinham acesso” (NEWITT, 1997, p.55).

O uso das mulheres sempre serviu de forma a legitimar o poder masculino. Segundo Newitt (1997), várias práticas eram comuns, como a do chefe supremo ceder suas esposas aos pagens como forma de recompensar a lealdade e a do casamento com mulheres oriundas de outros clãs das famílias dos chefes territoriais para representar sua autoridade. Da mesma maneira, depois do domínio europeu, os portugueses confirmavam sua atuação na região com “a prática de casamentos com membros das principais famílias locais. Dessa forma a população nativa tornava-se partidária ou escrava dos chefes lusos” (PEREIRA, 2007, p.45).

Os chefes carangas podiam ter até nove esposas reais, todas pertencentes à sua família. Essa grande quantidade de mulheres à disposição do rei para reprodução gerava grandes problemas quanto à sucessão, já que existiam muitas linhas de descendentes com expectativas de poder. Estas esposas possuíam um papel importante na rotina do local, já que elas escolhiam quem entrava ou não nos aposentos reais, desempenhando uma função também na escolha do herdeiro do cargo.

Mesmo as esposas reais tinham que se submeter à tradição de serem herdadas pelo novo rei, tendo que formar novos casais. Por este motivo também que as mesmas escolhiam quem entrava em contato com seu marido, pois sabiam que depois estes poderiam ser seus futuros esposos.

As mulheres também eram utilizadas para manter algum estrangeiro comerciante sempre em contato com aquela região. Para isso, os chefes destinavam a eles várias regalias, incluindo a

oferta de mulheres. Esta missão destinada à mulher era reconhecida socialmente, pois estariam servindo ao povo, e não fazendo o que realmente desejavam.

Já o norte de Moçambique é dominado por povos falantes das línguas do grupo macua, que possuíam uma organização matrilinear. As cabanas frequentemente eram construídas “em cima de estacas para proteger os seus habitantes dos leões.” (NEWITT, 1997, p.71).

Portanto, na sociedade tradicional - aquela que existia já antes do colonialismo português -, a mulher sempre foi tratada como inferior, seja no sul ou no norte de Moçambique. No sul, existia uma sociedade patrilinear, em que as mulheres pertenciam à família do pai e depois à do marido, ficando a cargo deles sua tutela. No norte, havia uma sociedade matrilinear, e o controle da mulher pertencia ao homem mais velho da família da mãe. Segundo Raul Ruiz de Asúa Altuna (1985, p.108), o sistema matrilinear “na prática, é tão masculino como o patrilinear, porque são sempre os homens que mantêm a autoridade, o poder de pai e o exercício de direitos.”.

As pessoas do sexo feminino não podiam falar em público, por isso a importância de seus tutores masculinos. Barbara Isaacmam e June Stehfan (1984, p. 11) argumentam, em *A mulher moçambicana no processo de libertação*, que “segundo a lei consuetudinária as mulheres não eram pessoas no sentido legal. Não podiam, por exemplo, comparecer nos tribunais, tendo sempre de ser representadas pelo seu tutor masculino.”.

Além de não serem consideradas pessoas e não terem direito à fala, as mulheres eram, ainda, vistas como mercadorias, devido a duas características principais: sua força de trabalho, que poderia ser utilizada pelos seus “donos”, e sua capacidade procriadora, na medida em que criaria novos seres para o trabalho. Por isso as sociedades patrilineares se utilizavam do *lobolo*⁶, em que o marido deveria pagar um valor, podendo esse se apresentar de diversas formas (gado, vestuário, dinheiro), à família da mulher, para assegurar o controle do potencial produtivo e reprodutivo. A partir do momento em que o homem paga o *lobolo* à linhagem da mulher, ela e seus filhos passam a ser propriedades da família do marido. Essa forma de venda se desenvolveu mais no sul de Moçambique, pois eram populações criadoras de gado, tendo em vista que, no

⁶ Segundo Sofia Aboim (2008, p. 276), o lobolo (ou ainda lobola, ou lovolo na grafia oficial changana) “é a palavra local para designar o preço da noiva, uma prática comum em sociedades patrilineares (...) cerimônia em que a linhagem feminina é ritual e economicamente recompensada para garantir a passagem da mulher e do seus filhos para a família do marido”.

princípio, o *lobolo* era pago apenas com gado, posteriormente que começou a ser utilizado o dinheiro.

Essa venda da mulher acarreta grandes problemas, entre eles a dificuldade de dissolução da união, pois

Na medida em que a família da esposa teria que devolver o *lobolo* em caso de divórcio, exercia-se nela uma grande pressão para que permanecesse com o marido. (...) Por isso, mesmo quando a mulher era maltratada ou espancada regularmente pelo marido ou pela família dele, o conselho dos pais era sempre que devia permanecer em casa do marido e suportar isso. (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.13).

Ou seja, a família não conseguiria reembolsar o *lobolo* ao marido e depois também não conseguiria vender algo (no caso, a mulher) que já teria sido “usado” por outro. Com base nesse pensamento, as mulheres não tinham grande apoio da família para a separação, sendo aconselhadas a aceitar tudo e a obedecer sempre.

No norte do país, não se desenvolveu a compra da noiva como no sul. Devido à forma como se organizava a sociedade (matrilinear), mesmo que houvesse algum tipo de pagamento, os filhos sempre pertenciam à linhagem da mãe. Isso levava inclusive a consequências no casamento, pois era o “vínculo mais forte entre a mulher e a sua família, reforçado pela continuação da sua residência na povoação dos pais depois do casamento, da posição do marido como elemento exterior à aldeia (...), os casamentos eram menos estáveis que no sul e os divórcios relativamente comuns.” (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.14).

Algo comum em todos os lugares de Moçambique, assim como em outros países, é a posição de inferioridade das mulheres. Todas as sociedades possuíam algum tipo de rito de iniciação, casamentos prematuros quase sempre acertados sem considerar a opinião da mulher, além de a poligamia estar estabelecida. Esse pensamento era ensinado e reforçado nas famílias e em todas as práticas educativas.

As meninas já cresciam tendo um tratamento diferenciado dos seus irmãos. Elas eram ensinadas a sempre obedecer, a respeitar seus maridos acima de tudo. Rami, personagem principal do romance *Niketche, Uma História de Poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, é um bom exemplo. Ela aprendeu a submissão feminina desde cedo e diz: “Obedecer, sempre obedeci. As suas vontades sempre fiz. Dele sempre cuidei. Até suas loucuras suportei. (...) Sacrifiquei meus sonhos pelos sonhos dele.” (CHIZIANE, 2002, p.16).

As mulheres não tinham acesso a um conhecimento formal, sendo os ritos de iniciação a principal forma de educação. Ao chegar perto da puberdade, as meninas iniciavam os preparativos para a vida em casal. Eram ensinadas a agradar e a servir seus maridos, não importando a circunstância. Aprendiam também que a poligamia era uma prática boa devido à camaradagem das mulheres e à ajuda mútua. Era ensinado, em alguns casos, como satisfazer sexualmente seus maridos, inclusive tendo que demonstrar os movimentos. Muitas vezes envolvia (e em algumas partes da África ainda envolve) inclusive mutilação genital, pois se acreditava que traria maior prazer sexual ao homem, não pensando nunca na satisfação feminina. Em algumas regiões, “durante os ritos são tatuadas no ventre e região púbica. Atribuem à tatuagem um poder fecundante e sobretudo afrodisíaco. Por isso muitas mulheres, onde esta iniciação não existe, também são tatuadas.” (ALTUNA, 1985, p.298).

Depois de serem submetidas a esses ritos de iniciação, as mulheres estavam aptas para o casamento. Seus pais escolhiam o homem, geralmente mais velho, e elas tinham que aceitar. Assim, “no sul patrilinear e bem assim no norte matrilinear, o processo de educação terminava com os ritos de iniciação determinados pela comunidade” (NEWITT, 1997, p. 382).

A poligamia era outra forma de submissão e sofrimento da mulher, em que as mesmas eram obrigadas a dividir e a aceitar tudo que seu marido queria. Quase sempre o marido ia escolhendo mulheres mais jovens para se casar. Para Isaacmam e Stefhan (1984, p. 15),

A poligamia era a instituição que permitia aos homens aumentar a sua riqueza e o seu estatuto na sociedade. Quanto mais mulheres um homem possuísse, maior porção de terra podia ser cultivada, mais comida podia ser produzida e mais filhos podia fazer, que iriam todos ajudar as mães a cultivar mais para ele. (...) os membros mais importantes da sociedade tinham, usualmente, mais mulheres.

Então, quanto mais mulheres o homem tivesse, mais forte e poderoso era considerado - sendo que isso não representava a qualidade de vida de suas esposas.

O sofrimento da mulher continuava depois da morte de seu marido, pois, mesmo viúvas, elas continuavam pertencendo à família do homem (devido ao *lobolo*). Devido a essa posse, a mulher poderia passar para outro homem da família ou ser devolvida aos pais. Além do mais, “como as mulheres não eram consideradas pessoas, não tinham direitos de herança” (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.16), por isso, depois de viúvas, não havia nada que as resguardasse financeiramente, todos os bens pertenciam à família do homem, podendo deixar a mulher sem nada, expulsando-a até mesmo de sua casa.

O romance de Paulina Chiziane, *Niketche, Uma História de Poligamia*, mesmo passando-se em Maputo nos dias atuais, recria algumas dessas tradições, mostrando como a mulher sofre com a poligamia e com a sua submissão. Quando Rami descobre que seu marido Tony possui outras mulheres, não aceita, pois “marido não é pão que se corta com faca de pão, uma fatia por cada mulher.” (CHIZIANE, 2002, p.21). Depois de um tempo, ela aceita e começa a ter relações com as demais, chegando inclusive a ajudá-las a entrar no mundo do trabalho. Ao resgatarem a poligamia tradicional, inclusive dividem os dias que Tony ficaria com cada mulher.

Com a enganosa morte do homem, a situação não melhora. Muito pelo contrário. A família, na sua suposta legalidade (investida pela tradição), leva tudo da viúva: “Deixaram-me as paredes e o tecto, e dão-me um prazo de trinta dias para abandonar a casa.” (CHIZIANE, 2002, p. 221). Além de levarem tudo e de fazerem Rami passar por várias cerimônias (uma delas deixando-a sem roupa e raspando seu cabelo), submetem a viúva à *kutchinga*, que seria “inaugurar a viúva na nova vida, oito dias depois da fatalidade. *Kutchinga* é carimbo, marca de propriedade. Mulher lobolada com dinheiro e gado. É propriedade. Quem investe cobra, é preciso que o investimento renda.” (CHIZIANE, 2002, p. 211). Devido ao *lobolo*, a família do homem passa a ter direito sobre a mulher, fazendo-a passar por diversas dificuldades.

A vida da mulher, então, fica sempre em mãos masculinas. Antes de seu casamento, ela pertence ao seu pai, depois que o noivo paga por ela, passa a ser propriedade do marido, e conseqüentemente da família. Nesse sentido, o dilema que Rami vive representa a vida de muitas mulheres:

Preciso de um espaço para repousar o meu ser. Preciso de um pedaço de terra. Mas onde está minha terra? Na terra do meu marido? Não, não sou de lá. Ele diz-me que não sou de lá (...). O meu cordão umbilical foi enterrado na terra onde nasci, mas a tradição também diz que não sou de lá. Na terra do meu marido sou estrangeira. Na terra dos meus pais sou estrangeira. Não sou de lugar nenhum. Não tenho registro, na mapa da vida não tenho nome. Uso este nome de casada que me pode ser retirado a qualquer momento. Por empréstimo. Usei o nome paterno, que me foi retirado. Era empréstimo. (CHIZIANE, 2002, p.92).

Não possuindo terra, nem nome, só resta à mulher tentar conviver com essa vida difícil a que a submetem ou tentar mudar, sabendo que as dificuldades para enfrentar esta segunda opção são enormes.

2.2 A CHEGADA DOS PORTUGUESES

A expansão marítima portuguesa, segundo Malyn Newitt (1997, p.32), “foi um subproduto directo da pobreza de Portugal, não da sua riqueza.”. Com a insuficiência na produção de alimentos para a população e para o comércio internacional, a nobreza via como forma de fazer fortuna as expedições armadas e a busca por novos territórios. D. João II, rei de Portugal entre 1481 e 1495, realizou diversas medidas para que o país tivesse o monopólio do comércio das especiarias do Oriente.

Depois de diversos atrasos devido à relação diplomática com a Espanha e subsequente morte de D. João II, em 1497, saíram quatro navios de Lisboa rumo a novos mundos. Em fevereiro de 1498, Moçambique foi descoberto pelo português Vasco da Gama, iniciando, portanto, o domínio luso na colônia. O homem buscou uma aliança com o rei de Melinde, encontro inclusive representado por Camões, em *Os Lusíadas*.

Desde seu princípio, a ocupação colonial nunca foi totalmente pacífica. Os povos moçambicanos lutaram, demonstrando grande resistência à colonização. Foram destaques as disputas chefiadas por Mawewe, Muzila, Ngungunhane, Komala, Kuphula, Marave, Molid-Volay e Mataka, grupos tribais que tentaram evitar a dominação portuguesa. A partir do século XX, Portugal conseguiu estabilizar parcialmente o país.

Os portugueses, a partir dos primeiros contatos que tiveram com a região conquistada, perceberam a existência dos três povos africanos que ali viviam: os Macuas, os Carangas e os Tongas. Os colonizadores tiraram proveito dos costumes das povoações para conseguirem apoio entre os locais.

Não bastando todo o sofrimento que as mulheres passavam, ainda existia um enorme agravante: a exploração sexual pelos colonialistas. Esses crimes aumentavam a opressão das mulheres, que sofriam constantes violações, não importando se eram crianças, jovens, casadas. Se a situação já era ruim, piorou com a chegada das tropas portuguesas (na época da guerra colonial), já que eles não respeitavam nada, retirando as mulheres à força de suas casas, mesmo na presença de seus maridos. Acreditavam que, só por serem europeus e brancos, todas as mulheres africanas iriam se sentir privilegiadas ao dormirem com eles.

A partir da decisão da Coroa Portuguesa em crescer seu domínio no Oriente, Sofala e Quiloa⁷ passam a ter um grande papel. Já de conhecimento do volume do comércio de ouro nestas duas cidades, os portugueses queriam prevalecer-se de tal sistema econômico já consumado. Além disso, mesmo antes da chegada dos portugueses, Quiloa servia como porto de paragem para os navios que tinham como rumo o Oriente. Assim, Portugal passou a utilizar também o local como posto intermédio.

Inicialmente a penetração ocorria somente para obter ouro, e a fixação se deu apenas no litoral, onde construíram fortalezas em Sofala (1505) e na Ilha de Moçambique (1507). Com a decisão de montar um colonato permanente na Ilha, “foram edificadas um hospital, uma igreja e uma bateria fortificada. Moçambique começou a substituir Sofala como porto de passagem e como centro administrativo.” (NEWITT, 1997, p. 36).

Tanto Sofala quanto Quiloa foram problemáticas para o governo português, no sentido de controlar as regiões, pois isso colidia com os interesses dos governantes tradicionais. Em 1513, os portugueses decidiram abandonar a feitoria de Quiloa, que atualmente pertence à Tanzânia. Em Sofala o resultado foi distinto, pois, mesmo com as dificuldades encontradas, os portugueses mataram o xeque local e colocaram no lugar um governante do seu agrado.

Regina Zilberman (2012), em seu artigo *Duas viagens, um destino, Moçambique*, relata duas viagens realizadas até o recente território português conquistado que não tiveram êxito. O primeiro caso relatado é do naufrágio de galeão São João, em 24 de junho de 1552, próximo à fronteira de Moçambique. A maioria da tripulação conseguiu chegar à terra firme, incluindo o capitão Manuel de Sousa Sepúlveda, sua esposa, Leonor de Sá, e seus dois filhos. Porém, ao realizar a travessia por parte do continente africano, todos acabaram morrendo. Este naufrágio foi tema de muitas narrativas e poemas, já que o risco de acidentes como esse era uma realidade durante a época dos descobrimentos, entre eles está Camões (no canto V, de *Os Lusíadas*) e Jerônimo Corte Real (no poema *Naufrágio e Lastimoso Sucesso da Perdição de Manuel de Sousa Sepúlveda e Dona Leonor De Sá Sua Mulher*). A segunda viagem descrita por Zilberman tem caráter de catequese e foi realizada por D. Gonçalo da Silveira, padre da Companhia de Jesus, que decidiu fazer seu trabalho ao longo das terras situadas junto ao rio Zambeze (que vai de Moçambique até o Zimbábue). Mesmo depois de ter convertido o imperador, ele é acusado de feitiçaria e, em 15 de março de 1561, é morto, sendo seu corpo lançado no rio. Essa história

⁷ Importantes portos dominados pelos muçulmanos, que abarcavam quase toda a mineração da região.

também foi abordada como tema na literatura, com Camões e Mia Couto, em *O outro pé da sereia*. Nas duas viagens, os moçambicanos são visto como cafres, que era como os árabes chamavam os africanos, sendo considerados infiéis, mas também representa pessoas ignorantes, bárbaras e rudes. Portanto, esses dois casos,

aproximam-se, quando flagram um processo comum, peculiar à história de Moçambique, em particular, e da África, de modo amplo. Eis porque as duas viagens chegam a um mesmo destino, narrando uma história de origens, não por dar conta de uma fundação, mas por revelar o fracasso de um projeto de colonização por esse ter em vista anular uma identidade que se mostra resistente e inquebrantável. (ZILBERMAN, 2012, p.127).

Na segunda década do século, havia em Moçambique uma estrutura comercial na costa e as “ocasionais investidas violentas contra esta ou aquela cidade eram menos o resultado de uma política consistente de destruição que uma reação às circunstâncias especiais de cada caso.” (NEWITT, 1997, p. 38). Além do mais, Sofala e a Ilha de Moçambique necessitavam das comunidades locais para a sua alimentação, tendo, assim, os europeus que evitarem a violência.

Aos poucos os portugueses começaram a fazer investidas militares, juntamente com atividades missionárias, para o interior, onde estabeleceram feitorias. O objetivo principal dessas instalações era dominar as regiões que davam acesso ao ouro. As penetrações em territórios ao sul do Rio Zambeze eram raras, fazendo com que os invasores soubessem muito pouco a respeito dessas terras e de sua população. Já o contato com o Norte era mais frequente, assim possuindo “observações sobre os estados e sociedades com que se deparavam” (NEWITT, 1997, p.51).

A extração do ouro complementava a produção agrícola desenvolvida no norte do país pelos nativos, pois a atividade mineira ganhava um maior espaço durante a estação seca, quando os trabalhos no campo não eram necessários. A mesma relação ocorria entre a caça do marfim, que era um subproduto da caça para alimentação, e não o objetivo principal. Esses trabalhos que geravam o ouro e o marfim acabavam sendo bem recompensados pelos portugueses.

A primeira forma de colonização real portuguesa foram os “prazos”, que eram pequenos feudos de portugueses (doados, comprados ou conquistados). Esses feudos só vieram a acabar com decretos régios de 1832 e 1854.

Em meados do século XVIII, as secas e suas consequências econômicas fizeram com que a agricultura e o comércio se contraíssem. O comércio do ouro e do marfim já não trazia tantos lucros como nos períodos anteriores. Então, o tráfico de escravos tornou-se a principal atividade

portuguesa na colônia. Milhares de negros foram arrancados de suas famílias e de suas terras e vendidos como escravos, para diversos países do mundo. Os principais impulsionadores do tráfico foram os produtores franceses de açúcar. Os portugueses não permitiam o comércio nos portos com os navios estrangeiros, mas o lucro era tão grande com o tráfico de escravos que se passou a comercializar a mercadoria humana de forma ilícita. Os governantes decidiam não cobrar os impostos ou os desviavam para seus próprios bolsos. Somente em 1785, o comércio de escravos com a França foi legalizado.

Com o aumento da procura, o preço por cada indivíduo também crescia. Na década de 70, “o preço médio de um escravo rondava os cento e vinte *cruzados*, sendo que, depois de dez anos, aquele oscilava entre os duzentos e os duzentos e quarenta *cruzados*. Em 1790, um escravo custava mais de quatrocentos *cruzados*.” (NEWITT, 1997, p.229).

Com a maioria dos entrepostos franceses e holandeses fechados devido à guerra, os compradores da mercadoria negra acabaram recorrendo aos próprios portugueses. Coube, portanto, ao governo de Portugal estabelecer esse negócio. Diante dessa situação, a economia de Moçambique foi modificada, pois, além de reunir os escravos para lotar muitos navios negreiros, a população ainda precisava conseguir uma grande quantidade de comida para alimentar os negros (enquanto estivessem aguardando nos barracões e depois no trajeto pelo mar até o seu país de destino). Com o aumento da intervenção do governo inglês pedindo o banimento do tráfico, os navios começaram a usar diferentes portos, fugindo do controle direto de Portugal. A partir de 1830 o comércio de escravos para o Brasil passou a ser ilegal, mas não menos lucrativo, já que continuou a ser realizado, só que às escondidas.

Até o ano de 1800, o número de escravos traficados por ano era de dez mil, número este que passa para 15 e 25 mil escravos/ano até começar a decair depois de 1850. Tal comércio continuou mesmo depois da abolição da escravatura. Moçambique chegou a enviar “trinta mil indivíduos nos dois anos que antecederam 1830” (NEWITT, 1997, p.232).

Segundo André Luiz Reis da Silva (2008, p.104), inicialmente os escravos eram trocados por diversos produtos (“presentes”). Depois da sistematização do tráfico negreiro, os comerciantes começaram a exigir outras mercadorias. Então, além das contas, que eram utilizadas como moedas, trocava-se por “tecidos, armas de fogo, facas, pólvora, bebidas alcoólicas, fumo, açúcar, bacias de cobre, basicamente produtos de consumo que em pouco contribuíam para o desenvolvimento econômico africano” (SILVA, 2008, p.104).

Nestas condições, a mulher era duplamente prejudicada, já que, além de também ser submetida ao tráfico estrangeiro, sendo separada de filhos, marido, família, e sofrendo diversas humilhações ao ser obrigada a servir a seus senhores, elas também eram traficadas internamente, visto que diversos chefes raptavam ou trocavam mulheres para aumentar o potencial reprodutivo da comunidade ou para aumentar o poder do chefe. Elas eram vistas, além de mão de obra, como reprodutoras, e para tal fim poderiam ser usadas.

Com o descobrimento das minas em Kimberley⁸, em final da década de sessenta, começou no sul de Moçambique uma grande emigração de mão-de-obra para África do Sul, não só para trabalhar na mineração, mas também na construção de vias férreas.

Tal mudança ocasionou diferenças na forma como eram negociados os *lobolos*, já que antigamente era a troca de gado que gerava o casamento. Com os emigrantes recebendo em dinheiro, o dote começou a utilizar este mesmo mecanismo. Durante a década de 1890, o *lobolo* “rondava as 20 libras esterlinas de ouro com as ofertas adicionais de tecidos e uma arma aos pais da noiva” (NEWITT, 1997, p. 420). Os salários recebidos no estrangeiro acabaram modificando as relações sociais, principalmente no sul de Moçambique.

A ocupação portuguesa do território moçambicano começa a ficar ameaçada quando os chefes europeus decidem dividir a África. Uma das nações que demonstrou interesse pelas colônias portuguesas foi a Inglaterra, alegando que Portugal não havia colonizado todo o território. A Conferência de Berlim, realizada em 1885, deu fim a esse impasse, confirmando o domínio português sobre aquelas terras. Ela foi considerada um marco histórico do imperialismo contemporâneo, pois “sob o disfarce de objetivos humanitários, a conferência reúne várias países europeus, com maior ou menor interesse pelo continente africano” (CHAGASTELLES, 2008, p. 119).

Junto com a confirmação do domínio das terras portuguesas, veio a ordem de colonizar todo o país, fazendo uma ocupação efetiva da totalidade do território, limitado pelas fronteiras reconhecidas durante as Conferências. Só a partir desse momento é que ocorreu uma ocupação militar, levando a uma verdadeira administração colonial com os postos administrativos. Segundo Malyn Newitt (1997, p.308), “o Congresso de Berlim parecera estabelecer o princípio

⁸ Cidade sul-africana que a partir de 1966 recebeu milhares de mineiros para explorar seu subsolo rico em ouro e diamantes. A consequência da mineração excessiva foi o The Big Hole, maior cratera feita pelas mãos humanas do mundo.

de que a ocupação de facto e não a descoberta prévia constituíam o critério para o reconhecimento internacional dos direitos em África”.

Luiz Dario Teixeira Ribeiro (2007, p.66) afirma que, para chegar às conclusões dos territórios de cada potência, “diplomacia e armas modernas seriam utilizadas. A primeira, para as relações entre os europeus; as segundas, para as relações com os africanos”. Ao tratar dos países que entraram na partilha expõe que

A expansão colonial europeia na África dividiu o continente entre quatro potências: Grã-Bretanha, França, Bélgica e Portugal. Essas potências coloniais diferiam em níveis de desenvolvimento, riqueza e necessidades. Tal situação determinou diferenças secundárias, porque as colônias era predominantemente de exploração e não de povoamento. (RIBEIRO, 2007, p. 85).

Mesmo depois das Conferências, as discussões sobre a fronteira moçambicana continuavam. O início da década de noventa foi significativo, pois se chegou à resolução definitiva da fronteira entre Portugal e Inglaterra, trocando territórios que melhor os convinham. Então, “o moderno Moçambique é o resultado de uma série de tratados internacionais assinados entre Portugal e Grã-Bretanha em 1891.” (NEWITT, 1997, p.46).

Toda a África acabou sendo dividida levando muito pouco em conta o conhecimento do terreno. Normalmente seguiam os rios e bacias para demarcar onde acabava um domínio e iniciava outro ou ainda traçavam-se linhas retas. Tais fronteiras acabavam por não respeitar as diversidades étnicas da região. Desta forma, segundo Paulo Gilberto Visentini (2008, p.125),

As fronteiras desses países eram artificiais, tanto no que se refere ao mínimo critério de racionalidade geoeconômica como histórico-cultural. Grupos etno-linguísticos rivais eram reunidos em um mesmo Estado, enquanto outros afins encontravam-se separados por uma linha traçada à régua no mapa. O Estado antecedia à existência de uma nação.

Com o crescimento do interesse português pelo território moçambicano, aumentou também o número de registros historiográficos. Helder Garmes (2010, p. 210), em um artigo intitulado *Percurso pela documentação histórica e literária dos países africanos de língua oficial portuguesa (séculos XV-XIX)*, afirma que “ainda no século XIX, houve um grande interesse por parte de portugueses e estrangeiros de registrar o que se passava no espaço colonial luso-africano, fenômeno que não ocorrera na mesma proporção nos séculos anteriores.”. Claro que isso ocorreu não por boa vontade portuguesa em registrar mais fatos sobre a colônia, e sim por “interesses político-econômicos que aquelas localidades passaram a ter aos olhos da coroa

portuguesa depois da perda do Brasil e também da preocupação crescente dos países colonizadores europeus em delimitar seus territórios de dominação na África.” (GARMES, 2010, p.210).

Pires Laranjeira (1995), em *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, afirma que a tipografia foi introduzida em Moçambique em 1854, com o *Boletim Oficial*, que era o órgão de comunicação social da colônia. Nesse boletim havia legislação, noticiário oficial e religioso e também textos literários (exclusivamente coloniais). Em 1868, surgiu um semanário chamado *O Progresso*, mas que teve apenas um número, pois depois foi censurado. Já no início do século XX, Carvalho e Silva tentou fundar outros quatro jornais, mas todos acabaram fechados. Esses jornais não conseguiam permanecer abertos, já que a “imprensa não oficial de Moçambique foi geralmente de oposição aos governos, da colônia e de Lisboa.” (LARANJEIRAS, 1995, p. 18).

Com a incapacidade militar e financeira de Portugal em ocupar todo o país, a solução foi a distribuição de algumas extensões do território moçambicano para companhias majestáticas e arrendatárias (Companhia de Moçambique e Companhia do Niassa), que se dedicaram a uma economia de plantação e ao tráfego de mão-de-obra para países vizinhos. Esse sistema de administração ocorreu mais ao Norte, enquanto o Sul ficou a cargo da administração direta do Estado Colonial. Essa divisão econômica explica a diferença existente entre Norte e Sul quanto ao desenvolvimento do país.

A política colonial baseou-se em extrair riqueza da sociedade africana. Para tal lucro, o governo recorreu ao *chibalo*, que seria a mão-de-obra forçada. Ele “proporcionava não só ao governo a sua força laboral básica como procurava deliberadamente diluir o mercado de trabalho livre” (NEWITT, 1997, p. 361). Mesmo que os africanos fossem livres para escolher seu regime de trabalho, na realidade não era isso que ocorria, pois, mesmo não sendo obrigatório o *chibalo* para quem tivesse uma profissão ou trabalhasse na agricultura para exportação, os chefes de posto arrecadavam de maneira arbitrária as pessoas para o trabalho forçado. O *chibalo* também foi muito utilizado para a construção de estradas e para o serviço de carregadores durante a primeira guerra mundial. Estima-se, segundo Newitt (1997, p.366), que os portugueses forneceram “30.000 carregadores às forças britânicas e 60.000 para os seus próprios exércitos durante a guerra” - e, com essa grande perda de pessoas do sexo masculino, quem fica acaba sofrendo ainda mais.

Durante a dominação portuguesa, as mulheres sofreram com o trabalho forçado (em construções, plantações), com a humilhação e com todos os males sociais e culturais do colonialismo, assim como os homens. Se antes da colonização tinham basicamente duas funções (cultivar e procriar), agora ainda tinham também o *chibalo* (forma de trabalho). Deviam conciliar tudo para não morrerem de fome e para não serem espancadas (o que acontecia quando os portugueses não ficavam satisfeitos com o trabalho). O trabalho forçado feminino foi bastante utilizado na construção de estradas.

A vida dos homens também acabou por prejudicar a realidade feminina. Ou eles ficavam em terras moçambicanas e eram submetidos ao *chibalo* (tendo ainda as mulheres que alimentá-los nos ambientes de trabalho), ou iam para os países vizinhos, onde trabalhariam para, pelo menos, receber algo. Isso repercutia muito na vida das mulheres, já que ou elas precisavam cuidar de seus homens, ou deviam superar grandes períodos de ausência e ainda trabalhar para os colonizadores. Se os maridos voltavam para ver a família, eram poucas vezes e por pouco tempo, para que não eles fossem pegos pelos portugueses. Então,

A ausência sistemática dos homens por períodos longos levava a que as mulheres tivessem que assumir ainda uma maior responsabilidade em relação às actividades domésticas e agrícolas. Daí resultou que a vida das mulheres piorou apreciavelmente durante o período colonial e o nível nutricional da família baixou dramaticamente. (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.18).

Em 1916, ocorreu uma revolta no Barué (distrito da província de Manica, na região central de Moçambique), devido ao grande número de homens recrutados para o exército ou para o serviço de carregadores pelos portugueses. Com a ausência de força masculina, as mulheres eram levadas para o *chibalo*, tendo que construir estradas sob a supervisão de uma polícia armada. A revolta contou com apoio de todos os grupos étnicos do vale, que se rebelaram contra o domínio e o trabalho forçado. A rebelião acabou sendo contida depois de anos.

O teórico Malyn Newitt (1997, p. 379) relata que a população moçambicana diminuiu na década de 20 e que, em 1930, havia uma grande diferença entre a quantidade de mulheres e de homens no país, devido à migração de mão-de-obra, tendo, assim, uma quantidade de “2.063.282 mulheres e 1.896.981 homens”.

Toda a visão de inferioridade que a mulher sofria antes da chegada dos portugueses só foi reforçada pela polícia colonial e pela religião. Elas eram consideradas como inferiores aos homens africanos, sofrendo, portanto, ainda mais. Neste contexto, a religião teve um papel

importante, seja nas regiões costeiras de Moçambique, onde houve a penetração do Islã, que acaba por manter a submissão feminina, ou com o cristianismo, que ficou responsável pela educação formal das crianças, mas era destinada somente aos meninos. Devido a isso, as mulheres permaneceram muito tempo no obscurantismo, na ignorância, sendo educadas o mínimo necessário. O analfabetismo acaba sendo mais elevado entre as mulheres, trazendo grandes problemas futuros.

Educação tradicionalmente ministrada pela Igreja,

Tal como noutras regiões da África, a verdadeira importância das igrejas no início do período de domínio colonial estava em proporcionar o acesso à literacia e à educação, abrindo deste modo um caminho, conquanto estreito e limitado, para os Africanos terem alguma participação no moderno estado que surgia e na ordem econômica. (NEWITT, 1997, p.381).

Mesmo assim, quem possuía certa condição mandava seus filhos estudar em Goa⁹ ou em Portugal. Devido a essas circunstâncias, Moçambique não desenvolveu grandes instituições de ensino.

Dada a incapacidade da Igreja Católica de cuidar da educação, o governo criou uma escola para raparigas – forma como as moças eram chamadas - e rapazes em Lourenço Marques¹⁰ e, em 1907, criou uma estrutura legal para educação da população não indígena das cidades.

Em 1930, a escola secundária de Moçambique (criada em 1918) contava com 208 alunos, sendo eles 164 europeus, 26 indianos, 17 de raça mista e uma menina africana (NEWITT, 1997). Tal dado mostra quão reduzida era a parcela da população que possuía acesso à educação formal.

Até 1940, no campo da produção literária, o que vigorava era a literatura colonial, que era inclusive apoiada pelas entidades oficiais por funcionar como instrumento ideológico que legitimava a dominação sobre o negro. Ela era composta por portugueses, em sua maioria, que escreviam e publicavam histórias que incentivavam a visão da África como algo exótico, contendo muitos preconceitos raciais e reiteração do colonialismo como algo bom. Quase sempre a narrativa se centrava em brancos e, quando retratava o negro, era de forma superficial, como se esse povo não tivesse nenhum tipo de profundidade. Para Pires Laranjeira (1995, p. 26), “Tal

⁹ Importante cidade comercial.

¹⁰ Capital do país durante a dominação portuguesa.

literatura interessará, hoje, apenas como curiosidade ou documento historiográfico para estudo da mentalidade colonial da época.”.

À medida que cresce o número de colonos em Moçambique, surge uma literatura feita por eles e um pouco diferente da colonial, pois aparecem seus problemas específicos. Porém, esse tipo de escrita, assim como a colonial, deturpa o que realmente acontece, já que mostra uma relação pacífica entre colonizador e colonizado, o que não passa de ilusão.

Segundo Benjamin Abdala Junior (2012, p. 143), em *Notas históricas: solidariedade e relações comunitárias nas literaturas dos países africanos de língua portuguesa*,

Aos poucos, nas primeiras décadas do século XX até às vésperas da Segunda Guerra Mundial, afirmaram-se na África colonial portuguesa formas de consciência regional, que já embutiam aspirações nacionais. Nessa nova matização, as imagens românticas são comutadas, em especial, por uma apropriação de repertórios do modernismo brasileiro. Esse é o dado novo, tendo em vista que o gesto artístico de nossos escritores procurava afastar paradigmas e mesmo uma sintaxe identificada com dicções evocativas da situação colonial.

Ou seja, aos poucos foram surgindo questionamentos sobre a realidade colonial, mas ligados primeiramente com o regional. Como necessitavam de modelos que não os portugueses, intelectuais moçambicanos, e também dos demais países de língua portuguesa, apropriaram-se de escritores brasileiros que escreviam sobre algo que se assemelhava à realidade da África. Assim, começam a surgir as primeiras vozes que mostram os conflitos, tensões e injustiças do colonialismo.

Portugal tentou isolar Moçambique das mudanças que estavam ocorrendo por toda África através de um regime burocrático e centralizado, que usava uma polícia de segurança para desorganizar a população. Mas com o avanço da migração, não houve mais como barrar as ideias revolucionárias.

Grande parte da intelectualidade moçambicana acabou estudando em Portugal, já que era fruto de uma burguesia ascendente. Nesse contexto, começaram a se organizar por lá, discutindo a realidade dos países africanos, mesmo estando longe. Para Benjamin Abdala Junior (2012, p. 146),

No período do pós-guerra, ao mesmo tempo em que se desenvolviam formas de organização político-culturais em cada um dos países africanos (...) constituiu-se em Portugal um importante núcleo organizativo: a Casa dos Estudantes do Império. O momento exigia novas estratégias (...). Espaço de convergência, a literatura (re)descobre cada país africano para (re)imaginá-lo em suas especificidades. Espaço político de

notável importância, passaram pela casa dos estudantes líderes como Amílcar Cabral, Alda do Espírito Santo, Marcelino dos Santos, além de Agostinho Neto, todos protagonistas das histórias das independências dos países africanos colonizados por Portugal.

Possivelmente, através das discussões que ocorriam na Casa dos Estudantes do Império, foram se formando os quadros da luta pela independência nos países africanos sob dominação de Portugal. Então, “foi no estrangeiro que o nacionalismo moçambicano nasceu efetivamente” (NEWITT, 1997, p. 450).

Em 1956, ocorreu uma greve dos estivadores do porto de Lourenço Marques, demonstrando já princípios de reivindicação social. Em 1960, houve a movimentação dos Macondes¹¹, em Mueda, que deixou 500 mortos e inúmeros feridos. São os antecedentes da luta de libertação.

Moçambique se encontrava em uma situação muito complicada. Jane Fraga Tutikian (2006) relata que, nas obras públicas e nas plantações de algodão, em 1960, mais de 800 mil pessoas trabalhavam sob o regime de trabalho escravo. Todo esse sentimento de inferioridade e a vida difícil levaram a manifestações e ao surgimento de movimentos nacionalistas, que receberam apoio de alguns países vizinhos, como a Tanzânia.

A educação também não se mostrava como prioridade para a administração colonial. Segundo Pires Laranjeira (1995), ao início dos anos 60, o analfabetismo atingia, em Moçambique, quase 98% da população, mostrando que o número de pessoas escolarizadas era baixíssimo. Isso acontecia devido à política portuguesa de “criar uma elite muito restrita de assimilados para servirem no sector terciário, ao mesmo tempo que deixava as populações entregues a si, sem permitir o seu auto-desenvolvimento ou, no pior dos casos, usando-as como mão-de-obra escrava ou barata.” (LARANJEIRA, 1995, p.20). Ou seja, se a metrópole oferecesse educação para toda a população, ela iria começar a ter consciência de sua situação e não se sujeitaria mais a tudo o que a ela era imposto.

2.3 A LUTA PELA LIBERDADE

Em junho de 1962, surgiu a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), fruto da união de três movimentos de libertação criados no exílio: União Democrática Nacional de

¹¹ Grupo étnico bantu.

Moçambique (UDENAMO), Mozambique African National Union (MANU) e União Nacional Africana para Moçambique Independente (UNAMI). Moçambique agora contava com uma frente que, em sua maioria, era formada por expatriados, “e como se para acentuar esta característica, foi chefiada por Eduardo Mondlane, o mais distinto académico negro moçambicano e funcionário das Nações Unidas em Nova Iorque, mas um homem que vivera quase sempre no estrangeiro durante os últimos dez anos” (NEWITT, 1997, p. 451).

Em 25 de setembro de 1964, a FRELIMO iniciou a luta armada de libertação nacional, quatro anos depois de Angola. Os ataques começaram no distrito de Chai, na província de Cabo Delgado, no extremo norte do país, e foram fortemente reprimidos. Segundo Newitt (1997, p.452), junto com o ataque armado emitiu-se uma proclamação e um apelo às armas. No início das operações, a organização contava com apenas 250 combatentes treinados.

As mulheres sempre participaram da resistência à dominação portuguesa. No início da luta de libertação, elas ajudavam no transporte de material, na preparação da alimentação dos combatentes da FRELIMO, na espionagem aos portugueses e na saúde e na educação nas áreas já libertadas. Tiveram papel importante também na mobilização da população moçambicana, explicando a política da FRELIMO para que assim todos apoiassem a luta e se juntassem aos combatentes.

Em dezembro de 1964, a PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado - deteve 1800 ativistas e acabou destruindo a organização no sul do país. Apesar disso, o crescimento da luta de libertação no norte foi grande, já que contou com certo apoio popular. Em 1965, a FRELIMO já controlava um quinto do país. Durante a luta de libertação, lideraram o movimento, primeiro, Eduardo Chivambo Mondlane, que acabou morrendo assassinado por uma bomba postal em 3 de fevereiro de 1969, seguido por Samora Machel.

Aos poucos, as mulheres também foram entrando na luta armada. Em 1967, criou-se o Destacamento Feminino (DF), parte do exército da FRELIMO, sendo, portanto, um corpo político-armado. As mulheres receberam treinamento político-militar na Tanzânia. O primeiro grupo de combatentes era formado por 25 mulheres. Os homens, alguns inclusive integrantes da frente, tiveram dificuldade em aceitar essa situação devido à tradição. Algumas, ao longo dos anos, casaram-se, tiveram filhos (que deixavam nos centros dirigidos pelo DF, que cuidavam de crianças) e, mesmo assim, não abandonaram as batalhas.

As mulheres queriam lutar e defender a população não só por fins políticos, mas também para proteger sua própria família. Com a intensa migração de homens para as minas da África do Sul, povoados inteiros ficaram somente com idosos, mulheres e crianças. Assim, era fundamental que a população feminina soubesse combater para proteger quem estava sob sua responsabilidade.

Uma preocupação que praticamente todos os movimentos de libertação tiveram foi em relação à educação, mostrando que, além de serem frentes militares, também prestavam atenção às questões culturais, demonstrando que queriam realmente mudar a realidade do seu país. Pires Laranjeira (1995, p.21) afirma que essa atitude ainda não teve “um verdadeiro alcance de massificação, devido a apenas atingirem os escassos milhares de militantes na clandestinidade e faixas de população que os apoiavam”. Em algumas regiões, até mesmo criavam-se pequenas escolas escondidas para que os guerrilheiros e alguma parcela da população comprometida com o movimento pudessem estudar.

Nesse momento histórico de luta nacional contra o colonialismo, os escritores não poderiam ficar de fora. Era necessário que em todas as frentes possíveis houvesse a relação com a política: “eram tempos de literatura engajada e esses intelectuais mostram-se com facetas especificamente literárias tão radicais como as políticas. O escritor e o cidadão, para eles, não poderiam deixar de caminhar juntos.” (ABDALA JR, 2012, p. 143).

A poesia assume papel importante nesse contexto, pois foi uma forma que os combatentes da FRELIMO encontraram para expressar o cotidiano da luta anti-colonial. Essa literatura combativa circulava de forma proibida, já que “era difícil, em tempo de luta armada, que as autoridades permitissem a organização de grupos coletivos intervenientes no plano da actividade literária” (FERREIRA, 1977, p. 93).

Muitas dúvidas surgiram referentes à questão da emancipação da mulher, se essa luta deveria ser vinculada à luta de libertação nacional ou não. Alguns defendiam que o esforço deveria ser centrado apenas contra o colonialismo, acreditando que, se a temática da emancipação feminina fosse vinculada aos seus ideais, suas lutas seriam prejudicadas, pois estariam afrontando as tradições locais. Mesmo assim, em dezembro de 1972, em uma sessão do Comitê Central, estabeleceu-se que a luta deveria ser pela melhoria de 100% da população, não deixando 50% de fora (parcela referente às mulheres), sendo, então, a emancipação da mulher uma das questões centrais da revolução.

Em março de 1973, aconteceu a I Conferência da Mulher Moçambicana, em que mulheres de várias partes de Moçambique participaram. Samora Machel, presidente da FRELIMO e depois da República Popular de Moçambique, fez o discurso de abertura, chamado *A libertação da Mulher é uma necessidade da revolução, garantia da sua continuidade, condição do seu triunfo*. Lá foi fundada e estruturada a Organização da Mulher Moçambicana (OMM), considerada

Uma estrutura de enquadramento e orientação da mulher moçambicana em geral, na batalha pela emancipação da mulher. A sua tarefa principal, além da anterior, é a de mobilizar a opinião internacional a favor da nossa luta, e exprimir a solidariedade da mulher e do Povo Moçambicano para com a luta libertadora e revolucionária das mulheres e dos Povos do mundo inteiro. Um combate, particularmente, impõe-se à Organização: manter sempre agudo o sentido real da emancipação, reforçar a luta ideológica contra as tentativas de desvirtuar a luta da mulher e de isolá-la da Revolução. É a adesão firme à linha, compreendida, assumida e vivida no detalhe do quotidiano, que fornecerá à Organização e à mulher o sentido necessário de vigilância, para detectar no embrião a menor ofensiva ideológica reacionária. (MACHEL, 1982, p. 30).

A participação de todas as mulheres seria imprescindível nessa Organização. Os quadros sairiam do Destacamento Feminino, já que as mulheres deste grupo teriam preparação política para tais funções.

Neste mesmo texto, Samora Machel (1982, p. 18) diz que a mulher “aparece como o ser mais oprimido, mais humilhado, mais explorado. Ela é explorada até pelo explorado, batida pelo homem rasgado pela palmatória, humilhada pelo homem esmagado pela bota do patrão e do colono”. Assim, como o ser que mais sofre, sua causa não deve ser deixada de lado, pois faz parte e é essencial para a criação de um mundo diferente. Relata também que é falso dizer que a mulher não sente necessidade de se libertar, pois “a dominação exercida pela sociedade, asfixiando-lhes a iniciativa, impede-lhes frequentemente de exprimirem as suas aspirações” (MACHEL, 1982, p. 19).

Samora afirma que a menina é desde pequena criada de maneira diferente, sendo inculcado nela um sentimento de inferioridade. Nas suas palavras, “o processo de alienação mental atinge o ponto culminante quando o elemento explorado, reduzido à passividade total, já não consegue imaginar que possa existir uma possibilidade de libertação, e ele próprio se torna agente difusor da teoria da resignação e passividade.” (MACHEL, 1982, p. 24). As mulheres acabam depois reproduzindo todo o sofrimento que viveram, mas isso porque já não conseguem almejar nada diferente.

No dia 25 de abril de 1974, o Movimento pelas Forças Armadas (MFA) acabou com a ditadura de Salazar e com isso uma nova esperança renasceu nas colônias portuguesas. Segundo Paulo Visentini (2010, p.48), “a queda do salazarismo era fruto da estagnação portuguesa e do desgaste causado pelas guerras coloniais na África”. O Estado Novo Português havia iniciado com a Constituição de 1933 e durou até a Revolução dos Cravos¹² em 1974, totalizando 41 anos ininterruptos de regime político autoritário. Também é conhecido por Salazarismo, devido ao líder António de Oliveira Salazar, que já estava desde 1928 participando do governo, com o cargo de Ministro das Finanças, e lá ficou até 1968, assim “mandou por quarenta anos; depois dele, Marcelo Caetano governou por mais seis” (SIMÕES, 2005, s.p.). Este período de Portugal foi marcado por grande violência que “se institucionaliza na guerra e na repressão policial, de mãos dadas, cá e lá” (SERRÃO, 1989, p.33). A guerra nas colônias e a PIDE agindo em Portugal acabaram gerando uma grande sensação de medo na população. Em 1974, “um milhão de homens portugueses servira nas forças armadas em África” (NEWITT, 1997, p.461), com isso a população politizara-se de uma forma sem precedente, não se convertendo à ideologia revolucionária, mas questionando a natureza e o objetivo das guerras coloniais.

Mas, mesmo depois da Revolução dos Cravos, a situação não mudou muito em Moçambique, pois “o exército e o governo civil não sabiam muito bem a função que desempenhavam ou sequer de quem recebiam ordens” (NEWITT, 1997, p. 462). A violência continuou e ocorreram inúmeros incidentes entre negros e brancos, devido à agitação do momento, com contestações e ameaças por parte da minoria branca. Em 7 de setembro de 1974, assinou-se o acordo de Lusaka, que instaurou um governo de transição de nove meses, rumo à independência do país sob o governo da FRELIMO.

2.4 PAÍS LIVRE NA LUTA POR IGUALDADE

A independência total do país veio em 25 de junho 1975 e ficou a cargo da FRELIMO, que instaurou um governo marxista. O primeiro presidente da então chamada República Popular de Moçambique foi Samora Machel. Mas, como dizia Amílcar Cabral, o grande pensador das lutas independentistas, a etapa mais difícil vem depois da vitória sobre o colonialismo.

¹² Movimento que derrubou o regime salazarista em 25 de abril de 1974.

A Constituição da República Popular de Moçambique foi elaborada integralmente pela FRELIMO logo após a independência. Trata em vários artigos da igualdade entre os sexos (artigo 11, 36 e 120) e da necessidade de emancipação da mulher (artigo 122). Mesmo estando previsto em lei a igualdade, as mulheres permanecem enfrentando diversos problemas. Também teve início a luta contra diversas práticas tradicionais (lobolo, poligamia, ritos de iniciação), pois contribuíam para acentuar a discriminação contra as mulheres.

Como a submissão da mulher sempre foi aceita na sociedade, mesmo membros do partido ainda demonstravam essa visão,

Apesar do influxo de mulheres membros do Partido, existe ainda bastante discriminação sexual nas células do Partido, herdada da sociedade tradicional e colonial. Nas actividades do Partido as mulheres são, muitas vezes, confinadas a desempenhar trabalhos domésticos. (...) Existe ainda a tendência para pensar em termos de “trabalho dos homens” e “trabalho das mulheres” e para limitar a participação das mulheres nas células do Partido aos sectores da educação, cultura, saúde e OMM. (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.37).

Combateram-se essas visões, tendo inclusive casos de militantes expulsos por não lutarem pela causa da emancipação da mulher.

A minoria branca não aceitava a transferência pacífica do poder. Isso fez com que, pela violência, os estrangeiros fossem retirados do país. Acredita-se que meio milhão de pessoas saíram de Moçambique nessa época. Como fazia parte da política colonial não preparar pessoas da própria terra para assumir os cargos administrativos, logo após a independência, com a retirada dos brancos, não havia quadros para ocupar as funções que ficaram livres.

Quem assume o poder então é, em sua maioria, quem havia estudado em Portugal, participado da Casa dos Estudantes¹³, e que vinha de exílios. Por isso, desconsideravam a realidade moçambicana. Para o teórico Newitt (1997, p. 465), “muitos moçambicanos desconheciam os novos governantes que tiraram o poder dos portugueses, e a Frelimo era relativamente alheia a grande parte do país que ia governar.”. Encontraram uma sociedade complexa, com um interior ainda primitivo, com economia de subsistência, e zonas urbanas com pessoas vivendo em situações bem complicadas. Outra consequência do abandono de quase meio milhão de brancos após a independência foi a carência enorme de mão-de-obra qualificada.

¹³ Associação de jovens dos territórios ultramarinos a estudar na metrópole. Foi criada durante a ditadura salazarista, a Casa dos Estudantes do Império devia apoiar e controlar estudantes das colónias, mas acabou tendo um papel fundamental para as lutas de independência.

Então, a situação dos Estados depois da independência “era difícil, pois a maioria dos colonos retirara-se, privando-os de capitais, técnicos e administradores, enquanto tinham de enfrentar o caos interno e as invasões externas.” (VISENTINI, 2010, p. 50).

É nesse contexto que surge o cinema (filmes e documentários) em Moçambique, ajudando também a construir a nação. Com a independência, portanto, nascem ambos. Antigamente o que se tinha era o cinema colonial, que era a visão do ocidente sobre a África. Em 1975, logo após o fim do colonialismo, criou-se o Instituto Nacional de Cinema (INC). O governo incentivava a produção de documentários, sobre o que estava a acontecer, que receberam o nome de Kuxa Kanema. Estas produções eram exibidas em salas e também por todo território com os cinemas móveis, onde a revolução era apresentada, assim como seus líderes. Houve muita ajuda exterior também neste ramo, com pessoas indo para Moçambique devido à falta mão de obra qualificada. Os documentários tinham um forte caráter pedagógico, fazendo com que todos participassem do projeto de nação que se estava construindo, uma ideia utópica de país que precisa ser ensinado, mostrando que o território é seu: a construção da narração da nação. A partir da década de 90, o cinema passa a ser descomprometido ideologicamente.

A história do colonialismo português, em Moçambique e nas outras colônias africanas, baseou-se na superposição cultural, junto com mecanismos econômicos de exploração das riquezas naturais e tráfico de escravos. Um artigo publicado no *Jornal Domingo*, em 29 de agosto de 2004, em Maputo, Moçambique, critica a tentativa de olhar com novos olhos o colonialismo, levando assim a um branqueamento da história. Demonstra que

O que estamos a assistir, hoje, é a sucessivas tentativas de branquear a história recente. A tentativas para tentar demonstrar que o colonialismo não foi tão mau como alguns pretendem dizer que tenha sido. Ou, e parece ser esta questão de fundo, que o colonialismo português não foi tão mau como outros colonialismos. Ora, muito claramente, não existiram sistemas de colonização bons e maus. Na sua essência, e pelos objectivos que perseguiram, todos os sistemas de colonização foram maus em si próprios. Isto, obviamente, do ponto de vista do colonizado. A quem pouco importava se a bandeira que tinha de respeitar era inglesa ou francesa, espanhola ou portuguesa, italiana ou alemã. O trabalho forçado, a palmatória, a escravatura foram, durante décadas, processos comuns. Digamos, então e para que fique claro em certas cabeças, que o colonialismo em momento algum foi melhor do que outros. Pelo contrário. Poderá ter sido bem pior, a partir do momento em que passou a reprimir, através da PIDE e da PIDE/DGS, toda e qualquer tentativa de independência. Em que começou a matar, a massacrar e a assassinar. Em Moçambique, como em Angola, como na Guiné-Bissau. E, contra factos não existem argumentos. (DAVID, 2004, s.p.).

Isso acaba desmistificando a ideia de que existe colonialismo bom e mau, mostrando que todos, na verdade, baseiam-se em dominação e superposição. A literatura tem papel fundamental nisso, pois é “contra esse branqueamento da história que a literatura luso-africana pós-colonial se inscreve.” (TUTIKIAN, 2006, p. 61).

Depois da independência, foram criados Grupos Dinamizadores nas regiões que a FRELIMO não controlava antes. Nesses grupos, um dos sete postos de responsabilidade era reservado à representante da OMM. Porém, os homens continuavam achando que as mulheres não deveriam participar das decisões, por isso elas permaneciam nos cargos de menor responsabilidade, cumprindo ordens e executando os planos elaborados por pessoas do sexo masculino. Além disso, tudo que tinha relação com as mulheres não passava pelos Grupos e sim pela OMM, demonstrando que os assuntos femininos continuavam a ser segregados e não discutidos por todos. Continuava, de certa forma, uma diferenciação.

Todas as células do partido realizavam campanha para a participação da mulher, para que as mesmas fossem tornando-se militantes, mas este movimento não teve muitas aceitações, tendo em vista que as mulheres estavam acostumadas à passividade, então não percebiam ainda a possibilidade do seu próprio engajamento político.

Buscou-se incentivar a educação, de forma que a população pudesse romper com as práticas tradicionais que perpetuavam costumes que oprimiam as mulheres. O grande foco foi uma campanha de alfabetização, sem o que seriam inúteis outras reformas. O acesso à saúde e à educação passou a ser um direito de todos.

A FRELIMO, com todas as dificuldades que encontrou, não conseguiu implantar o modelo econômico socialista, e o sistema de mercado existente desmoronou juntamente com o aumento de todos os problemas. Inicialmente, partido e estado não se distinguiram com facilidade, já que cargos da FRELIMO acabaram ocupando os espaços deixados pela administração portuguesa.

Parte da população começou a ficar descontente, pois consideravam o novo governo sulista, já que o principal líder, Samora Machel, era do sul. A localização física da capital (que deixou de ser chamada de Lourenço Marques e passou a ser conhecida por Maputo) no extremo sul do país agravou ainda mais a situação. Foram proibidos de participar das eleições antigos chefes tradicionais e régulos que tinham ocupado cargos no regime colonial, assim, em algumas zonas, pessoas do partido foram nomeadas mesmo sem posição local, o que gerou muita tensão.

Ao final dos anos 70, o movimento RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) passou a combater o governo da FRELIMO. A RENAMO foi um grupo anticomunista que recebeu apoio do governo da África do Sul (dominado por brancos) e que ficava na Rodésia (que hoje é Zimbábue), que também tinha dominação branca. Além disso, recebia ajuda de portugueses colonialistas e norte-americanos (interessados, indiretamente, em combater a URSS, que apoiava a FRELIMO). Esta organização “desenvolveu-se primeiro como uma unidade militar e não como um movimento político” (NEWITT, 1997, p. 482).

A RENAMO agia “destruindo estradas, ferrovias e oleodutos e dispersando os camponeses, o que arrasou a agricultura e formou bandos de refugiados” (VISENTINI, 2010, p.56). Seus maiores alvos não eram bases militares ou cidades protegidas, e sim a infra-estrutura econômica e a população rural. Mesmo com uma campanha político-ideológica e militar forte da FRELIMO, a guerrilha cresceu no país. Essa guerra civil também ficou conhecida como 2ª Guerra Colonial. Grande parte da atividade da RENAMO consistia em táticas de terror: homens, mulheres e crianças eram massacrados ou mutilados e com frequência os rapazes eram raptados e obrigados a cometer crimes horríveis.

Em 1984, Moçambique assina um tratado de não-agressão com a África do Sul, porém, o governo sul-africano não cumpre tal acordo e continua ajudando a RENAMO. Moçambique ajudou muito as populações negras de países vizinhos, como África do Sul e Rodésia, nas lutas contra seus governos brancos, isso fez com que os vizinhos também tivessem interesse em prejudicar o governo da FRELIMO.

Diversas tentativas de paz foram propostas, uma delas, ocorrida em setembro de 1986, levou à morte de Samora Machel, maior líder da FRELIMO e presidente do país. O avião que ele estava, junto com alguns ministros, saiu da rota, desviado por um sinal de rádio da África do Sul, e caiu. O acidente foi planejado pelos inimigos do regime para tentar dismantelar o país.

Demorou muito a solução desse impasse que levava a população a um grande sofrimento. Na década de 90, inicia-se a resolução deste conflito. Chissiano realiza difíceis negociações com a RENAMO. É assinado um acordo com o grupo anticomunista em 15 de outubro de 1992, em Roma, dependente da realização de eleições do país.

Depois da independência, foi incentivada a participação política das mulheres. Já nas primeiras eleições, elas tiveram direito a voto e a se candidatarem (já que a igualdade já estava prevista na Constituição). Esta conquista foi de grande importância, pois as mulheres começaram

a ser ouvidas, algo que não acontecia anteriormente. Como era esperado, elas não ocuparam tantos cargos, visto que ainda não estavam incluídas na vida política do país. As mulheres que mais se envolviam quase sempre eram da OMM, acumulando, então, diferentes tarefas políticas.

Graça Machel foi um nome de destaque nesta luta pela politização feminina. Lutando clandestinamente pela FRELIMO na luta de libertação nacional, organizava escolas nos territórios libertados. Graça não foi apenas primeira-dama (primeiramente, de Moçambique, cargo ocupado de 1976, quando ela se casa com Samora Machel, até 1986, com a morte do marido, e depois, da África do Sul, sendo casada com Nelson Mandela de 1998 até o falecimento dele em 2013), também ocupou o cargo de ministra da educação e da cultura de Moçambique por cerca de 14 anos, renunciando em 1989. Seu trabalho era focado em oferecer a todos os moçambicanos o conhecimento oferecido pelas escolas. Josina Machel (primeira esposa de Machel de 1969 até 1971, quando morre) também é considerada uma heroína, sendo uma das fundadoras do Destacamento Feminino, fugiu ainda jovem de Moçambique para se juntar com a FRELIMO. A data de sua morte, 7 de abril, é quando se comemora o Dia da Mulher Moçambicana.

O casamento, tradicionalmente e na época colonial, era baseado na união de mulheres muito jovens com homens bem mais velhos e na escolha do marido pelas famílias, em que não era consultada a opinião feminina. Esta distinção entre as idades deve-se ao fato de que, logo após a puberdade, quando fizessem os ritos de iniciação, as jovens já eram mandadas para o casamento. Já os homens eram mais velhos, ou pelo motivo da menina ter sido prometida antes do seu nascimento (explicando a diferença de idade) ou porque demorava até que os homens conseguissem recursos suficientes para pagar o *lobolo*.

Uma das frentes da FRELIMO sempre foi combater esses casamentos, assim como os ritos de iniciação e o *lobolo*, por acreditar que prejudicavam muito a vida da menina/mulher. As frentes baseavam-se em conversas com as famílias explicando a necessidade de as mulheres estudarem, das consequências negativas que um casamento prematuro traz, sobre os ritos. Tentou-se, inclusive, estabelecer uma idade mínima para os casamentos.

Da mesma forma, o combate à poligamia também foi intenso. Visto as consequências que o homem teria com essas uniões, ir contra essa prática foi bem difícil. Membros e dirigentes do próprio partido tinham várias esposas. Aos poucos, foram-se criando mecanismos para tentar explicar os benefícios do casamento monogâmico.

Buscou-se também tratar sobre a igualdade entre o casal, em que não haveria mais a inferioridade da mulher. Assim, o homem não teria como proibir sua esposa de realizar nenhuma atividade e tão pouco fazer algo contra ela. A partir disso, os próprios recursos do casal deveriam ser discutidos, não cabendo mais ao marido o controle absoluto da casa. O trabalho doméstico foi valorizado, para que os homens não tivessem a percepção de que as mulheres não estavam fazendo nada em casa, enquanto trabalhavam muito, pois arrumavam, cuidavam das crianças, faziam comida. Diversas iniciativas para maior entrada da mulher no mercado de trabalho também começaram a ser realizadas.

Antes da independência, era muito difícil que alguma mulher conseguisse o divórcio. Como elas necessitavam de um porta-voz (pois não tinham direito a se manifestar), nunca conseguiam alguém que as representassem. Para as famílias, aceitar o divórcio seria devolver o *lobolo* pago pelo esposo. Muitas mulheres acabam fugindo por não aguentarem mais, algumas acabando na prostituição por não terem mais como se sustentar.

A partir da segunda Conferência da OMM, o divórcio passou a ser direito de qualquer cidadão. Juntamente com isso se procurou incentivar o casamento e a família, pois foram muitos os casos de homens que se divorciaram de suas esposas, sem terem justificativas, só para casar com mulheres mais jovens e modernas. Os Tribunais Populares, a partir de 1978, com a Lei de Organização Judicial, podiam conceder o divórcio quando eram comprovados os maus-tratos ou se não havia mais possibilidade de reconciliação entre o casal.

Em 1981, é implementado o novo Direito de Família, “impondo o casamento monógamo, dispondo no sentido da posse conjunta de propriedades e tomada de decisões conjuntas sobre o local de residência, permitindo às mulheres o acesso aos tribunais para a manutenção e a imposição da obrigação de os pais sustentarem os filhos” (NEWITT, 1997, p. 471).

Os filhos, que antigamente sempre pertenciam aos pais, deveriam, pelas novas leis, permanecer com suas mães até serem maiores para decidir. E o pai deveria, obrigatoriamente, ajudar no sustento, dando uma parte do salário (ou das produções, caso se tratasse de camponês) para a ex-esposa.

Em 2004, ocorreu a aprovação da nova Lei da Família, que buscou uma conjugação entre os direitos universalmente reconhecidos e algumas tradições definidoras da estrutura familiar. Foi considerada uma ruptura clara com o passado de submissão e uma nova fase na vida das mulheres, já que a legislação antiga sobre família ainda era baseada em uma visão patriarcal.

No artigo 16, da Lei da Família (2004, p.2), fica estabelecido o casamento monogâmico. Porém, principalmente fora das grandes cidades, a poligamia ainda é uma prática realizada e defendida por muitos. Ainda nesta lei, fica proibido o casamento com menores de 18 anos (artigo 30). Como infelizmente a mentalidade das pessoas não pode ser alterada no mesmo ritmo que o sistema jurídico, ainda é possível encontrar homens casando com garotas, que muitas vezes são obrigadas a abandonar os estudos para assumirem uma vida familiar. Segundo a UNICEF (2014), 48% das meninas já estão casadas aos 18 anos e 14%, antes dos 15 anos. Através da mesma fonte, observa-se que 40% da população até 18 anos já possui filhos, ressaltando que uma parcela de 24% das mulheres entre 15 e 19 anos já possui dois filhos.

Tais casamentos com crianças ou jovens adolescentes podem levar a muitos riscos, já que elas não estariam completamente prontas para gerar filhos, fazendo com que a taxa de mortalidade maternal seja alta. A essa condição soma-se o fato de que muitas vezes os partos são feitos em condições perigosas, sendo raros os cuidados pré-natais e partos supervisionados clinicamente, principalmente no interior, onde apenas 44% da população rural possui pessoal capacitado acompanhando o nascimento (UNICEF, 2014).

Apesar de a nova lei também estabelecer igualdade de bens entre homens e mulheres, no dia a dia não é exatamente assim que ocorre, pois o marido continua como dono dos bens da casa. Este problema dificulta a vida das viúvas (que acabam ficando sem nada após a morte do homem) e das camponesas (que dependem do campo e, por isso, precisam de sua posse).

Logo após a independência, o país sofreu uma enorme recessão, causada pela retirada dos colonos, pela continuação da Guerra Fria, pelo controle público de algumas empresas privadas e pelas condições climáticas (fortes chuvas inundaram diversas zonas agrícolas). Simultaneamente, a África do Sul começou a dispensar a mão-de-obra moçambicana. Segundo dados expostos por Newitt (1997, p.473), em 1975 foram recrutados oficialmente “pelos Sul-Africanos 113.488 moçambicanos, mas em 1976 o número era apenas de 32.648”. Com o fim do *chibalo* a partir de 1974, não haviam mais trabalhadores para as plantações. Tanto os desempregados do setor agrícola como os ex-mineiros vindos do sul acabavam mudando-se para as cidades em busca de oportunidades. Com isso, “em 5 anos, a população da capital duplicou” (NEWITT, 1997, p.473).

A resposta imediata da FRELIMO foi a nacionalização de empresas portuguesas que haviam sido abandonadas, fazendo-as funcionar com a instalação de equipes. Em pouco tempo o estado controlava grande parte da economia do país. O apoio estrangeiro também foi importante,

pois muitas pessoas migraram para Moçambique a fim de substituir os portugueses que tinham ido embora.

Em 1994, realizou-se eleições multipartidárias. Ganhou a FRELIMO, com o presidente Joaquim Chissiano, que já estava no posto desde a morte de Samora Machel em um acidente de avião. Moçambique então estava dominado por diversos problemas: difícil estabilização, miséria enorme, inúmeros casos de tifo e cólera, minas terrestres em grande parte do território do país (frutos das guerras coloniais), dificultando o cultivo da terra. Em 1996, ocorre a aproximação com o governo de Nelson Mandela (África do Sul), assinando vários tratados de cooperação. A FRELIMO voltou a ganhar as eleições em 2000, 2004 e 2009. De 2004 até 2014, o presidente do país foi Armando Emílio Guebuza.

Durante grande parte do governo de Guebuza, a mulher assumiu um papel importante na política, com Luísa Diogo ocupando o cargo de primeira-ministra de 2004 até 2010. O atual presidente eleito de Moçambique chama-se Filipe Nyusi, também da FRELIMO. Para concorrer às eleições de 2014, o partido tinha os nomes da ex-primeira-ministra e do atual presidente. O último ganhou a escolha interna e depois a população o elegeu com 57% dos votos (36% para RENAMO).

Desde 9 de julho de 2002, o continente possui União Africana, que é composta por 53 membros, entre eles Moçambique. A ação da UA centra-se na promoção da democracia, dos direitos humanos e do desenvolvimento no continente africano. A União Africana também supervisiona a Nova Parceria para o Desenvolvimento de África (NEPAD), cujos objetivos fundamentais são “promover o desenvolvimento acelerado e sustentável, erradicar a pobreza generalizada, interromper a marginalização da África no sistema mundial e acelerar a capacitação das mulheres.” (VISENTINI, 2010, p. 88).

Segundo o *Relatório de Desenvolvimento Humano 2014*, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), a esperança de vida no país moçambicano está em 50,3 anos, e a idade mediana da população é de 17,8 anos. Com isso, percebe-se que as pessoas morrem muito cedo em comparação a outros países mais desenvolvidos. Apenas 56,1% dos adultos (15 anos ou mais) são alfabetizados, mostrando ainda uma dificuldade na área da educação. A maioria da população encontra-se em área rural, com apenas 31,7% vivendo em cidades. A pobreza é um grande problema em Moçambique, 60,7% da população vive na pobreza grave (maior nível).

Mesmo com diversos avanços, as mulheres continuam a sofrer com diversos problemas, pois a visão de submissão da mulher é algo que está fortemente relacionada à cultura e à tradição. Algumas características permanecem da sociedade tradicional justamente por isso. Ocorre uma resistência à mudança por acreditar na tradição como forma de preservação da identidade moçambicana.

A questão da violência ainda é muito presente, pois muitos homens se acham no direito de tal atitude, ou por verem a mulher como propriedade, ou por acharem que a agressão não é algo negativo. *Niketche*, nesse quesito, representa bem o pensamento masculino, pois Tony relata: “Nunca maltratei a Lu, bati nela algumas vezes, apenas para manifestar o meu carinho. (...) A minha mãe foi sempre espancada pelo meu pai, mas nunca abandonou o lar. As mulheres antigas são melhores que as de hoje, que se espantam com um simples açoite.” (CHIZIANE, 2002, p.283). A personagem compara as mulheres e chega à conclusão que o bom é quando as elas apanhavam quietas. Mas, felizmente, até ele percebe que esse tempo está mudando.

Segundo a Organização Mundial da Saúde (2002), violência é o uso intencional da força física ou do poder, concretizado ou não, que resulte em morte, lesão, abalo psicológico ou qualquer tipo de privação. Os principais tipos de violência praticados contra a mulher são a física, sexual e psicológica.

A OMS (2002) define violência física como toda ação ou omissão que leve a um dano corporal, estando ou não especificado em lei. Já a violência sexual, segundo a mesma organização, é qualquer ato sexual, tentativa de obter um ato sexual, comentário ou investida, que não sejam autorizados pela mulher, podendo ser praticados por qualquer pessoa, não importando sua relação com a vítima (esposo, pai, irmão, tio, chefe, amigo). Violência psicológica é a ação ou omissão que deseja controlar as ações, crenças, comportamentos ou decisões femininas, através de intimidação, ameaça, humilhação.

Segundo o governo de Moçambique (2008, p.8), em seu *Plano Nacional de Acção para Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher*, os atos de violência física mais comuns são

[...] as ofensas corporais voluntárias simples (esbofetear, pontapear, morder ou esmurrar), outras ofensas qualificadas (espancamentos que resulte em sangramento) e ameaças à integridade física. A principal forma de violência sexual no país é ser forçado a ter uma relação sexual com qualquer parceiro (estupro, assédio sexual, sucessor do falecido). Por sua vez, violência psicológica é tida como a que mais ocorre no país, pois que antes de ocorrência de qualquer uma das duas violências anteriormente citadas, ocorre primeiro a violência psicológica.

Em 2007, segundo o mesmo plano feito pelo governo, quase oito mil mulheres foram vítimas de algum tipo de violência doméstica. Mas este dado acaba por não representar a realidade do país, porque, na grande maioria dos casos, as vítimas não apresentam qualquer queixa à justiça. Tal situação se deve ao fato de que culturalmente lhes é ensinado que esse tipo de prática é comum e deve ser aceita. Assim, as mulheres, não conseguem pedir ajuda, ou quando pedem não recebem respostas positivas, porque existe o imaginário de que o homem pode fazer tudo com a mulher.

Em 2009, aprovou-se a “Lei sobre a Violência Doméstica Contra a Mulher”, que torna essa violência um crime público. Mesmo com os grandes avanços, as mulheres continuam a sofrer, pois ainda faltam muitos mecanismos para que esta lei seja completamente seguida. Muitas vezes o abuso sexual ou qualquer outra prática é tratado como um problema de família, e não um crime. Mais de 56% das mulheres declaram ser vítimas de algum tipo de violência doméstica, enquanto a taxa para o sexo masculino é de 15% (INE, 2013).

Ao relatar a vida de uma mulher comum, Paulina Chiziane (no livro já citado) acaba denunciando as trajetórias de muitas outras, com as diversas violações sofridas:

Há dias conheci uma mulher do interior da Zambézia. Tem cinco filhos, já crescidos. O primeiro, um mulato esbelto, é dos portugueses que a violaram durante a guerra colonial. O segundo, um preto, elegante e forte como um guerreiro, é fruto de outra violação dos guerrilheiros de libertação da mesma guerra colonial. O terceiro, outro mulato, mimoso como um gato, é dos comandos rodesianos brancos, que arrasaram esta terra para aniquilar as bases dos guerrilheiros do Zimbabwe. O quarto é dos rebeldes que fizeram a guerra civil no interior do país. A primeira e a segunda vez foi violada, mas à terceira e à quarta entregou-se de livre vontade, porque se sentia especializada em violação sexual. O quinto é de um homem com quem se deitou por amor pela primeira vez. Essa mulher carregou a história de todas as guerras do país no ventre. (CHIZIANE, 2002, p. 277).

A mulher do relato foi violada, depois aceitou seu “destino” e entregou-se para a violação. Suas violações representam a história de Moçambique, demonstrando que não importa quem os homens representassem, a questão da inferioridade feminina e da visão que podem usar de seu corpo sempre permanece presente. Mas a mulher ainda fica feliz, pois “a minha felicidade foi ter gerado só homens, nenhum deles conhecerá a dor da violação sexual.” (CHIZIANE, 2002, p. 278).

Como muitas mulheres, devido às condições a que sempre estiveram submetidas, não conhecem seus direitos (principalmente as mais pobres por causa do analfabetismo e da tradição) e, portanto, elas precisam de ajuda externa para aprender a se perceber como pessoas que

merecem atenção, respeito, cuidado. Para isso, além das políticas governamentais, as mulheres moçambicanas contam com muitas organizações não-governamentais (ONGS), que trabalham em diversas áreas, buscando a luta por igualdade e melhores condições de vida.

Segundo o *Relatório de Desenvolvimento Humano 2013*, do PNUD, em algumas áreas, as diferenças entre homens e mulheres ainda são grandes. Um exemplo claro disso é a taxa de população com pelo menos o ensino secundário, pois, baseando-se em dados de 2006-2012, a porcentagem com 25 anos ou mais é de 1,5 para o sexo feminino, enquanto para o sexo masculino é de 6,0, mostrando, com isso, que os homens ainda têm mais acesso à educação. Claro que a taxa geral de população com pelo menos o ensino secundário é pequena, 3,6 em 2012, mas, mesmo assim, a diferença entre homens e mulheres permanece.

O documento *Direitos de Mulher no Moçambique* (2007), organizado pela Liga Moçambicana dos Direitos Humanos, destaca diversas dificuldades que o público feminino ainda enfrenta, em diversas áreas do país. Tratando do acesso à educação, alguns pontos relevantes são: a escolha da língua portuguesa como a oficial de todo o território, que prejudica o acesso de meninas que falam outras línguas que não o português; a transferência de jovens grávidas precocemente (muitas vezes inclusive por abuso de professores ou colegas) para o curso noturno, sendo que isso leva a um grande abandono da escola. Nos ambientes escolares também destaca-se a tentativa de combater o assédio e os currículos, revendo os livros didáticos para mudar os estereótipos machistas e, ainda, nas aulas cívicas também se aborda questões de gênero. No entanto, como as meninas frequentemente precisam cuidar das tarefas domésticas, acabam tendo menos tempo para se dedicar aos estudos.

As mulheres ainda estão submetidas à prostituição, principalmente aquelas que fogem da zona rural para tentar escapar da pobreza e ficam nas cidades próximas de estradas, pois esta prática seria sua única forma de sustento. Para erradicar esse problema, são necessárias mais vagas de emprego, para que estas mulheres não precisassem se submeter a tais condições.

Alguns dados estatísticos mostram que a taxa de participação feminina na força de trabalho (% com 15 anos ou mais), de 2006-2012, é de 86,0, e a masculina é de 82,9 (PNUD, 2014). Percebe-se, portanto, que as mulheres estão entrando cada vez mais no mercado do trabalho. O Parlamento Nacional (2012) é composto por 39,2% de mulheres, demonstrando que o envolvimento feminino na política está crescendo. Embora estes dados demonstrem que a situação está melhorando, destaca-se que ainda há muito a ser feito.

As mulheres estão também muito mais sujeitas ao VIH (Vírus da Imunodeficiência Humana), conhecido como HIV (sigla em inglês). A taxa de prevalência do HIV na juventude (% de idades entre 15-24 anos), segundo dados de 2012, é de 6,6 para o sexo feminino, enquanto para o sexo masculino é de 2,8 (PNUD, 2014). Segundo Liga Moçambicana (2007), as mulheres são as mais afetadas pela SIDA (Síndrome de Imunodeficiência Adquirida – AIDS é a sigla em inglês) por sua falta de autonomia, que as leva a aceitar práticas sexuais arriscadas com seus parceiros, por acreditarem que devem se submeter aos homens ou por medo de represálias.

Modificar a tradição não é tarefa fácil, mas “as mulheres, de mãos dadas, podem mudar o mundo” (CHIZIANE, 2002, p. 289), e para isso é fundamental a compreensão e ajuda dos homens também. E que a vontade de Rami, personagem principal de *Niketche*, “Deus, faz de mim a última mulher da geração do sofrimento” (CHIZIANE, 2002, p.291), ocorra, tornando a vida das mulheres cada vez melhor.

Hoje em dia, o país ainda passa por muitas dificuldades devido à presença das minas terrestres (fruto das guerras coloniais), seca, ciclones e enchentes. Mesmo enfrentando tantas adversidades, os moçambicanos tentam se erguer e reconstruir sua terra. Mesmo com esse esforço, é uma “nação espacial e culturalmente destruída e em crise de identidade.” (TUTIKIAN, 2006, p. 64), ou seja, é um país ainda perdido, em busca de sua identidade. E a ficção moçambicana não consegue ser dissociada dos processos históricos que a contextualizam.

A literatura, atualmente, tenta encontrar a identidade desse povo, que há pouco tempo vive sem presença de guerras. Se, em certo momento histórico, ela foi de denúncia do colonialismo, depois de representação do sofrimento do povo, de tudo que se esperava pós-independência e que não ocorreu, hoje também invade “o mundo maravilhoso, mágico, fantástico, dos mitos, das lendas, do folclore, das crenças locais.” (GARCÍA, 2012, p. 109).

Então, ao mesmo tempo em que são várias literaturas, buscam se afirmar como uma só, moçambicana. O mesmo ocorre com o país, que possui diferentes realidades (no interior, por exemplo, as negociações são de ordem diferente daquelas das grandes cidades), mas que busca uma identidade nacional, para poder se reconstruir e se enxergar como povo. Não é uma tarefa fácil, mas estão no caminho certo.

Muitos são os livros que acabam por discutir a situação feminina, tentando representar como as mulheres são vistas e tratadas. É importante pensar que Moçambique é um país por construir, e a literatura ajudaria nessa construção, mostrando que os textos literários podem, de

certa forma, explicar a realidade vivida. Nesse sentido, os livros do escritor moçambicano Mia Couto são significativos, pois retratam a vida das mulheres no seu país.

3 A VARANDA DO FRANGIPANI

O romance *A varanda do frangipani* é marcado pela presença de muitas vozes, fato esse comum nas obras do moçambicano Mia Couto. Ele é composto por quinze capítulos, que são intercalados pela história do policial Izidine Naíta (e do fantasma de Ermelindo Mucanga) e pelas narrações dos moradores da fortaleza São Nicolau.

Segundo Ventura (2008, p.10), “é o romance de Mia Couto em que podemos dizer que a reprodução do relato oral e das experiências da oralidade predominam em importância e relevância sobre aquela representada pela dimensão escrita do mundo do inspetor”. São os idosos que, ao contar suas histórias, dão sentido aos acontecimentos, mostrando, assim, o papel fundamental da oralidade para essas culturas.

Segundo *A poética do mito*, de Mielietinski, a partir dos anos 50 e 60 a poética do mito¹⁴ começou a penetrar nas literaturas antes chamadas de terceiro mundo, diferenciando-se do processo ocorrido em outros locais, como se percebe no seguinte trecho:

o mitologismo no romance europeu ocidental do século XX não se baseia nas tradições folclóricas, enquanto nos romances latino-americanos e afro-asiáticos as tradições folclóricas arcaicas e a consciência folclórico-mitológica podem coexistir, ao menos em forma de resquício, com o intelectualismo modernista de tipo puramente europeu. (MIELIETINSKI, 1987, P.433).

Nos países emergentes, ou seja, os não industrializados, ocorre fortemente a presença do elemento simbólico e “essa situação histórico-cultural *sui generis* torna possível a coexistência e a interpenetração, que às vezes chega à síntese orgânica, de elementos de historicismo e mitologismo, realismo social e folclore autêntico” (MIELIETINSKI, 1987, p. 433).

No romance *A varanda do frangipani*, percebemos essa coexistência, pois aparecem os mitos tradicionais, ao mesmo tempo em que são comentados elementos históricos e modernos de Moçambique. É importante salientar que os mitos africanos são incorporados na literatura não só como estratégia estética, mas também por fazerem parte de sua cultura. Em outras palavras, estamos falando de uma cultura mítica, “o apelo de alguns escritores como os africanos, por exemplo, para a linguagem do mito teve como respaldo o fato de que, na sua cultura, os

¹⁴ Segundo Mielietinski (1987, p.199), mito são “representações fantásticas do mundo, como sistema de imagens fantásticas de deuses e espíritos que regem o mundo, ou como narração, como relato dos feitos dos deuses e heróis.”

resquícios do pensamento folclórico-mitológico eram uma realidade histórica” (MIELIETINSKI, 1987, p. 440).

Sidney Kasfir (2008), em seu artigo intitulado *Arte africana e autenticidade: um texto com uma sombra*, aborda pontos importantes quando se estuda as tradições africanas. Segundo este teórico, a ideia de que após a chegada dos portugueses houve a extinção dos costumes tradicionais não deve ser aceita, pois o que aconteceu foram transformações em virtude dessa nova realidade social. Essa tese deve ao fato de que, embora o esforço português pela sobreposição cultural fosse grande, houve, também, um esforço contrário no silêncio africano. Outro ponto abordado refere-se ao fato de que, ao estudar a cultura africana, deve-se ter clara a noção de que, na realidade, estudam-se diversas culturas, pois cada etnia possui uma forma diferente de ver o mundo, sendo, assim, preocupante realizar generalizações do tipo “o costume africano”.

3.1 ENTRE MEMÓRIAS - A OBRA

O livro inicia sendo narrado em primeira pessoa por Ermelindo Mucanga, um homem que morreu há mais de duas décadas, mas que virou um xipoco (alma que vagueia sem paradeiro) por não ter tido um funeral de acordo com a tradição de seu povo. Ele deveria ter sido enterrado com os joelhos dobrados, com o corpo posicionado tal como quando nasce, para ocupar pouca terra, e sem a presença de nenhum metal. Isso não foi respeitado, pois, junto de seu corpo, ficaram sua serra e seu martelo. Assim, nunca chegaria a ser um xicuembo, que são os defuntos definitivos que acabam sendo amados pelos vivos. Segundo Altuna (1985, p.450), “a prática muito espalhada de colocar o cadáver de cócoras, em posição fetal, simboliza o seu segundo nascimento”.

Segundo Felizardo Bouene (2004), os ancestrais continuam vivos na comunidade através da lembrança e da participação destes nas cerimônias realizadas, podendo inclusive interferir na existência dos que os amam e os respeitam. Ermelindo, por não ter tido um funeral tradicional, não virou um ancestral para sua família, fato este que ele não aceita.

Para Ludmila Costa Ribeiro (2010, p.66), “para o encaminhamento da alma dos mortos, os ritos fúnebres (...) são essenciais. É a partir deles que a alma do morto é celestiada, tornando-se ancestral”. Então, conforme narrado no romance, “aquele que tem uma passagem realizada em

conformidade como a tradição torna-se um ancestral divinizado pela família, o que é designado por *xicuembo*” (RIBEIRO, 2010, p.66).

Segundo o narrador, “todas essas atropelias sucederam porque morri fora do meu lugar. Trabalhava longe da minha vila natal” (COUTO, 2007, p.10). Ermelindo trabalhava nas obras de restauro da fortaleza de São Nicolau, que estava a ser preparada para ser uma prisão colonial contra os que lutavam pela independência do país. Nas vésperas da libertação foi quando ele deixou o mundo, evitando “de assistir a guerras e desgraças” (COUTO, 2007, p.10).

Em muitas culturas e também na africana, representada pelo moçambicano Mia Couto, o universo simbólico e mitológico se concentra “em problemas metafísicos como o mistério do nascimento e da morte, o destino, etc., que, em certo sentido, são periféricos para a ciência e para os quais as explicações puramente lógicas nem sempre satisfazem” (MIELIETINSKI, 1987, p. 196). Assim, para lidar de um modo mais compreensível com a morte, por exemplo, o povo acaba recheando esse ritual de elementos simbólicos, de maneira que possam explicar e conhecer melhor o que está acontecendo.

O corpo do narrador foi enterrado junto à frangipaneira, o que aliviava o sofrimento do homem com suas flores perfumadas. A árvore ficava na varanda da fortaleza, local que muitos gostavam, porque dali podiam ver o horizonte que separava aquele lugar do resto do mundo. Por ali já haviam passado escravos, marfins, panos, canhões que Portugal usava para atacar os navios holandeses. No fim do tempo colonial, buscou-se construir naquele lugar uma prisão para os revolucionários que combatiam os portugueses. Depois da independência, o local virou um asilo para idosos, isolado do resto do país por sua localização geográfica e pelas minas espalhadas ao redor do terreno. A fortaleza era inacessível,

Em um extremo, o mar bate nos altos rochedos inacessíveis, em outro, as areias da praia estão repletas de minas largadas no abandono pós-guerra, marcas físicas das mazelas que (de)marcam a memória das duas guerras vividas em Moçambique, a colonial, contra o inimigo externo, e a civil, que a sucedeu, contra o inimigo interno. (GARCIA; SILVA, 2012, p.64).

Aquele lugar representava, portanto, os resquícios das guerras externas (mar) e internas (minas).

No presente da narrativa, a tumba do homem começa a ser desrespeitada. Os governantes de Moçambique queriam transformá-lo em herói nacional, em comemoração aos vinte anos da independência do país, uma vez que afirmavam que ele havia morrido em combate contra os portugueses: “precisavam de um herói mas não um qualquer. Careciam de um da minha raça,

tribo e região.” (COUTO, 2007, p. 11). Sem saber o que fazer e não desejando se tornar um herói, Ermelindo consultou seu pangolim¹⁵. Após uma conversa, o amigo disse para ele remorrer, voltar a falecer. Ele decidiu fazer isso, pois assim teria um enterro segundo as tradições locais e poderia descansar em paz.

O homem escolhido para que o xipoco de Ermelindo entrasse foi Izidine Naíta, um agente da polícia que estava chegando à fortaleza para investigar a misteriosa morte do diretor do asilo. Este foi o selecionado, pois depois de seis dias ele morreria.

Como só de helicóptero se chegava à fortaleza (que mais parecia uma “fraqueleza”, devido a seu estado de ruínas), foi pelo ar que o policial chegou. Junto com ele, voltou ao asilo Marta Gimo, a enfermeira do local que havia ido até a capital dar testemunho sobre o ocorrido. A única informação que Izidine tinha era a de que havia chegado um helicóptero para buscar Vasto Excelêncio e sua mulher Ernestina, como combinado, e seus ocupantes encontraram o diretor morto.

Ao chegar, o homem (já com Ermelindo no canto de sua alma) não foi visto com bons olhos pelos velhos do local por não trazer confiança, já que era um de fora. O combinado foi que Izidine teria sete dias para descobrir o assassino. Não havia pistas, documentos, apenas “restavam-lhe testemunhas cuja memória e lucidez já há muito haviam falecido.” (COUTO, 2007, p. 22). Seu plano era, a cada noite, entrevistar um dos sobreviventes de São Nicolau e, durante o dia, anotar os depoimentos e investigar o local, sabendo que estava em um mundo de muitas verdades e muitas mentiras. Como afirma Peruzzo (s.d., p.6), “entramos em um universo de memória, no qual o real e o irreal abraçam-se e constroem um jogo de verdades e mentiras que se espalha pelas diversas vozes da narrativa”.

Ao se defrontar com os relatos dos velhos, Izidine percebeu que havia naquele lugar outra lógica cultural (a do mito), que era antagônica à sua visão racional dos fatos. Assim, durante todo o romance *A varanda do frangipani*, elementos simbólicos e míticos estão presentes, pois este era o universo dos habitantes do asilo e do Moçambique dos de antigamente. E esse processo de imersão de Izidine naquele universo se desenrola através dos vários testemunhos.

O primeiro a contar sua história a Izidine foi Navaia Caetano, o velho-criança. O homem nasceu, cresceu e ficou velho em um único dia devido a uma maldição. Foi parar no asilo, pois o

¹⁵ Conhecido como halakavuma, animal mítico, mamífero, coberto de escamas e que se alimenta de formigas. Em Moçambique, acredita-se que ele habita os céus, descendo à terra para transmitir notícias do futuro. Possui características que variam entre o humano e o animal. Mamífero que acompanha os mortos.

expulsaram de casa quando sua mãe morreu por sua culpa. Na fortaleza, ele animava a todos com suas brincadeiras de menino que não teve tempo de brincar na infância.

Navaia confessou que ele matou Vasto, pois numa noite todos haviam organizado uma cerimônia para que ele melhorasse logo e não morresse, mas, quando o diretor chegou, mandou que acabasse tudo e não se importou com o velho. Recuperado, o homem foi atrás do tirano com um punhal nas mãos para resolver o problema de todos.

O agente, então, começou a perceber que não conseguia compreender muitas coisas que lhe falavam por estar perdendo parte da tradição. Marta ainda tentava facilitar a comunicação, mas, às vezes, nem mesmo ela lhe era compreensível, fazendo com que se sentisse ainda mais perdido naquele espaço de ruínas, lembranças, saudade.

É fundamental perceber a importância do tempo para o velho, pois ele avisa ao policial que irá falar durante toda a noite, mostrando que a rapidez característica do mundo moderno não estaria presente em sua narrativa, o que nos coloca dentro da ótica de Stuart Hall (2011, p.70) que “diferentes épocas culturais têm diferentes formas de combinar essas coordenadas espaço-tempo”.

O português Domingos Mourão, rebatizado como Xidimingo, foi o próximo a dar seu testemunho. Explicando a importância da varanda onde estava situado o frangipani, ele relembrou sua vida e como não se sentia mais pertencente a Portugal, só lhe sobrando olhar o mar. Logo após a independência, sua mulher e filho deixaram Moçambique, mas ele ficou porque era ali que agora sentia suas raízes: “venho de uma tábua de outro mundo mas o meu chão é este, minhas raízes renasceram aqui” (COUTO, 2007, p.46).

Edward Said, em seu artigo *Reflexões sobre o exílio*, expõe como o sujeito exilado se sente diferente dos demais, pois não é sempre que consegue fazer parte de determinado lugar. Para ele, o exílio é “uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e o seu verdadeiro lar. (...) As realizações do exílio são permanentemente minadas pela perda de algo deixado para trás para sempre” (SAID, 2003, p.46). Então, não há como esquecer de tal condição, a falta de algo (sua terra, cultura, família, memória) o acompanhará por toda a vida. Said vai dizer que estar exilado é um experiência irrecuperável, que o não-pertencer é o que sobra diante da fronteira entre nós e os outros.

No asilo Domingos era o único homem branco e por isso sofria. Vasto o submetia a muitos castigos e agressões. Numa tarde em que Xidimingo estava sentado na varanda do

frangipani, o diretor chegou, ameaçou o homem falando que sabia que ele era encantado por sua mulher Ernestina e chutou o velho. A chegada da mulher impediu que o português jogasse uma pedra em Excelência.

Em outra ocasião, Domingos encontrou Ernestina e viu que ela tinha marcas no rosto, revoltado pelo fato de o marido ter batido na esposa, ele criou uma armadilha e jogou uma pedra em cima de Vasto, matando-o.

Segundo Said (2011, p.39), imperialismo “significa pensar, colonizar, controlar terras que não são nossas, que estão distantes, que são possuídas e habitadas por outros”. É a partir dessa memória que Vasto se relaciona com o português, ele não consegue esquecer esse passado de colonização que o velho representa, ele é aquele “outro” que controlou sua terra sem permissão do povo que ali habitava. Assim, Domingos sofre como todos os irmãos de Vasto também já sofreram.

Outro morador do asilo, o velho Nhonhoso, contou ao policial sobre sua amizade com o português, relatando uma situação em que acabaram brigando, como se fosse a FRELIMO contra os colonialistas. Os dois guardavam amores pelas duas mulheres presentes no asilo, Nhonhoso por Marta e Domingos por Ernestina.

O velho moçambicano cuidava toda noite da enfermeira. Numa noite, deparou-se com uma briga entre Vasto e Marta. Aborrecido com a situação, Nhonhoso encontrou o diretor em um corredor do asilo e acabou sufocando-o com a manta que carregava.

A confissão de Nãozinha revelou uma vida difícil, pois foi abusada pelo pai e depois expulsa de casa, acusada de ser a responsável pelas mortes do pai, marido e filhos. Ela afirmava virar água a cada noite, por isso dormia em uma banheira. Era conhecida por todos como feiticeira, dom esse que a velha acreditava não possuir.

Na noite do assassinato de Vasto, Nãozinha, Nhonhoso e Xidimingo foram levados ao gabinete do diretor. Lá, a mulher sofreu agressões físicas e o segundo pediu que o velho português batesse nele, porque iria preferir apanhar dele do que de outro. Antes que tal ato ocorresse, uma grande tempestade começou, era o wamulambo¹⁶, “uma cobra gigantíssima que

¹⁶ Em *Vinte e Zinco*, também de Mia Couto, há outra referência a cobra trazedora de tempestades, “Ninguém se podia crer: o monstro Napolo, a cobra voadora, trazedora de tempestades e relâmpagos! Tudo a cobra voadora arrasta no seu percurso. É assim que nasce o tempo, réstia do mundo devorado. O bicho se fantasia aos olhos da multidão. A bengala se irrealiza em presságio, assunto de sobrenaturezas.” (COUTO, 2004, s.p.).

vagueia pelos céus durante as tempestades” (COUTO, 2007, p. 85). O estrago foi grande no asilo, quebrando inclusive a banheira em que a feiticeira dormia.

Quando Nãozinha explica o que estava acontecendo com a cobra gigante que vinha pelo ar, ela estava, na verdade, transmitindo “o menos inteligível através do mais inteligível, ou não apreensível à mente através do apreensível à mente, e sobretudo o mais dificilmente resolvível através do menos dificilmente resolvível” (MIELIETINSKI, 1987, P. 196). Sem saber explicar sobre a origem física da tempestade, os povos tradicionais usavam seus mitos como forma de entender o que estava acontecendo e assim não temer o desconhecido. Então, “a transformação do caos em cosmo constitui o sentido fundamental da mitologia” (MIELIETINSKI, 1987, p. 196).

Devido à agressão que sofreu, Nãozinha ficou machucada, decidindo então fazer escorrer sangue de Vasto, assim como ele fez com ela. Ao se despedir dos amigos, eles perceberam que a mulher estava sangrando pelas pernas, e Nhonhoso reconheceu tal ato como tentativa de suicídio, que só poderia ser evitado se algum dos dois fizesse amor com ela. O velho moçambicano a acompanhou até o quarto e eles começaram a namorar, mas foram interrompidos por Vasto, que começou a rir de ambos. Ao retirar o velho do aposento, o diretor acabou bêbado, transando com a feiticeira e morrendo envenenado.

Em *A poética do mito*, Mielienski (1987, p.176) afirma que o mito “é uma espécie de “linguagem” simbólica em cujos termos o homem modelava, classificava, interpretava o mundo, a sociedade e a si mesmo”. Izidine, o inspetor enviado da capital, percebe como é nessa realidade do mito e do símbolo que os habitantes do asilo vivem, é assim que eles interpretam o mundo e a si mesmos. Nãozinha é significativa neste ponto, já que ela explica os fenômenos da natureza através de sua crença e também afirma sua transformação em água a cada noite como possível e real.

Izidine, ao conhecer melhor os habitantes da fortaleza, chegou à conclusão que “aqueles idosos eram testemunhas essenciais mas era de Marta Gimo que devia obter as suculentas informações” (COUTO, 2007, p.55). Nos seus relatos, eles contavam suas versões dos fatos e também sobre “vários assuntos como a guerra colonial, a guerra civil, o abandono, a solidão, a saudade do passado, etc, temas muito comuns na jovem nação moçambicana” (PERUZZO, s.d., p.7). Com isso, o homem centrou-se em fazer muitas perguntas à mulher, que sempre tentava fugir ou dar respostas que ele não conseguia entender.

Ela chamava a atenção para o fato de que o crime que estava ocorrendo no asilo não era aquele que o policial estava investigando, e sim outro: “o verdadeiro crime que está a ser cometido aqui é que estão a matar o antigamente” (COUTO, 2007, p.57). Marta dizia que aqueles velhos eram a única ligação do povo moçambicano com sua tradição e que estavam sendo abandonados. A enfermeira chegou a convidar o homem a fazer amor com ele, mas Izidine fugiu da mulher.

Na manhã seguinte, ele acordou decidido a arrancar alguma informação de Marta. Encontrou-a nua, dormindo no chão da cozinha. O homem desejava saber se a enfermeira teve algum relacionamento com Vasto, assunto este de que ela se recusou a falar, afirmando que ali ele não era nenhuma autoridade. Izidine pediu ajuda a ela, pois precisa descobrir algo, mas Marta disse que ele desejava condenar os velhos do asilo, pois tinha medo das lembranças que eles traziam. A mulher acaba chorando e pedindo que ele se retire.

Ao se deparar com o armazém em que guardavam os alimentos, ele decidiu investigar seu conteúdo. Nhonhoso disse-lhe para não entrar naquele lugar, pois não havia mais chão. Mesmo assim, o policial abriu a fechadura, olhou para o interior escuro, até que animais voaram de dentro do armazém, machucando o rosto de Izidine, e a porta se fechou. Nhonhoso teve que levá-lo até a feiticeira.

No contato com a feiticeira, todos descobrem que algo faltava no policial. O teórico russo Mielietinsky (1987, p.197) afirma sobre “a importância do mito para a solução de estados psicológicos críticos, particularmente daqueles que surgem nos momentos críticos da vida humana (...) e são acompanhados pelos respectivos 'ritos de passagem'”. Assim, a transição para o grupo masculino adulto seria considerado um momento crítico que só pode ser solucionado através do rito de passagem.

Os velhos decidiram fazer um ritual para Izidine, pois, segundo suas crenças, ele ainda não havia passado para a vida adulta: “cerimônia, sim, havia que ser feita. Era condição para ingresso na família, a tribo dos mais crescidos.” (COUTO, 2007, p.95). Izidine não fez a transição, por isso os velhos ainda não o consideravam um homem. Para solucionar este estado psicológico, os habitantes do asilo resolveram fazer a iniciação do agente.

De acordo com o teórico, “os mitos e ritos estão voltados para o psiquismo individual do homem, principalmente no plano da adaptação do indivíduo ao *socium*, da transformação de sua energia psíquica em utilidade social de certo modo compreensível” (MIELIETINSKI, 1987, p.

197). É só depois do rito de iniciação que o policial se torna parte daquela sociedade, estando assim adaptado ao mundo dos adultos e da cultura moçambicana e, dessa forma, já poderia receber as confissões fundamentais para a solução do caso do assassinato de Vasto.

Depois da festa, o policial e Marta saíram para caminhar e ficaram, finalmente, juntos, deixando o xipoco Ermelindo apaixonado no canto escondido da alma do policial. Após terem ficado mais íntimos, a mulher confessou que odiava em Vasto sua falta de preocupação com os velhos e com o que acontecia na fortaleza, pois sempre se negava a usar o helicóptero para levar os necessitados daquele lugar. Segundo Marta, o que estava acontecendo era um golpe de estado em todo país, um golpe contra o antigamente e era necessário lutar por essas raízes para que Moçambique não ficasse sem chão. Após adquirir confiança em Izidine, a enfermeira lhe entregou a carta que Ernestina deixou antes de partir.

Na carta, Ernestina contava como sofreu com a perda do filho e com as maldades que Vasto fazia na guerra e depois no asilo com os idosos. Se ela o amava no início, conhecer o verdadeiro marido fez com que esse sentimento acabasse. Foi na guerra que o diretor conheceu Salufo Tuco, que se tornou seu empregado no asilo. Era ele que descarregava os helicópteros e levava as caixas ao armazém, que era a antiga capela da fortaleza, “se o lugar já foi sagrado agora ainda o é mais” (COUTO, 2007, p.104).

Quando Vasto percebeu que haviam aberto o armazém, espancou Salufo achando que tinha sido ele, deixando-o muito machucado. O empregado pediu para Ernestina e para os velhos que o amarrassem no cata-vento. Depois de um tempo Salufo morreu, deixando o diretor furioso. Ernestina decidiu ficar velando o corpo do amigo a seguir seu esposo.

Na mesma noite em que Izidine leu a carta da esposa do diretor, Ermelindo foi chamado ao céu pelo seu pangolim. Lá o xipoco disse que gostou de reaver as lembranças que perdera na condição de fantasma e que não desistiria de seu plano de “remorrer”, pois não queria virar um herói. É nesse momento da narrativa que sabemos qual o trabalho que o narrador estava fazendo na fortaleza antes de sua morte, estavam transformando-a em uma cadeia para os revolucionários que estavam lutando pela independência. Os demais trabalhadores só fingiam fazer suas tarefas e ameaçavam Ermelindo por estar a “fabricar castigo para seus irmãos” (COUTO, 2007, p.114).

Marta resolveu, enfim, fazer sua confissão e contar ao policial sua verdade sobre os fatos. Segundo a moça, tudo que ocorreu foi pela guerra, desde a morte de Vasto até a segregação e falta de carinho para com os velhos. Ela contou que antes havia uma enfermaria no asilo, mas

que o local fora atacado e, além de mortes e roubos, o seu local de trabalho ficara destruído. Os estragos só não foram maiores, porque o diretor salvou muitas vidas.

Antes de ir para o asilo, Marta foi enviada a um campo de reeducação por ser considerada namoradeira. Foi lá que Vasto a encontrou e a levou para trabalhar como enfermeira na fortaleza. A mulher se apaixonou e, no início, ele era carinhoso, inclusive fazendo confissões da sua vida, de como se sentia traído pela revolução por ter sido enviado para um local distante apenas por ser mulato.

Das noites que passavam juntos surgiu uma gravidez. Vasto não queria a criança, já Ernestina desejava que a enfermeira lhe entregasse o filho, que ela iria criar como se fosse dela. O ventre da mulher do diretor também foi arredondando, mas tratava-se de uma gravidez psicológica, assim ambas foram retiradas do asilo. Marta acabou perdendo o filho e as duas retornaram à fortaleza.

Izidine foi chamado para um ritual em que Nãozinha iria fazer revelações. A feiticeira contou que o policial seria morto por alguém que viria de helicóptero. Segundo a mulher, ele era odiado, porque, mesmo negro, estudou na terra dos brancos, representando, assim, o seu conhecimento de mundo.

Nãozinha revelou, então, o verdadeiro segredo da fortaleza: ela servia de depósito de armas. As sobras da guerra eram trazidas pelo ar e guardadas na antiga capela. Só Vasto e Salufo tinham conhecimento disso. Quando os velhos descobriram, decidiram por fim àquele armamento que serviria para uma nova guerra. A senhora transformou o chão do armazém em um grande buraco negro e todos jogaram as armas naquele lugar, fazendo com que se perdessem para sempre.

Quando o helicóptero chegou para buscar as caixas com as armas, seus ocupantes não acharam nada. Suspeitando de Vasto, mataram-no e jogaram seu corpo nas rochas da praia. Quem matou o diretor iria voltar para matar o policial, esse foi o destino previsto pela feiticeira. Por isso, ela besuntou o homem com óleo de baleia como forma de protegê-lo de todo mal.

Ermelindo, escondido dentro de Izidine, resolveu ajudar o homem, mesmo que com isso acabasse tendo que voltar para sua cova e ser transformado em herói. Seu halakavuma iria ditar o plano e ele executaria. Ao escutar o barulho do helicóptero, o xipoco buscou seu hospedeiro e o levou até a praia. Uma grande tempestade começou e o helicóptero acabou caindo.

Ao retornar ao asilo junto com os velhos, o policial ficou surpreso, pois “à medida que caminhávamos, as ruínas se convertiam em imaculadas paredes, os edifícios se reerguiam intactos” (COUTO, 2007, p.142). O mesmo ocorreu com a árvore do frangipani, seu esqueleto se transformou no belo exemplar de antigamente. Assim, “o frangipani, como grande representante da magia da terra, é capaz, até mesmo, de se reerguer para abrigar os mais idosos, tornando-os parte da terra, que os acolhe e faz renascer em novo plano.” (SILVA, 2011, p.9).

Ermelindo retornou para seu mundo e junto levou os demais velhos, para que todos pudessem aproveitar o sono mais do que merecido. Do outro lado, junto ao frangipani, ficaram Izidine Naíta e Marta Gimo, como símbolos da nova geração que deveria lutar pelos costumes de antigamente.

Assim,

os personagens idosos, inicialmente passivos e submissos aos desmandos do diretor, tornam-se autores de sua própria história e lutam até o fim por aquilo que acreditam. Seu esforço é recompensado no final da história, pois naquele momento eles já podiam descansar e partir para outro mundo, porque suas memórias teriam uma continuidade com Izidine Naíta e Marta Gimo – os representantes da nova geração. (FERNANDES, 2009, p.180).

Para Said (2011, p.48), “perder de vista ou ignorar o contexto nacional e internacional (...) e focar apenas a coerência interna de seus papéis nos romances do autor é perder uma ligação essencial entre sua ficção e o mundo histórico dessa ficção”. Então, busca-se agora estabelecer relações entre o narrado no livro de Mia Couto e a situação da mulher no país, aproximando, assim, obra e realidade histórica.

3.2 XIDIMINGO, NHONHOSO, VASTO: SUAS PERCEPÇÕES FEMININAS

Os homens, em diversas partes do livro, retratam a importância da mulher, um exemplo disso é o fato de que todos acabam demonstrando interesse e sentindo necessidade de lembrar dessas figuras ao longo da vida. Ermelindo, o morto, retomou esse pensamento em: “Os restantes mortos teriam perdido a privada memória? Não sei. Em meu caso, contudo, eu aspirava ganhar acesso às minhas privadas vivências. O que queria lembrar, muito-muito, eram as mulheres que amei.” (COUTO, 2007, p.16) e “Era o gosto que me dava ser roçado por existência de mulher. Marta Gimo me trazia a ilusão de voltar ao tempo em que amei uma inautêntica. Na cova eu não

tinha acesso à memória. Perdera a capacidade de sonhar.” (COUTO, 2007, p.114). A personagem sentia falta dessas lembranças femininas e, quando está no corpo de Izidine, acabou readquirindo essas vivências, de maneira que não desejava abrir mão dessas recordações.

As amadas do xipoco tiveram importância em sua vida, pois, ao estar em outro plano, ainda desejava manter essa presença. Elas assumiram um papel para este homem, assim como ocorre em todo lugar. Se, durante sua existência, Ermelindo não chegou a esta conclusão, ao ter que conviver sozinho, percebe a falta da figura feminina.

Se tais pensamentos invadiam Izidine e Ermelindo, o mesmo ocorria com os velhos que, apesar da idade, não deixavam de se sentir atraídos e de sonharem com suas amadas. Uma conversa entre o velho-português Mourão e Nhonhoso mostra bem essa presença:

- *Eh pá, Mourão, deixe disso. Me desmistifique lá esta dúvida: será que sonhamos sempre com mulheres?*
 - *Eu sempre sonho com a mesma mulher...*
 - *Quem é?*
 - *É Marta, mesmo. Também quem manda a gaja despir-se aí, em frente de todos?*
 - *Cá eu gosto de estreitar é a mulher ao chefe, essa mulatona...*
 - *Ernestina? Cuidado, você: Excelência ainda lhe arreventa o olho espreitador.*
- (COUTO, 2007, p.68).

Ambos sonhavam com as únicas mulheres jovens do asilo (Marta, a enfermeira, e Ernestina, a mulher do diretor). Ao recorrerem a essas figuras em sonho, os velhos demonstravam que sentiam saudade do que não podiam mais realizar, e como seriam felizes ao ter uma mulher por perto, para que não necessitassem mais viver só de sonhos e lembranças.

Importante perceber na conversa dos dois as explicações e adjetivos que usam para suas paixões. Um retratou Ernestina como aquela “mulatona”, como se tal atributo fizesse a mulher ser digna de estar nos sonhos do português Xidimingo. Nhonhoso também explicou sua admiração e amor por Marta pelo fato dela tirar a roupa em algumas situações, como se com tal ato ela desejasse ser amada por todos.

Nas falas dos velhos, ao mesmo tempo em que aparecia o sonho com as mulheres, elas são, de certa forma, culpabilizadas. Os dois utilizavam-se de argumentos para justificar seus desejos, sejam com características físicas que despertariam a atenção sejam com ações feitas para chamar os olhares masculinos. É um jogo duplo de lembrança e culpa, que persegue as mulheres há tempos e em todos os lugares.

Outra passagem interessante para pensar o cuidado com a figura feminina e também o transcorrer do tempo para os idosos é quando Nhonhoso relatou suas ações de toda noite: “minha garça era Marta Gimo. Ela dormia nua sobre a terra, fizesse frio, tombasse chuva. Se cobria com os próprios braços. Era eu que, noites sem fim, lhe salvava do frio. Marta não sabia, ninguém sabia (COUTO, 2007, p.69)”. O velho ia até a cozinha onde a enfermeira dormia (nua e no chão, como fruto da tradição, que será trabalhada nesse capítulo) e a cobria com uma manta para que ela não passasse frio.

Ao mesmo tempo em que relatava esta ação, ele rememorava o seu tempo de namorador: “aquela andança de manta às costas era o que me restava de um glorioso passado de ladrão de solteiras, namoradeiro de fama e proveito. E pensei: *Antes eu cobria-as com meu corpo, agora lhos tapo com cobertor*” (COUTO, 2007, p.70). O que restou a Nhonhoso foi cuidar de sua paixão, já que se achava impossibilitado de outras ações.

O velho, que no presente se sente acuado, com medo e sem futuro, já no passado teve uma vida bem movimentada. Ele se recordava com nostalgia do tempo em que roubava as moças solteiras e que namorava bastante. Ao cobrir Marta com o cobertor, na verdade, ele desejava voltar ao tempo e poder cobri-la com seu corpo, mesmo que a moça não estivesse a par de suas intenções, já que ele se denominava “ladrão de solteiras”.

O passado do velho mostrava um comportamento comum de abuso e engano, pois as solteiras eram alvos de galanteios, declarações, até que os homens alcançassem seus desejos cobrindo-as com seus corpos. Não é relatado um futuro de compromisso, respeito, e sim apenas um divertimento masculino que acaba por não assumir as consequências de seus atos. Assim, Nhonhoso agora cuidava de Marta, protegendo-a do frio, enquanto, no passado, essas preocupações não lhe passavam pela mente.

Vasto, o diretor do asilo, sabia do interesse do velho-português Domingos Mourão pela sua esposa e usava isso para o atingir. Além de castigos físicos, ele promovia forte pressão psicológica ao idoso que ele deveria, por sua função, cuidar. Quando relatou que ia embora da fortaleza, ele disse: “- *E sabe que mais, velho? Vou levar comigo a minha mulher. Heim, vou carregar Ernestina. Está ouvir, velho? (...) Sem Ernestina quem é que você vai espreitar? Heim? Como será, velho?*” (COUTO, 2007, p.50).

Na fala do carrasco, fica clara sua visão de posse, como se sua mulher fosse apenas um objeto que ele poderia levar para onde desejasse, sem se preocupar com suas intenções, desejos,

expectativas. Vasto utiliza o verbo “carregar”, demonstrando que é ele quem escolhe o futuro de Ernestina. Ele se utiliza dessa situação também para demonstrar ao velho que sua mulher não poderá ser mais visualizada com cobiça, pois é também ele quem manda em tudo lá na fortaleza, inclusive na personagem feminina em questão.

Depois de tanta provocação, o velho se irritou e tentou revidar:

Então, dei azo a antigas fúrias: peguei numa pedra e apontei à cabeça do sacana. Uma inesperada mão me travou o gesto.

-Não faça isso, Xidimingo.

Era Ernestina, a mulher do Excelêncio. Me puxou para o assento de pedra. Suas mãos me desenharam as costas.

-Sente aqui.

Obedeci. Ernestina me passou os dedos pelos cabelos. Aspirei o ar em volta: nenhum cheiro me chegou. Era eu que inventava os perfumes dela? (COUTO, 2007, p.50).

Xidimingo foi impedido de jogar a pedra pela sua amada, Ernestina. Ela demonstrou um grande cuidado pelo velho, mostrando que se preocupava com ele e com suas atitudes. Ela não deixou que ele levasse até o final seu ato, não por temer pela saúde do seu esposo, e sim pelas consequências que atingiriam o português.

A mulher, em tal trecho, assim como em outros, assume o papel de mãe, cuidadora, que não permite que o pior aconteça. A posição do português de obediência para com Ernestina é significativa, visto que é uma personagem feminina quem está mandando e uma masculina obedecendo.

O homem terminou seu depoimento a Izidine confessando ter sido ele o responsável pela morte de Vasto: “assassinei o diretor do asilo. Foi por ciúmes? Não sei. Acho que nunca sabemos o motivo quando matamos por paixão” (COUTO, 2007, p.52). Para poder deixar livre a mulher que tanto queria e para acabar com todo o sofrimento, Xidimingo teria dado um fim no diretor.

A culpa pelo possível assassinato recaiu em Ernestina, foi por amor que o português deu um fim da vida do esposo de sua amada. Claro que o velho preocupava-se com a segurança e com o bem-estar da mulher, mas o ciúme esteve presente também no ato. Desta vez o desejo de posse acabou com o homem, mas muitas vezes acaba matando a própria mulher.

3.3 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UMA PRÁTICA PRESENTE

Segundo o português Domingos, na tarde do dia do assassinato de Vasto, ele percebeu que Ernestina havia sido agredida novamente por seu esposo: “reparei que ela evitada ser olhada de ambos os lados. Percebi, por fim. O seu rosto estava marcado, tingido de ter sido sovado. - *Vasto lhe bateu outra vez?* Ela desviu o rosto” (COUTO, 2007, p.52). Pela fala da personagem, o leitor chega à conclusão de que a mulher era vítima de violência em outras ocasiões, fato este que deixava os habitantes da fortaleza revoltados, mas que a mulher não conseguia por um fim, nem denunciar.

Segundo dados disponíveis no boletim *Outras Vozes* (2013), da ONG WLSA, o número de mulheres que procuraram ajuda por serem vítimas de violência doméstica cresceu. Ao analisar a situação feminina, os dados expõem que o maior número de violência relatada é a agressão física simples, totalizando 1687 vítimas de janeiro a setembro de 2012, apenas na capital Maputo. Outro fator importante, que se relaciona com o livro estudado, é que o número de queixas em regiões afastadas é bem menor do que se comparado aos centros urbanos, isso porque a tradição ainda está muito arraigada nestes locais ou, também, por não terem a quem fazer as queixas em segurança.

Podemos utilizar como exemplo a província Cabo Delgado (situada bem ao norte de Moçambique). Segundo dados disponíveis no portal do governo, a população desta região é de 1.683.681 habitantes e os dados da WLSA (2013) indicam que apenas 71 mulheres procuraram as autoridades por terem sido vítimas de violência física. A população da capital Maputo (também considerada uma província) é de 1.094.315 habitantes, menor que de Cabo Delgado, mas em compensação os casos denunciados são infinitamente maiores (1.687). Tais dados mostram como nos locais mais afastados as mulheres ainda tem dificuldade de lutar por seus direitos e contra aquilo que as oprime.

No caso do livro em análise, a fortaleza de São Nicolau era isolada de todo o mundo, não havia contato com ninguém além dos que ali habitavam. Ernestina, mesmo que desejasse, não teria a quem se queixar, pois a maior autoridade naquele espaço era justamente seu esposo e agressor. Além de um sentimento de inferioridade que a impedia de se rebelar e tentar acabar com a violência que sofria, havia também as amarras impostas pelo local em que vivia, assim como ocorre em muitas casas espalhadas por Moçambique.

O diretor do asilo, além de agredir sua esposa, também espancava os velhos. Durante várias partes do livro, tais atitudes são comentadas pelas personagens. Em uma dessas ocasiões, o homem bateu em Nãozinha: “Aos gritos me bateu no peito. Uma e mais e muitas vezes. Escolhia os seios: bateu neles até eu sentir como que fosse um rasgão me rompendo ao meio” (COUTO, 2007, p.83). Seus amigos que estavam juntos na hora da agressão, Mourão e Nhonhoso, tentaram ajudá-la, mas não tiveram sucesso. Ela, toda machucada, ficou sem reação e sofrendo por aquela cultura que não respeitava as mulheres e agora nem mais aquelas de idade avançada: “eu fiquei estendida, fingindo não ter sido senão um homem batendo em mulher velha” (COUTO, 2007, p.83). Como Nãozinha era feiticeira, ela ainda iria se vingar do homem.

Na passagem acima, o homem agrediu sem piedade uma senhora, deixando-a toda machucada física e psicologicamente. Assim como não respeitava as mulheres, Vasto não seguia sua tradição de zelar pelos mais velhos. Juntando seu desprezo pelo sexo feminino com a falta de consideração para com os idosos, espancou a feiticeira sem nenhum remorso. Ele destrói a sua cultura, ao mesmo tempo em que a segue.

Com a explicação cultural, os homens acabam agindo como se as mulheres e seus corpos os pertencessem. Segundo Edward Said (2011, p.50)

cresce em quase todo o mundo uma consciência das linhas *entre* culturas, as divisões e diferenças que não só nos permitem diferenciar as culturas, como também nos habilitam a ver até que ponto as culturas são estruturas de autoridade e participação criadas pelos homens, benévolas no que abrangem, incorporam e validam, menos benévolas no que excluem e rebaixam.

Se, para o teórico, nas culturas nacionais ocorrem tais distinções, no que diz respeito ao gênero também aparecem: como forma de manter o poder, os homens utilizam-se de diversas tradições para continuar a excluir e rebaixar a mulher.

3.4 MARTA GIMO: A ENFERMEIRA, CUIDADORA, CONHECEDORA, AMANTE, MÃE

Marta Gimo, a enfermeira do asilo, é apresentada ao leitor pelo narrador Ermelindo como uma “mulher de se olhar e lambar os olhos” (COUTO, 2007, p.21). Sua entrada no romance já ocorreu de maneira sensualizada, recorrendo a atributos que a fariam ser desejada. Ela, realmente, foi por diversos personagens: Vasto Excelência, Izidine Naíta e o velho Nhonhoso. É uma personagem forte, assim como as demais femininas, e que por muitas vezes deixa a todos

sem entender nada, mostrando que ela é conhecedora de informações que os homens desconhecem.

Ela ficou com o papel de mantenedora do asilo após a morte do diretor Vasto Excelêncio. A mulher, agindo conforme sua profissão, cuidava dos velhos habitantes da fortaleza com carinho e, principalmente, dando importância ao que eles representavam: o antigamente.

O mesmo cuidado que Marta mantinha com os idosos, ela acabou demonstrando em diversos momentos da narrativa com Izidine, por acreditar que ele precisava de ajuda e de apoio. Logo na primeira manhã em São Nicolau, a enfermeira despertou o policial: “trazia uma chávena de chá. O polícia bebeu-a de um trago, olhos embrulhados de sono. Entre ratos, baratas e pesadelos sobrava-lhe pouca cabeça. Marta riu-se de o ver assim e saiu para que ele repousasse um pouco mais” (COUTO, 2007, p.39). A atenção desprendida pela enfermeira para com o hóspede da fortaleza não era interesseira, ela acabou cuidando do homem, prestando-lhe alguns serviços básicos, como é o caso da alimentação.

É através da presença da mulher que muitas vezes ele se sente protegido e amparado, sendo realizado, pela personagem, até uma aproximação com sua mãe, como visto em:

Era Marta que se chegava perto, vinda do escuro, embrulhada em capulana. Se aproximou, parando junto dele. Ficaram como sentinelas silenciosas, junto à fortaleza. (...) Depois ela se sentou, cobrindo as pernas com a capulana. Começou, então, a entoar em surdina uma antiga canção de embalar. Izidine foi levado para longe, para fora do acontecível.

-Minha mãe me cantava essa mesma melodia.

Mas Marta já não estava ali. Ela se retirara. (COUTO, 2007, p.43).

Ao se lembrar da sua figura materna pela canção entoada por Marta, Izidine conseguia esquecer-se da realidade que o cercava, podendo sonhar com um mundo diferente daquele a que ele estava submetido.

É a partir da música, que possui importância fundamental na cultura africana, que o homem teve acesso a um universo melhor. Mas só conseguiu atingir tal estado através da voz feminina, foi o cantar de Marta que lhe trouxe algo bom. Assim como em outros momentos, a mulher foi responsável pela presença de pensamentos, de lembranças, de sentimentos e de ações positivas.

Já ao final do livro, momentos antes do policial conhecer toda a verdade, a aproximação entre eles foi maior, demonstrando não só cuidado e atenção por parte de Marta, mas também certa admiração. Assim, “antes de abrir a porta, ela se virou bruscamente. Deu-lhe um beijo, ao

de leve. Passou-lhe os dedos sobre os lábios como se esculpisse uma despedida no relevo da sua carne. Depois, abriu a porta” (COUTO, 2007, p.133). A relação sexual deles foi calma, suave, e não estava presente nem a violência e nem a posse. Ambos se respeitavam e se admiravam. É uma nova realidade para a mulher, acostumada com a agressividade masculina.

Ao ouvir os relatos dos velhos, Izidine percebeu a importância de Marta para que ele descobrisse o que realmente ocorreu no assassinato de Vasto, pois ela seria a única em “sã consciência” naquele asilo. Então, “aqueles idosos eram testemunhas essenciais mas era de Marta Gimo que devia obter as suculentas informações. A enfermeira, contudo, resistia com sutileza. Escusava-se a marcar encontros” (COUTO, 2007, p.55). A moça, sempre que podia, fugia do policial, escondendo seus segredos ou ainda aparecia quando ele menos esperava para depois sumir novamente.

A chave para a descoberta de todo o mistério daquela fortaleza estava na enfermeira, era ela quem assumia o papel principal naquele mundo de histórias, mentiras, verdades, tristezas e poucas alegrias. Coube ao inspetor aproximar-se dessa personagem e merecer sua confiança para, assim, ter acesso a toda sua sabedoria. Marta reconhecia sua importância e utilizava-se dela para criar enigmas para Izidine.

O homem desejava aprender sobre as crenças dos velhos e, se ao início era uma forma de descobrir sobre o assassinato, aos poucos se tornou uma maneira de se entender e compreender sua própria cultura. É como Said explica: “existe, afinal, uma profunda diferença entre o desejo de compreender por razões de coexistência e de alargamento de horizontes e o desejo de conhecimento por razões de controle e dominação externa” (SAID, 2007, p. 15).

Em diversas passagens da narrativa, ao conversar com o policial, a enfermeira dizia que ele não conseguia entender tudo que se passava naquela fortaleza, pois já havia esquecido os costumes e tradições de seu país. É o que percebe-se no seguinte trecho:

Olhou para a barreira e viu Marta. Ela o espreitava, seguindo-lhe as andanças. A enfermeira procedia como se suspeitasse de ocultas intenções. Naquela manhã, depois de entregar o chá, ela recusara acompanhar o polícia:

-Não quero atrapalhar. Já bem basta você mesmo para se atrapalhar...

-Desculpe, não entendi...

Marta se calou, arrependida. Rodou sobre si mesma, adiando a pedida explicação. Por fim, acedeu a falar, fingindo limpar uma poeira na camisa do inspetor.

-O que se encontra nesta vida não resulta de procurarmos.

No aviso dela, o polícia deveria simplesmente sentar-se e ficar quieto. (COUTO, 2007, p.40).

Esse sentimento de que Marta o estava espreitando sempre, como se cuidasse das suas atitudes e sempre estivesse a um passo a frente, era recorrente em todo o livro, muitas vezes Izidine era surpreendido pela presença da mulher.

Era ela quem comandava sua relação com o agente, decidindo quando iria falar ou não. Marta percebeu e comunicou a ele que não ia conseguir solucionar o crime, pois ele procurava por algo errado: “*escute, senhor inspector: o crime que está sendo cometido aqui não é esse que o senhor anda à procura.*” (COUTO, 2007, p.57). Izidine se sentiu perdido por não entender o que ela falava, como se ela se comunicasse sempre por enigmas que ele não era capaz de solucionar. Esse sentimento de onipotência não deixava o homem confortável, pois ele, enquanto autoridade e homem, gostaria de estar no controle da situação, assim como teve historicamente.

Em alguns momentos, ele buscava ser compreensivo, tentando adquirir a confiança da mulher, mas, em outros, mostrava ser ríspido e duro com ela, como se percebe nos trechos: “*escute bem, sua enfermeirazinha de distrito. Eu não estou a avançar. Agora já sei porquê, é você que me anda a estragar a investigação*” (COUTO, 2007, p. 73) e “o inspector desatinou-se. E gritou com a enfermeira: que ela não tinha nenhuma vontade de ajudar. Que ela escondia qualquer coisa. E que isso era punível por lei” (COUTO, 2007, p.57). A mulher não cedeu à sua pressão, pois, para os habitantes do asilo, ele naquele lugar “*não é autoridade nenhuma*” (referência?), como Marta disse para ele.

Izidine acabou sendo rude com a mulher, o que mostrou que nem sempre conseguia controlar o rancor que sentia por ela. Ele usou palavras para agredir a enfermeira, não respeitando nesse instante sua sabedoria ou mesmo sua intenção de não revelar tudo que sabia sobre o ocorrido. Marta, ao invés de se submeter a estes lapsos de desaforos, reafirmou que não o considera uma autoridade, nem por seu posto policial, nem pelo sexo masculino.

Logo depois desses momentos de fúria, o homem percebia sua falta de capacidade e de visão para compreensão daquele mundo de que não faz mais parte, chegando até a pedir ajuda para a moça: “*por favor ajude-me. Eu já não tenho tempo, não sei o que fazer*” (COUTO, 2007, p.74). Quando ele percebeu que seus gritos fizeram Marta chorar, reparou que cometeu algo errado: “a fragilidade súbita daquela mulher o amoleceu. Pousou a mão sobre o seu ombro. Mas um sacão vigoroso afastou o gesto consolador” (COUTO, 2007, p.74).

O que comoveu o policial não foi a rispidez de seu ato, e sim a aparência frágil que Marta assumiu, como se necessitasse de amparo, carinho. O choro da mulher serviu para ele reafirmar a

sensibilidade feminina, visto que não teria aguentado palavras mais fortes. A enfermeira não era uma personagem fraca, muito pelo contrário, mas para Izidine era bom vê-la nessa posição que na realidade ela não tinha, pois assim poderia sentir-se mais importante e seguro no seu papel de homem protetor.

Izidine, por não ter sido educado segundo as tradições de seu povo, não via a mulher como objeto ou ainda como um ser inferior. Ele demonstrou, na passagem acima e em outras, um carinho e mesmo certo pudor ao se relacionar com Marta, mesmo sabendo que ele também se enraivecia e dizia palavras fortes a ela. No trecho em que ele encontrou a mulher dormindo nua, “o inspector revelou maneiras, desviando os olhos. Se desculpou, fazendo menção de se afastar para que ela ajeitasse compostura” (COUTO, 2007, p.71).

Marta, em alguns momentos, até estranhava esse comportamento respeitoso do homem. Quando ele entrou em seu quarto, pois ouviu gritos, ela disse:

- Sim, se fôssemos seguidores da tradição, sabe o que fazíamos?

-Não faço ideia. Devíamos, sei lá, tomar banho?

-Devíamos fazer amor.

Sem saber o que dizer, o polícia sorriu. Na atrapalhão ele apressou a despedida. Atrás dele ainda escutou as últimas palavras da enfermeira.

-É pena o senhor não ser um seguidor da tradição. É pena, não acha? (COUTO, 2007, p.58).

A enfermeira desejava uma aproximação maior com o policial, convidando-o para fazer amor segundo manda a tradição. Mas ele, não acostumado com tais atitudes, fugiu sem saber o que fazer.

Ao negar o ato com Marta e sair de seus aposentos, Izidine não só contrariou a tradição levantada pela mulher, mas também foi contra a lógica hegemônica masculina, em que a maioria dos homens negaria um contato físico, ainda mais quando solicitado. A fuga do policial demonstrou, além de medo pelo desconhecido, um respeito àquela figura que queria fazer amor com ele.

Cada uma das personagens acabava representando lógicas de mundo antagônicas, Marta (assim como os velhos habitantes do asilo) acreditava numa realidade simbólica, em que o mito tem importância fundamental, já o policial baseava-se na racionalidade, por isso tem dificuldade de entender o que se passava e o que as demais pessoas estavam a lhe dizer.

Através dos diferentes comportamentos de Izidine, em relação à Marta e até mesmo ao que acredita ou não, pode-se confirmar o que Stuart Hall (2011, p.13) afirma: “O sujeito assume

identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente.”. Ou seja, em algumas situações ele respeitava a mulher, assumindo assim uma identidade distinta daquela dos momentos em que desqualificava sua companheira do asilo. O mesmo ocorria referente à tradição de seu país, que em momentos se aproximava dessa identidade cultural, mas em outros a negava como fruto de um passado que já acabou.

O que Izidine não conhecia (ou ainda esqueceu devido a seu estudo fora) era a cultura de seu país. Segundo Edward Said (2011, p. 72), é difícil “reconhecer que o que viam, de modo depreciativo e desqualificador, como “treva” não europeia era de fato um mundo não europeu *resistindo* ao imperialismo, para algum dia reconquistar a soberania e a independência”. O inspector, assumindo o discurso europeu, colocava os saberes africanos como ignorância.

Marta é uma personagem que demonstrava ser dona de seu corpo, de seus conhecimentos, de suas crenças, de forma que faz aquilo que tem desejo, não se preocupando com que os demais estariam a pensar dela. Quando o casal se entregou aos desejos alimentados por ambos, a enfermeira mostrou como era ela a parte que comandava o ato, assim como a relação:

Desabotoava lhe o vestido? Seu gesto o convidou a mais se aproximar. Parecia que ela lhe queria entregar um segredo. Colocou-lhe os lábios sobre o ouvido mas, em lugar de palavra, ela imitou o mar numa concha. Depois, com o braço, levou a que ele se deitasse.

- *Os velhos não estão a ver-nos?*

Marta sorriu, rolando para que ele ficasse sobre o seu corpo. Izidine a quis proteger colocando as mãos por baixo dela. Mas ela dispensou essa deferência:

- *Use melhor as mãos, eu estou bem almofadada.* (COUTO, 2007, p.97).

A mulher quase chegou a explicar a Izidine como desejava que as coisas funcionassem, pois ela que era a conhecedora desses segredos e de outros que envolviam aquela fortaleza.

Ao assumir o comando, Marta explicou ao homem os mistérios do amor e da relação. Ela era segura de si e do seu corpo. Agia conforme seus instintos sem se preocupar com o que os demais estão a pensar, pois o que importava naquele momento era o elo que estava sendo construído entre os dois, o sagrado.

Marta, portanto,

parece compreender – apesar de lutar para que o “antigamente” não seja esquecido e morto – as duas dimensões que permeiam a construção da identidade cultural moçambicana. Ela segue costumes tradicionais e os reinterpreta ao investigador Izidine (que os perdeu), porém exerce a profissão de enfermeira, estabelecendo um contraponto com Nãozinha, que é uma feiticeira e usa elementos da terra, das plantas, de exorcismo e contatos com espíritos, representando as antigas tradições místicas. Todavia, as duas

não disputam o mesmo espaço, complementam-se. (OLIVEIRA; SOERENSEN, 2011, p.339).

Ela representa a fusão necessária entre o que o país foi (que não deve ser esquecido) com a modernidade de que não tem como escapar.

Outra personagem que demonstrou conhecimento do que estava fazendo e, de certa maneira, comandava o sexo é Nãozinha. Quando Vasto interrompeu seu namoro com Nhonhoso, o diretor expulsou o velho e ficou sozinho com ela no quarto. Ele simulou cortejar a velha: “me humilhava a ponto de animal. Fiz conta que me encostava nesse engano, como se aceitasse aquele baixar da asa do mulato” (COUTO, 2007, p.90). Ela utilizou desse teatro para tomar conta da situação, embebedou Vasto e “foi então que me deitei sobre ele. Assim mesmo, nua e húmida, coincidi com seu corpo, concavidei-me com ele” (COUTO, 2007, p.90). Foi Nãozinha que escolheu o que faria, enquanto o diretor lembrava-se de outras mulheres.

3.5 ERNESTINA: O SILÊNCIO DA ESCRITA

Ernestina, apesar de só se conhecer através de relatos e de sua carta, é outra personagem feminina forte da narrativa. Na correspondência que ela deixou antes de partir do asilo, contou suas versões dos fatos que aconteceram na fortaleza. Ela estava separada de Vasto por sucessivas decepções quando ele foi transferido para aquele lugar distante, “mas a morte de meu filho me deixou frágil, desamparada. Foi então que decidi reconciliar-me com Vasto e vir ter com ele” (COUTO, 2007, p.102).

Ao ter que conviver com a tristeza da perda, a mulher achou melhor estar acompanhada daquela figura masculina, como se assim fosse receber o carinho e a atenção de que tanto estava precisando. A fragilidade de seu momento fez com que não percebesse que seu marido continuaria a ser o mesmo. A dor da morte do filho era maior para ela do que para seu marido. Para Ernestina, a falta e a ausência seriam eternas. Para Vasto, substituível.

Ernestina já conhecia as maldades de seu marido, pois escutava o que ele fazia enquanto estava na guerra. Ao chegar ao asilo ficou ainda mais decepcionada com a forma com que ele tratava os velhos ali abrigados. Assim, “o tempo me foi trazendo a verdadeira face desse homem. Deus me perdoe, eu deixei de o amar. Mais que isso: passei a ter-lhe ódio.” (COUTO, 2007, p.103).

O amor que Ernestina sentia por seu esposo foi substituído por ressentimento e por raiva devido à forma como ele tratava as pessoas mais desprotegidas e fracas. O diretor usava de seu poder para diminuir os velhos, assim como a sua mulher. Sem poder agir de modo a acabar com a sua submissão ao homem, ela começou a fazer ações, mesmo que de forma pequena, que ajudassem os demais habitantes do asilo a fugir dos desmandos do carrasco. Ela assumiu um papel ativo na vida dos outros, pois na sua não via como possível.

Já sem sentir nada por Vasto, a mulher ajudou Salufo a fugir e guardou esse segredo, assim como velou, depois, o corpo do amigo mesmo sem a autorização do marido. Ela também desafiou o poder do patriarcado ao ajudar Marta com a gravidez, desejando o filho da outra, mesmo que seu esposo não tolerasse tal atitude.

Ainda que possuindo algumas ações de enfrentamento, na maioria do tempo, Ernestina era submissa. Quando Salufo retornou, Vasto ordenou que ela se retirasse do ambiente, pois “aquilo não iriam ser cenas para mulheres. E realmente não. Ignorando minha presença, Vasto agarrou os remendos do velho e lhe exigiu explicação sobre o que ele tinha roubado” (COUTO, 2007, p.110).

Está impregnada em muitas atitudes essa visão de que mulheres só podem ouvir e participar de determinadas situações (consideradas menos importantes), tendo, portanto, que deixar suas vidas e, conseqüentemente, a das pessoas que amam ser decididas por homens.

A carta que ela escreveu mostrava como a mulher estava consciente desse isolamento e da vida de tristeza que vivia:

Nunca encontrarão o corpo de meu marido. No fim das buscas, levar-me-ão com eles. Irei em condição desqualificada, tida como alma incapaz. Não me pedirão testemunho. Nem sequer sentimento. Prefiro esse alheamento. Que ninguém me preste atenção e me tomem por tonta. Escrevo esta carta, nem eu sei para quê, nem para quem. Mas quero escrever, quero vencer esta muralha que me cerca. (COUTO, 2007, p.101).

Ao utilizar na sua escrita os adjetivos desqualificada e incapaz, Ernestina retratava como quase todas as mulheres eram e são representadas. Ela sabia que não a fariam perguntas e não dariam importância ao que ela pudesse saber sobre o ocorrido. Assim, tal tratamento dado à Ernestina só reforça a falta de valorização que o público feminino sofreu e ainda sofre. Sua voz não é ouvida.

Para ela, o ato de escrever servia como forma de se conhecer e para contar a todos o sofrimento que passou. Através das relações com a escrita, as personagens “buscam compreender melhor a realidade que os cerca, interpretá-la para si mesmos e/ou para uma

comunidade” (VENTURA, 2008, p.12). Ela despediu lembrando-se que “esta é a minha última carta. Antes, já tinha deitado minha voz no silêncio. Agora, calo as mãos” (COUTO, 2007, p.112). Sua voz havia cessado após a morte do filho de Marta, e agora, após a morte do marido, tudo nela se calaria.

A escrita tornou-se a única forma da mulher se sentir sujeito e dona de sua própria voz. É através da palavra no papel que ela denuncia tudo o que sofreu durante sua vida, suas angústias, desejos. Agora, depois da morte do marido, restaria a ela somente o silêncio completo.

Ernestina e Marta mantêm, ao longo da narrativa, uma cumplicidade e uma amizade difíceis de entender e de explicar. Mesmo a segunda tendo sido amante do esposo da primeira, ambas criaram uma relação de companheirismo, como se dividindo o mesmo homem e filho, elas dividissem as mazelas de todas as mulheres. As duas se juntaram para combater a solidão que as cercava e para conversarem sobre outra realidade, que a elas era negada. Assim, ao final da carta, Ernestina decidiu a quem deixar seu testemunho: “A Marta Gimo. Foi ela a última pessoa a me escutar” (COUTO, 2007, p.112).

3.6 UM HOMEM, DUAS MULHERES, UM FILHO

A enfermeira Marta Gimo, como o policial Izidine suspeitava, teve um relacionamento com o diretor do asilo. Os dois encontravam-se à noite sem, supostamente, ninguém saber. Ela contou já ao final da narrativa ao policial como tudo ocorreu:

Todavia, eu cheguei a amar esse homem. Confesso-o, não fique ciumento. Eu o desejava, sim, ele inteiro, sexo e anjo, menino e homem. (...) Num homem eu quero é tocar a vida. É isso que eu quero. Quero sentir-me pequena, estrela em céu, grão em areia. Rectifico: era isso que eu queria. (COUTO, 2007, p.125).

Estando envolvida com o homem, ela queria se sentir inteira e participante do mundo, mesmo que se considerando “pequena”. É importante perceber que, ao explicar seus sentimentos, ela relatou como estava completa.

Esse amor gerou consequências, pois a mulher acabou grávida e sem saber o que fazer. Ernestina, a esposa do pai de seu filho, procurou-a mesmo sem ela contar nada a ninguém: “me encarou fundo, sem nenhuma raiva. Só uma mulher pode olhar assim” (COUTO, 2007, p.126). As duas acabaram trocando confidências, como se o fato de serem as únicas duas mulheres

jovens naquele lugar as unissem com um elo fortíssimo. Marta expôs que desejava tirar o bebê, decisão essa negada por Ernestina, que desejava criar a criança como seu filho.

A relação das duas mulheres é significativa, visto que as duas buscavam completar-se mutuamente. A esposa não se enraivece com o filho fora do casamento, apenas deseja que este se torne seu. A enfermeira utiliza-se de Ernestina como confidente, de forma que amenize toda a angústia que está sofrendo. Nesta parte do romance, assim como em outras, o destino de uma mulher acaba relacionado com o das demais, como se a todas estivesse destinado o mesmo.

Ao contrário da esposa, Vasto não demonstrou nenhum afeto para com Marta,

Vasto abordou o assunto, rápido. Aquela barriga devia ser corrigida o mais rápido possível. Sendo ele o único homem em função, ali no asilo, as suspeitas recairiam sobre ele. Sim, quem mais podia ser o autor? E ele, coitado, até podia perder posto e vantagens. Eu sorri, em desconsolo. Vasto entrara no pilão mas queria sobrar intacto. Homem é homem? (COUTO, 2007, p.127).

O homem não estava preocupado com as intenções e vontades da mulher, e sim em não sujar sua reputação. Marta percebeu, então, que o diretor não era um homem diferente dos demais com que ela já havia se relacionado, pois seus sentimentos não estavam em primeiro plano para ele. Restava a ela lidar com as consequências, sozinha, pois apoio e consideração do pai da criança ela não receberia, apenas de Ernestina.

A fuga da responsabilidade paterna não é um fato isolado, até hoje são constantes casos de abandono, responsabilizando apenas a mulher pelo filho gerado. E a sociedade, muitas vezes, em vez de acolher e ajudar essas mães solteiras que foram largadas por seus amantes, acaba excluindo-as e também as culpando. A criança não é só da mãe, mas as obrigações, comentários, rechaços, injúrias são somente delas.

O filho de Marta acabou morrendo ao nascer. Ao voltar ao asilo, ela se emocionou com a atenção e cuidados que os velhos estavam a ter com ela, como se a jovem agora ocupasse o papel de mãe. Assim, “precisei de aprender a reter as lágrimas quando eles me tratavam. de "mamã". Esses mesmos velhos me ensinavam a cicatrizar essa ferida que rasgara meu útero e minha alma” (COUTO, 2007, p.131). Os cuidados, que ela dedicava a todos, não eram só devido à sua profissão, mas também ao papel materno que lhe foi tirado por Vasto e pelo destino.

Após tal episódio, o relacionamento entre a enfermeira e o diretor teve fim. Até que um dia Nhonhoso, ao cobrir sua amada, assiste a uma cena: “De repente, ele lhe colocou as mãos nos ombros como que a obrigar a deitar-se. Marta lutou. De imediato, me decidi intervir. Há muito,

porém, que perdi idade para as vias do facto” (COUTO, 2007, p.70). Vasto tentava forçar a mulher a ter uma relação com ele, por se achar no direito de usar o corpo da mulher que trabalhava para ele e que já havia sido sua.

Assim como na narrativa, na realidade atual, infelizmente, ainda são comuns casos de violência sexual contra mulher cometidos por parceiros ou ex-parceiros, pois alguns homens acreditam que, por possuírem algum título de relacionamento (no passado ou no presente), podem fazer o que quiserem com o corpo da mulher. Conforme a Lei Contra a Violência Doméstica de Moçambique (2009), qualquer pessoa que mantenha uma “cópula não consentida” com esposa, namorada, ou uma mulher em qualquer outra ocasião, está cometendo um crime e pode ficar de seis meses a dois anos na prisão.

3.7 COSTUMES E TRADIÇÕES QUE INFERIORIZAM AS MULHERES

A narrativa de Mia Couto representa, em diversas partes, a tradição seguida pelo povo moçambicano. Nesses rituais, muitas vezes, a mulher acaba ocupando um papel inferior, já que naquela sociedade, muitas vezes, ela ainda não é considerada ao mesmo nível do homem.

Um costume tradicional em Moçambique, seguido por diversas etnias, é a mulher, após a morte do marido, dormir ao relento, no chão, porque estaria impura para dormir dentro de casa. Tal tradição aparece em dois momentos em *A varanda do frangipani*, vista pelo olhar de um homem que sente falta de tal rito e de uma mulher que sente necessidade de realizá-lo.

Ermelindo Mucanga, o xipoco narrador da história, sentia muito por não ter tido um enterro segundo as crenças de sua família, pois isso fez com que ele ficasse na terra como um fantasma. Ele, por morrer longe de seu local natal, não teve mulher alguma cumprindo os ritos de passagem, então sonha com isso:

E sonhei ainda mais: após a minha morte, todas as mulheres do mundo dormiam ao relento. Não era apenas a viúva que estava interdita a abrigar-se, como é hábito da nossa crença. Não. Era como se todas as mulheres tivessem, em mim, perdido o esposo. Todas estavam sujas por minha morte. (COUTO, 2007, p.15).

O que o homem desejava era que as mulheres se submetessem aos costumes para que ele tivesse uma morte mais tranquila. A frase final do antigo trabalhador da fortaleza explica bem o motivo pelo qual as viúvas não poderiam dormir em casa, pois eram consideradas sujas e impróprias para habitar o lar.

Este era também o motivo pelo qual Marta Gimo dormia ao relento, para seguir a tradição a que as mulheres em luto estavam submetidas: “Entende agora a verdadeira razão por que eu durmo sem tecto? É que, na minha terra, as mulheres em luto só se podem deitar ao relento. Até que da morte sejam purificadas. Mas, em mim, a mancha da morte não tem água em que se possa lavar” (COUTO, 2007, p.131). Se em outras ocasiões, após os ritos da morte, a mulher poderia voltar a abrigar-se, no caso de Marta, ela não aceitou essa purificação, pois sentia a mancha da morte do seu filho sempre presente.

Como afirma Mielietinski (1987, p.176), o mito “está estreitamente relacionado com a magia e o rito e funcionam como meio de manutenção da ordem natural e social e do controle social”. Assim, os mitos e as tradições são reforçadas como forma de manter a estrutura social vigente. No caso das mulheres, isso é facilmente percebido, pois as práticas que as inferiorizam continuam a fazer parte de suas vidas, de maneira que continuem a ser diminuídas pelos homens. Marta, nesse sentido, segue sua tradição, dormindo no chão como forma de se sentir pertencente à sua cultura e mesmo que inconscientemente manter o controle social masculino. Assim, “um dos meios práticos dessa manutenção da ordem é a reprodução dos mitos em rituais que se repetem regularmente” (MIELIETINSKI, 1987, p. 197).

Outro costume representado no livro de Mia Couto é a interdição sexual a que o casal estava submetido após o nascimento dos filhos. Acontece que os maridos nem sempre respeitavam tal restrição, fazendo com que a comunidade acreditasse que algo ruim iria acontecer.

O velho-criança Navaia, ao contar sua história para o inspetor de polícia, relatou como sua maldição teve início. Segundo ele, sua mãe teve muitos filhos, mas, na realidade, era um só, pois cada vez que nascia um novo menino, o anterior desaparecia, além de todos serem idênticos. As razões seriam que

A gente da aldeia suspeitava de castigo, uma desobediência às leis dos antigos. Qual a razão desse castigo? Ninguém falava, mas a origem do mal todos conheciam: meu pai visitava muito o corpo de minha mãe. Ele não tinha paciências para esperar durante o tempo que minha mãe aleitava. É ordem da tradição: o corpo da mulher fica intocável nos primeiros leites. Meu velho desobedecia. (COUTO, 2007, p.27).

A situação do velho era explicada pelo fato de aquela família não seguir os ritos aceitos pela comunidade. O pai achava que podia burlar essa prática, realizando o procedimento de amarrar

um cordão abençoado na cintura da criança no momento de realizar o ato sexual. Navaia nasceu, segundo seu relato, de um nó mal atado na cintura de um irmão.

O homem, ao visitar com regularidade o corpo da mulher, mesmo no período da amamentação, foi contra a tradição de seu povo. Ele não respeitava o tempo de resguardo de que sua esposa precisava, mostrando como as necessidades, intenções e desejos da mãe de Navaia não eram importantes para o marido. Ela não conseguia romper com essa lógica de nós, mesmo que não quisesse que seus filhos fossem apenas um, pois não via alternativa em sua vida.

A mulher sofria com esses atos e depois com a condição de seu filho de virar um idoso em apenas um dia, sendo proibido que ele ficasse triste. A mãe teve que ajudar o rebento, já que, por outra tradição moçambicana, “um homem está interdito de enfrentar o filho antes que lhe caia o cordão umbilical” (COUTO, 2007, p.29). Assim, os primeiros cuidados e, por consequência, os futuros também estavam destinados às personagens femininas, sendo elas as responsáveis pela educação dos filhos. Através de uma explicação cultural, os homens viam-se livres dessas atividades.

Ela demonstrava ser uma personalidade forte, apesar de triste. Quando a mulher conversou com o feiticeiro sobre Navaia, prometeu guardar segredo e ajudar seu filho, como percebe-se na seguinte passagem:

Minha mãe guardou silêncio e assim, internada em si mesma, me foi arrastando no caminho de casa.

-Mãe: qual é a doença que eu sofro?

Minha mãe me apertou com força. Nunca eu sentiria tal firmeza em sua mão.

-Nada posso falar disso, meu filho.

Parecia ela estava em véspera de lágrima. Mas não, simplesmente virou o rosto. E se afastou, cabisbaixa. Herdei de minha mãe esse modo de entristecer: só quando não choro eu acredito em minhas lágrimas. (COUTO, 2007, p.30).

A mulher sofria em silêncio, sozinha, pois não tinha nenhum companheiro (e amigo) com quem pudesse dividir sua existência. Quando a vida pediu que fosse forte, ela respondeu com firmeza, já que não poderia deixar seu filho desamparado. O menino herdou a tristeza da mãe, que é a mesma de todas as mulheres que vivem subjugadas naquela sociedade.

Sua última demonstração de amor foi a de não deixar seu filho morrer de fome, dando o peito para que ele mamasse, mesmo todos dizendo que não fizesse isso,

-Ninguém lhe dê de mamar!

Minha mãe sacudiu uma invisível mosca e se aproximou de mim, deitando-se em seu colo.

-Não posso deixar o meu filho sofrer de fome, disse ela.

E puxou o seio para fora da capulana. Os presentes taparam o rosto. Todos recusaram assistir, mesmo meu tio. Foi pena. Assim, ninguém testemunhou como ela morreu.

Foi então que me expulsaram, me excomungando para este asilo. (COUTO, 2007, p.31).

Ela decidiu alimentar Navaia, sabendo das consequências que poderiam ocorrer, pois seu amor era maior do que qualquer medo. Ela morreu, mas com a consciência de que estava fazendo a coisa certa. Tal trecho da obra é impactante, pois a mulher abre mão de sua vida em proveito do filho, mostrando como seu amor era maior que tudo.

Os costumes, aqui trabalhados, não são os mesmos para todo o Moçambique, e são característicos de algumas das culturas presentes no país. Hoje em dia, ainda são comuns discursos que prezam a pureza de culturas tradicionais, fato este também questionado pelo teórico Stuart Hall (2011, p.80):

A ideia de que esses são lugares “fechados” - etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados até ontem pelas rupturas da modernidade - é uma fantasia ocidental sobre a “alteridade”: uma “fantasia colonial” sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como “puros” e de seus lugares exóticos apenas como “intocados”.

Assim, em Moçambique, a tradição permanece, mas não se pode evitar o contato com o ocidente.

3.8 NÃOZINHA: AUTORIDADE E SOFRIMENTO

Nãozinha, a feiticeira do asilo, é uma personagem chave no romance, pois foi dela que veio o “desvendamento dos segredos que envolvem o asilo e sua transformação em paiol de armas contrabandeadas, assim como sobre a perseguição sofrida por Izidine e a ameaça de morte, tudo descoberto após um ritual de adivinhação” (TEDESCO, 2008, p.77). Ela possuía um poder que todos respeitavam, tanto que dizia que essa realidade era uma mentira, que só usava esse dom como forma de proteção.

Seu nome mostra como ela não aceita o que a sociedade impõe a ela (parte de seu nome é composto pelo advérbio de negação) e o fato de estar no diminutivo “já causa estranhamento porque, apesar de sua aparência frágil, é ela quem lidera seus companheiros e, num primeiro momento, nega os seus poderes sobrenaturais” (FERNANDES, 2009, p.179).

Devido a essa posição que a velha ocupava, todos prestavam atenção no que ela revelava, como se percebe em: “Izidine ficou imóvel, escutando as revelações que se seguiram. Os relatos se misturavam, os velhos falavam como se tudo estivesse ensaiado. Nãozinha atropelava sílabas em salivas. E desatava discurso” (COUTO, 2007, p.134). Ao assumir a voz, a mulher conseguia o respeito dos homens, pois eles sabiam que ela era conhecedora de coisas que eles nem conseguiam imaginar.

Da mesma forma ocorria com a resolução de problemas, visto que a feiticeira era considerada como a única capaz de solucionar empecilhos no asilo: “Aquilo não era coisa para se resolver com pensamento. Só a intercedência de Nãozinha podia valer. E foi o que foi” (COUTO, 2007, p.136). Os momentos de revelação também eram percebidos por todos como um sinal, pois alguém de longe estaria mandando esse recado utilizando o corpo da feiticeira: “Parecia o corpo lhe saía fora da alma. Por sua fala começou a caminhar uma outra voz, vinda das profundidades. Mandei os outros se calarem” (COUTO, 2007, p.35).

Tais adivinhações e sabedorias destinadas a Nãozinha foram de grande importância dentro da narrativa, revelando que esta personagem era fundamental para o desenrolar dos acontecimentos. Todos os velhos respeitavam sua voz, pois a consideravam sagrada, mítica. Ela não era aceita enquanto mulher, e sim por sua posição de feiticeira.

Segundo a senhora, expulsaram-na de sua aldeia por acusação de feitiçaria, culpavam-na de diversas mortes em sua família (pai, esposo, filhos): “Fui expulsa. Sofri. Nós, mulheres, estamos sempre sob a sombra da lâmina: impedidas de viver enquanto novas; acusadas de não morrer quando já velhas” (COUTO, 2007, p.78). O destino individual de uma mulher está, novamente, relacionado com o de todas. Tal aproximação entre vida e morte no viver feminino será desenvolvido com mais força em outras obras do escritor Mia Couto, como se analisará nos próximos capítulos.

Segundo Fernandes (2009, p.179), “desde períodos remotos, e principalmente na Idade Média, as mulheres que ousam pensar e agir diferentemente das ordens dos dominantes são tachadas de loucas ou bruxas”. Assim, por ser diferente das figuras normais, Nãozinha era acusada de feiticeira, sendo punida por isso.

Homi Bhabha (2003) discute o processo de nomeação do Outro realizado pela elite ocidental, que, por ser culturalmente privilegiada, produz “um discurso do Outro que reforça sua própria equação conhecimento-poder” (BHABHA, 2003, p.45). Assim ocorre com a nomeação

de feitiçeras às mulheres que estão em outra lógica cultural, negando o poder cultural e reforçando o ocidental.

A fala de Nãozinha revelava toda uma vida de sofrimento a que as mulheres estavam submetidas. Durante a mocidade, a elas eram negadas muitas atitudes, pensamentos, havia sempre a presença de um homem que podia mandar em sua vida, em seus sentimentos. Depois de passarem toda sua existência vivendo precariamente, na velhice elas enfrentavam o fato de se transformarem num estorvo de que os homens queriam livrar-se.

Tudo isso teria começado pelo abuso sexual que Nãozinha sofreu de seu pai: “Sim, eu fui mulher de meu pai. Me entenda bem. Não fui eu que dormi com ele. Ele é que dormiu -me” (COUTO, 2007, p.78). Como seu pai tinha visões das mulheres sem roupa, o homem procurou um curandeiro, que facilmente deu-lhe a solução de seus problemas. Ele “devia levar sua filha mais velha, eu própria, e começar namoros com ela. Assim mesmo: transitar de pai para marido, de parente para amante” (COUTO, 2007, p.79).

O pai ficou com medo de morrer: “Mas o que ele podia fazer? Ficou assim, aceitável” (COUTO, 2007, p.79). O feitiçeiro lhe deu uma bebida para entregar a filha, assim ela faria todas suas vontades sem se lembrar de nada. Logo que o homem chegou em casa, visualizou sua filha sem roupa, mostrando que agora ela era desejável, como se fosse qualquer outra mulher.

Ao colocar seu plano em prática, o pai entregou à filha a bebida: “Nem perguntei o que era aquilo. Meus olhos estavam cheios de dúvida, simplesmente eu baixei todo o rosto. Não ingeri logo a bebida. Fiquei parada como se adivinhasse o que iria suceder” (COUTO, 2007, p.80). A menina, assim como muitas que passam por essa situação, imaginava seu futuro. Ela não conseguiu questionar seu pai, acabou se submetendo, pois não conhecia e nem acreditava em outra forma de mudança. Só restou a ela baixar o rosto e aceitar. Assim, Nãozinha teve como primeiro homem a sua figura paterna, ficando assim, depois da morte do pai, órfã e viúva.

Os atos libidinosos entre pais e filhos não eram algo incomum, visto que os homens poderiam utilizar-se das mulheres como bem desejassem, mesmo que possuindo algum grau de parentesco. Estes abusos eram cometidos escondidos, mesmo que se soubesse que era normal em várias casas. Às meninas não cabia nenhuma atitude, estavam obrigadas a ter um início de sua vida sexual cruel e traumático, que quase sempre deixava marcado em sua memória e levava a diversas consequências ao longo de suas vidas.

Sua necessidade, depois de velha e já vivendo na fortaleza, em se transformar em água partia desse sofrimento que a acompanhava, como Nãozinha relatou a Izidine durante uma conversa:

Eu lhe respondo: na água se pode bater sem causar ferida. Em mim, a vida pode golpear quando sou água. Pudessem eu para sempre residir em líquida matéria de espriar, rio em estuário, mar em infinito. Nem ruga, nem mágoa, toda curadinha do tempo. Como eu queria dormir e não voltar! (COUTO, 2007, p.81).

Assim, ao mudar sua forma física, ela “estabelece uma relação de recuperação diante das dificuldades quotidianas. Sendo água, a mulher deixa a prisão do corpo, para, assim, suplantando suas feridas, sarando as marcas externas promove-se uma mudança também interior” (SILVA, 2011, p.10). A feitiçaria era para ela uma forma de lutar contra os incômodos de seu passado e também se proteger na sua vida atual.

3.9 OS CAMPOS DE REEDUCAÇÃO

Marta, ao contar sua história, retomou um passado difícil de Moçambique: a existência e expansão dos campos de reeducação logo após a independência. Segundo a moça,

Há muito tempo, antes de vir para este asilo, fui enviada para um campo de reeducação. Me desterraram nesse campo acusada de namoradeira, escorregatinhosa em homens e garrafas. Nenhum dos meus colegas, no Hospital, se levantou para me defender. (COUTO, 2007, p.124).

Ou seja, ela foi retirada de seu ambiente de trabalho e levada, sem ninguém dar maiores explicações e sem receber apoio de nenhum colega (homens). Ela teria sido enviada para tal local pelo fato de ser namoradeira, mas se sabia que muitos motivos serviam para que as pessoas fossem enviadas para tais campos. Foi neste lugar que Vasto Excelência a encontrou e a levou para o asilo para trabalhar como enfermeira.

Segundo Omar Ribeiro Thomaz (2008), no dia 7 de novembro de 1974, o governo de transição da FRELIMO e policiais portugueses realizaram uma Operação Limpeza. Os militares recolheram diversas pessoas na rua Araújo (conhecida pela vida boêmia e pela prostituição) e em outros locais do centro de Lourenço Marques (que depois seria a capital Maputo). Eles teriam mantido 142 mulheres presas e que depois foram retiradas da cidade sem saber para onde iam, e

50 homens que ficaram aprisionados na capital. A maioria das mulheres foram enviadas para campos de reeducação em regiões distantes da capital do país.

A ideia nestes campos de reeducação era ensinar as pessoas para que se tornassem o Homem Novo (THOMAZ, 2008), aos moldes do que o regime marxista desejava. Com o tempo começaram a ser enviados aos campos qualquer indivíduo que representasse elementos da velha ordem que se queria eliminar (régulos, feiticeiros, pessoas contra o governo, prostitutas). Para os campos de trabalho, que era de cultivo de machamba, foram mandados os vadios, sabotadores, inimigos.

Tal realidade foi presente em Moçambique até os anos 80, quando a guerra civil inviabilizou o projeto por não ter como garantir a segurança nos locais afastados em que foram instalados os campos. Inclusive a RENAMO utilizou pessoas que estavam nestes espaços de “prisão” para aumentar sua frota de combate ao governo.

4 ANTES DE NASCER O MUNDO

O romance *Antes de nascer o mundo* foi publicado no Brasil em 2009, pela Companhia das Letras, sendo que em Portugal, Angola e Moçambique chama-se *Jesusalém*. A narrativa é contada por Mwanito, com três capítulos em que a voz é de Marta (percebida através de cartas). A obra é dividida em três partes (livros), são elas: A Humanidade; A Visita; Revelações e Regressos.

Seguindo a divisão proposta por Mia Couto, o leitor compreende bem todas as etapas da história. O primeiro livro centra-se na explicação das personagens e do local em que se encontram; já o segundo é marcado por uma nova presença, que acaba mudando o rumo dos acontecimentos; encerra com o retorno à cidade e a explicação da partida da família.

Para Anselmo Peres Alós (2011, s.p.), em *Os mistérios das bermas do mundo: Jesusalém, de Mia Couto*,

Quando se leva em consideração o profundo compromisso político que Mia Couto assume em seu ofício, torna-se tentador ler nesta fábula pós-colonial uma metáfora da incapacidade da nação moçambicana em fazer o luto pela guerra civil, buscando eterno refúgio na manifestação de uma deliberada amnésia coletiva. (ALÓS, 2011, s.p.).

Assim, segundo esta interpretação política, Silvestre representaria toda a nação moçambicana e sua dificuldade em lidar com as consequências da guerra civil, que assolaram o país por muitos anos.

Ana Cláudia da Silva, em *Mia e Sophia: diálogos em Jesusalém*, ressalta a diferença existente entre as duas epígrafes de autoria masculina e as demais, de autoria feminina, afirmando que: “A epígrafe de Herman Hesse fala [de] esquecimento; a de Baudrillard, da morte. Ambas tecem considerações ontológicas sobre a vida. As epígrafes de autoria feminina, por sua vez, falam de sentimentos: de amor, perda, solidão, desejos”, ainda corpo, alteridade, memória (SILVA, 2010, p. 70). Ou seja, são as lembranças das mulheres que podem salvá-las do esquecimento, como diz a epígrafe de Adélia Prado: “O que a memória ama, fica eterno./ Te amo com a memória, imprecível” (apud COUTO, 2009, p. 131).

4.1 A FUGA PARA O ESQUECIMENTO: A OBRA

Mwanito, o narrador, conta sua vida em Jesusalém, um local afastado da cidade e de todos, pois, segundo seu pai, o mundo já havia acabado. Assim, ele nos relata que “a humanidade era eu, meu pai, meu irmão Ntunzi e Zacaria Kalash, nosso serviçal” (COUTO, 2009, p. 12). A essas personagens soma-se a jumenta Jezibela, presença quase humana naquele fim de mundo. Às vezes a família recebia a visita do Tio Aproximado, que trazia mantimentos e informações, com o desejo de levá-los de volta à civilização.

O nome dado ao local onde se instala a família traz estranhamento ao leitor: Jesusalém. Silvestre afirmava que eles eram os últimos habitantes da Terra e que estavam ali à espera de Deus. Formado pela junção de duas palavras, Jesus e além, a coutada esperava que o ser divino estabelecesse contato. Segundo Le Goff (1990, p.343), “através de Jesus, a humanidade reconcilia-se com Deus, mas ainda não está salva . Não há como não relacionar o nome dado ao antigo acampamento de caça com a cidade prometida Jerusalém, como se apenas lá aquela família pudesse ter sossego e fugir de tudo que os assombrava. Assim a coutada seria uma espécie de “Jerusalém celeste, eterna promessa à humanidade sob a forma de Cidade” (LE GOFF, 1990, p.349). Jesusalém “difere da cidade dourada dos sonhos das cruzadas, já que não é o berço de Cristo e sim o lugar onde ele poderá vir se descrucificar” (BETTENCOURT, 2011, s.p.).

A família abandonou a cidade quando Mwanito tinha só três anos. Com a morte da mãe, Silvestre pegou os filhos e largou tudo. Buscava assim fugir não só do local, como da sua vida, culpa, lembranças. Junto partiu Zacarias, fiel escudeiro. Dirigindo-se à coutada, encontravam pessoas seguindo o rumo inverso, “fugindo do campo para a cidade, escapando da guerra rural para se abrigarem na miséria humana” (COUTO, 2009, p.19).

Criaram seu novo mundo em um antigo acampamento de caçadores, há muito abandonado. Instalaram-se nos escombros, deixando a casa da administração vazia por temerem seus espíritos. Na pequena praça que havia, Silvestre colocou um gigante crucifixo com uma tabuleta: “Seja bem-vindo, Senhor Deus”. O velho acreditava que Deus iria aparecer e pedir desculpas à família.

Todos receberam novos nomes, dados pelo pai. Então, “rebaptizados, nós tínhamos outro nascimento” (COUTO, 2009, p.37). Mateus Ventura havia ficado na cidade, agora o homem era

Silvestre Vitalício. Olindo Ventura passou a Ntunzi; Orlanda Macara, Tio Aproximado; o ajudando Ernestinho Sobra virou Zacaria Kalash. O único que permaneceu com o nome foi Mwanito, pois ainda estava nascendo, segundo a tradição de seu pai.

Muitas dúvidas assolavam o pequeno habitante. Por que o Tio não morava com eles? Como acabou o mundo? Só restavam eles? O pai buscava explicar tudo de forma com que ele acreditasse em sua versão dos fatos.

O menino era um afinador de silêncios, pois ficava grande parte do tempo calado. Silvestre Vitalício, seu pai, admirava essa característica do filho e o chamava sempre que necessitava de calma e refúgio.

Naquele mundo era proibido lembrar o antigamente, fato este que Ntunzi não conseguia, já que se recordava da vida na cidade e de sua mãe. Devido a isso, em muitos momentos, o mais velho acabava discutindo com o pai. Para ele, o pai tinha relação com a morte da mãe, por isso estavam destinados àquela espécie de prisão. Seu desejo de fugir era tanto que sua mala estava sempre pronta para a partida. Outra proibição presente em Jesusalém era a presença (mesmo que ausente) da figura feminina, seja física, em pensamento, na fala. Mulher era uma das maiores interdições.

Sem a presença da mãe, Mwanito só tinha o amor paterno e os cuidados do irmão. O menino sentia a falta de Dordalma e de cuidados femininos. Silvestre, mesmo que tentasse no princípio cuidar de seus descendentes, em momentos de perturbação, era grosseiro, fazendo com que o apoio fraterno fosse essencial.

O menino aprendeu a ler com os rótulos dos materiais bélicos que havia no quarto de Zacaria. Ele pedia ao homem que o ensinasse a ler, mas este sempre negava, pois “em Jesusalém não entrava livro, nem caderno, nem nada que fosse parente da escrita” (COUTO, 2009, p.41). O desejo era tanto que seu irmão Ntunzi serviu de professor e as clandestinas aulas eram no quintal, onde se rabiscavam letras na areia com um graveto. Um baralho de cartas e um lápis começaram a ser os maiores tesouros do pequeno habitante daquele ermo, pois era ali que ele escrevia. Depois, ao final do espaço em branco no jogo, as notas de dinheiro de seu pai, tornaram-se o caderno do aprendiz.

Silvestre era muito violento com o filho mais velho, em vários momentos da narrativa espanca-o ao ser afrontado. Em uma dessas ocasiões, o garoto ficou mal, de cama. O Tio Aproximado queria levá-lo dali e ir a um hospital, mas tal proposta foi negada pelo pai, que,

mesmo em situações complicadas, reafirmava que o mundo havia acabado e que eles eram os últimos habitantes.

Ntunzi tinha como meta fugir daquele acampamento e voltar para a cidade. Como ele já tinha 11 anos quando abandonaram a cidade, guardava lembranças e sabia que tudo não passava de uma invenção de Silvestre. Segundo Mwanito, ele “sofria porque se lembrava, tinha termos de comparação. Para mim, aquela reclusão era menos penosa: eu nunca tinha saboreado outras vivências” (COUTO, 2009, p.54). O pequeno invejava muito o irmão, pois este trazia recordações de sua mãe Dordalma, lembranças essas que ele desejava muito também ter.

O autor francês Jacques Le Goff, em *História e Memória*, ressalta a importância da memória para a construção da identidade do sujeito. Mwanito, ao não se recordar do seu passado, tem dificuldade em se perceber. Ele está sempre perguntando aos demais habitantes de Jerusalém sobre sua mãe. Assim, “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje” (LE GOFF, 1990, p.476). O narrador de *Antes de Nascer o Mundo* só parece descansar quando descobre sua história e o motivo da morte da mãe e do isolamento da família.

Tio Aproximado, em um primeiro momento, chegou a morar com a família na coutada, mas depois foi para o “Lado de lá”, trazendo de vez em quando mantimentos para o sustento dos habitantes de Jerusalém. O seu nome, dado na cerimônia de desbatismo, fazia referência ao fato de que ele não era irmão de sangue de Dordalma, e sim adotado. Tendo essa condição de criatura estranha e estrangeira, “Aproximado podia falar com os parentes, mas nunca teve conversa com os antepassados da família” (COUTO, 2009, p.71). O tio, às vezes, falava aos sobrinhos sobre sua irmã, de como era linda, mas sempre evitava tocar no assunto da morte da mulher, mostrando que era um tema obscuro naquela família.

Uma passagem significativa do romance é a chegada repentina do tio trazendo uma triste notícia: a morte do presidente em um acidente. Tal fato, juntamente com os trechos em que se trata da guerra, ajuda a localizar temporalmente a história, relacionando a morte do presidente do livro com o atentado sofrido por Samora Machel em 1986, que tirou sua vida. Em outro momento, o homem também retorna com outra informação: a guerra terminou.

O segundo livro, “A visita”, inicia já desmoronando a mentira de Jerusalém, afinal, eles não eram os últimos habitantes da Terra. Segundo o narrador, “uma vida inteira pode ser virada

do avesso num só dia (...). Para mim, Mwanito, aquele foi o dia” (COUTO, 2009, p.115). Neste dia, contrariando as ordens de ficar em casa devido à ventania, o menino saiu para caminhar em direção à antiga casa da administração. Lá chegando, encontrou um corpo deitado na varanda e saiu gritando que havia achado uma pessoa morta.

Seu pai pediu para que os filhos e Zacarias fossem ver o morto e que o enterrassem. Chegando ao lugar desejado, ao verem de longe o corpo estendido ao chão, todos afirmaram se tratar de um homem devido às vestimentas. Enquanto faziam a cova, ouviram barulhos e o morto desapareceu. O militar foi buscar uma arma, acreditando que podia se tratar de um bicho que tivesse levado o corpo. O irmão também saiu para buscar o pai, deixando Mwanito sozinho.

Assim, decidido a explorar aquele local interdito, entrou e encontrou uma mulher. Neste momento, que será analisado posteriormente com mais detalhes, o narrador perdeu o chão e chorou, pois nunca havia estado na presença de uma pessoa do sexo feminino (pelo menos não tinha lembranças de tal fato). Após uma conversa rápida, quando recuperou o domínio das pernas e de seus sentimentos, o menino correu, fugindo daquela situação. Ao relatar para seu irmão o que aconteceu, Ntunzi afirmou que também viu a mulher branca e que não deveriam contar para Silvestre da presença dela em Jerusalém. Na mesma noite em que encontrou a moça, o pequeno sonhou com sua mãe, pela primeira vez. Ao ter o primeiro contato com a estrangeira, ele conseguiu recordar simbolicamente a figura materna.

No dia seguinte, já informado da presença da mulher, Silvestre brigou com o Tio Aproximado por trazer aquele elemento estranho para seu mundo (inventado). Descarregando os materiais de fotografias da portuguesa, que desejava tirar fotos de garças, o homem lembrou que Vitalício não tinha nenhum poder sobre aquelas terras, já que elas eram do Estado, sendo apropriadas indevidamente pela família. Revoltado, o pai dos meninos berrou para a mulher recém chegada: “Vá-se embora daqui, sua puta!” (COUTO, 2009, p.129). Logo, o velho transmitiu ao seu descendente mais novo uma missão de espionagem. Foi assim que Mwanito entrou na casa em que estava a mulher e encontrou os papeis de Marta, “cada folha foi uma asa em que ganhei mais tontura que altura” (COUTO, 2009, p.129). É através da leitura do que o menino encontrou que a voz feminina entra no romance.

Segundo Sueli Saraiva (2009, s.p.), em sua resenha *Antes de Nascer o Mundo*, “A “visita” da mulher cria não somente uma viravolta no enredo, mas introduz no romance uma das características distintivas de Mia Couto, isto é, a presença de uma segunda voz narrativa,

dialogando com o narrador principal por meio de cartas”. É assim que “a narrativa vai recuperar as vozes femininas apartadas daquele mundo imperado pelo masculino” (SARAIVA, 2009, s.p.).

As cartas da mulher eram para seu amor Marcelo. Contou que veio à África a procura dele, por se sentir incompleta. O que Marta mais estranhou em Jerusalém foi a falta de eletricidade, fazendo com que ela fosse obrigada a se acostumar com o escuro e com o silêncio. Recordava as noites com o amante em Lisboa e comparava-se com a mulher africana pela qual ele a largou.

Ao chegar em Moçambique, Marta ligou para o número de quem sabia ser a amante de seu homem (devido a uma fotografia assinada no verso com o telefone). Entrando em contato com a moça – Noci -, descobriu que Marcelo já não estava com ela. A outra apresentou seu namorado, Orlando (ou Aproximado), e ele afirmou que levou seu homem até a entrada da coutada e que ele parecia muito doente. Disse que podia levá-la até o seu amor, já que era seu desejo, mas que não era um local seguro para homens, e muito menos para mulheres. Viajando até a coutada, ela contou toda sua vida para Aproximado, como sentia saudade de seu marido e afirmou que precisava encontrá-lo. O homem também a contou a história de sua família, que vivia naquele destino.

Quando Mwanito voltou para casa, Silvestre pediu o relatório para seu filho e ele falou que só encontrou na casa da portuguesa seus papéis. Ao ser perguntado sobre o que diziam, ele lembrou o pai que não sabia ler (pelo menos era o que o pai achava). Irritado, o pai chamou os dois filhos e exigiu que transmitissem uma ordem, que eles dissessem à portuguesa que ela deveria ir embora, mas Ntunzi fugiu, porque “não podia obedecer, não era capaz de transgredir” (COUTO, 2009, p. 144).

O mais novo foi, mas não conseguiu fazer o que o pai mandou, primeiro se interessou pelo celular da moça (já que não sabia o que era), e depois aceitou levá-la em algum lugar para fotografar garças. Ele perguntou se ela também era uma puta, pois era isso que seu pai dizia. Ela respondeu que o pequeno deveria ser mais parecido com sua mãe.

Fotografando garças, ambos trocaram experiências culturais, como percebiam a luz do sol, o tempo. Quando ela pediu para que ele se virasse para que ela tomasse banho no rio, o menino viu o irmão Ntunzi espiando, escondido entre moitas, assim “vi, pela primeira vez, o rosto de Ntunzi desaparecer em chamas” (COUTO, 2009, p.148).

Irritado porque os filhos tinham desobedecido, Silvestre se vestiu bem (assim como quando ia visitar Jezibela) e levou seus filhos até a casa em que a portuguesa estava e disse a ela que, pela primeira vez, seus filhos o tinham desobedecido. A mulher tentou conversar com o homem, mas ele se negou. Ao tentar abordar seu passado, Silvestre ficou muito bravo. Marta afirmou: “eu e você estamos aqui pela mesma razão” (COUTO, 2009, p.151). Ele acabou se retirando e não respondendo à mulher.

Depois disso, o pai agonizou na cama por vários dias. Esta situação serviu para que os irmãos se aproximassem cada vez mais da mulher, o mais velho com desejo e o pequeno convertendo-a em mãe.

O pai, ao retornar para a consciência, afirmou que seria o último dia de Marta em Jerusalém. Ntunzi contou ao irmão que iria fugir com Marta e este ficou muito chateado. Mwanito foi conversar com a mulher, queixando-se de ser abandonado pelos dois e ela esclareceu que nada do que foi relatado era verdade. Retornando ao seu quarto, o menino escutou a briga entre o pai e o irmão, na qual o patriarca dizia que algo deveria ser feito e o menino o chama de monstro. Na discussão, o filho mais velho disse que “o senhor foi o avesso de um pai. Os pais dão os filhos à vida. O senhor sacrificou as nossas vidas à sua loucura” (COUTO, 2009, p.159).

Quando o filho mais velho falou que, na verdade, seu pai era o assassino de sua mãe, Silvestre perdeu o controle e bateu no filho, e uma consequência pior apenas foi evitada pela intervenção da portuguesa, que tentou acalmar a todos, lembrando ao homem que “não se pode esquecer tudo tanto tempo. Não existe viagem assim tão longa...” (COUTO, 2009, p. 160). É esta personagem feminina que vai retomando aos poucos o passado daquela família, afirmando a importância de seguirem em frente, então “Neste espaço deliberada e exclusivamente masculino, Marta atuará como catalisadora a trazer à tona o passado profundamente enterrado por Silvestre” (ALÓS, 2011, s.p.).

Aproximado chegou para buscar a portuguesa, mas os pneus do carro foram furados. Num momento de desespero, Silvestre cantou e relatou para seu cunhado que o que mais sentia falta era poder cantar no coral da igreja. Orlando pediu atenção para Mateus Ventura, pois o assunto era sério. Ele estava trabalhando novamente nos Serviços de Fauna e devia informar que a família tinha que abandonar aquele espaço, pois “foi aprovado um projecto de desenvolvimento para esta área. A coutada foi privatizada. (...) Os Serviços da Fauna deram esta

concessão a uns estrangeiros privados” (COUTO, 2009, p.183). Segundo ele, era a globalização a grande responsável por tudo isso.

Silvestre, mesmo vivendo naquela loucura criada para fugir do mundo, demonstrou grande percepção dos acontecimentos, uma vez que diz para o cunhado: “Engraçado: eu esperava que Deus viesse a Jerusalém. Afinal, quem vai chegar são estrangeiros privados. (...) Quem sabe os estrangeiros privados são os novos Deuses?” (COUTO, 2009, p.183). Também, de uma forma muita aguçada, percebeu a mudança no comportamento de Aproximado:

Silvestre passou em revista: primeiro, Aproximado era seu quase-irmão, todo cunhadíssimo, sendo tudo família, simpatias e ajudas. Depois, esse auxílio passou a ser cobrado e as idas e vindas se converteram num negócio de pagamento antecipado. Mais recentemente, Aproximado desembarcou com cara de governo, a dizer que o Estado o queria tirar dali. Agora, ele comparecia, com cara de dinheiro, anunciando que estrangeiros sem nome nem rosto eram os novos donos. (COUTO, 2009, p. 183).

Tal passagem, apesar de longa, é de extrema importância, pois não mostra só a percepção do habitante de Jerusalém dos acontecimentos que ali ocorriam, mas também se relaciona com a história do próprio país.

O homem mandou o cunhado embora, falando que agora ele era um estranho, e queimou todo o dinheiro que serviria para pagar as mercadorias que Aproximado trouxera. O tio disse que ele iria, mas junto iriam seus dois filhos e Zacarias. Ninguém mais queria participar daquela loucura inventada por Silvestre. Foi a partir deste momento que Silvestre entrou de vez no mundo da loucura.

Na manhã seguinte, Silvestre mandou chamar todos para uma reunião. Construindo um teatro, o homem falou que estavam em perigo, que agora ele era a Autoridade. Chegou até a confiscar a máquina fotográfica de Marta, falando que só seria devolvida fora do território e sem o filme. Para todos ficou a certeza da completa loucura do velho: “a verdade era que nosso pai tinha enlouquecido” (COUTO, 2009, p.193).

Percebendo o pavor dos filhos e de Zacarias com o ocorrido, Marta foi conversar com a Autoridade, afirmando ter solicitado uma audiência com o ministro Zacarias. Em tom quase maternal, a mulher voltou a tocar no assunto proibido, que ele não havia feito a despedida necessária da falecida e que só assim Dordalma poderia “morrer derradeiramente”. Ao ser expulsa do Palácio Presidencial, ela o afrontou dizendo que a esposa iria fugir no autocarro no dia de sua morte.

Furioso, ele mandou Zacarias matá-la, mas este disse que não podia mais matar. O homem percebeu que estava sozinho, exigiu que todos fossem dormir no curral e levou Jezibela para dentro de casa, pois era a única que merecia seu carinho. Num momento de fúria, após os filhos tentarem fugir e destruírem a cruz, Silvestre decidiu ele mesmo matar a portuguesa. Ntunzi pediu para que não fizesse isso, pois era ele quem queria resolver este problema. O filho mais velho saiu e se escutou um tiro. Todos acreditaram que Marta já não estava mais viva, porém, quando Zacarias foi enterrá-la, encontrou uma surpresa: “a burra Jezibela, a fiel amante de meu velho, jazia já esquartejada pelos abutres” (COUTO, 2009, p.205). O menino conseguiu atingir seu pai.

Silvestre enterrou seu animal e Zacarias ficou com arma em punho rondando a casa, com medo que o pai atentasse contra a vida dos meninos. Mwanito, com pena da tristeza do pai, ficou fazendo companhia e ambos acabaram dormindo junto à cova da jumenta. O pequeno sonhou com cobras, lembranças, revelações. Seu pai afirmava que não matou Dordalma, “foi ela sozinha que se matou” (COUTO, 2009, p.212).

Quando o acordaram, o menino percebeu que havia algo errado com seu pai. Ninguém conseguia despertá-lo e escorria um líquido de sua boca. Silvestre fora picado por uma serpente. Como o homem estava muito mal, resolveram ir todos para a cidade em busca de ajuda. Tio Aproximado pediu que Mwanito pegasse suas coisas para a partida, mas “minhas únicas posses eram um baralho de cartas e um molho de notas enterradas no quintal. Decidi deixar todas essas memórias onde estavam. Faziam parte do lugar. As folhas que rabiscara eram pedaços de mim que espetara no solo. Eu me plantara em palavras” (COUTO, 2009, p.216). Com a partida, o narrador despedia-se de si mesmo e de sua infância.

Segundo Inara de Oliveira Rodrigues (2013, p.70), “o grupo regressa à cidade e, ali, as lembranças, os sonhos, os sinais do passado e o amor feminino passam a imperar”. Ou seja, é com o abandono de Jerusalém que será possível a descoberta dos acontecimentos passados e uma maior participação das mulheres nas vidas daquelas personagens.

Ao chegarem à cidade, decidiram ir direto para sua antiga casa, que agora era habitada pelo tio e por Noci, sua namorada. Para Mwanito “soava estranho. Todos, naquele grupo, estavam de regresso. Eu não” (COUTO, 2009, p.220). Todos, com exceção de Zacarias, alojaram-se na casa. Noci, ao voltar do trabalho, contou à Marta que ela mentiu-lhe, que Marcelo ficou muito doente e acabou morrendo, sendo enterrado em um cemitério que ficava ali perto.

Silvestre pediu para que Mwanito promettesse que não deixaria leva-lo em passeios pela cidade, que não gostava “como o luxo escandaloso se encosta na miséria” (COUTO, 2009, p.224). Mesmo com apenas onze anos, o menino sentia-se velho, não saía para andar, para passear como Ntunzi.

Após três dias na cidade, as mulheres convenceram-no a sair um pouco, levaram-no até o túmulo de sua esposa. Ele pediu que o levassem à árvore, chamou seu caçula e falou que a casuarina era a alma de sua mãe. Então, “Depois da ida ao cemitério, Silvestre Vitalício não mais deu acordo de si. (...) Vitalício se exilava dentro de si” (COUTO, 2009, p.231).

Mwanito começou a levar seu pai para passear, para ver se ele se distraía um pouco. Ao passarem por uma igreja presbiteriana, ele pediu que o deixasse naquele lugar e ali ficou durante toda a noite. Com a música, ele conectava-se com e gostava da vida. Assim, seu filho começou a criar esse ritual de saída.

Zacarias não conseguiu se encontrar na cidade e despediu-se, estava voltando para Jesusalém. Ia destruir o paiol e enterrar as armas. Quando Ntunzi chegou de uma de suas noitadas, o militar informou que o menino iria junto e que seria soldado. Negando enfaticamente, ele queixou-se com o pai, que tem uma conversa a sós com ele. Ao retornar, “Ntunzi parecia ter engravidado pelas costas” (COUTO, 2009, p.237). Sem maiores explicações, o irmão despediu-se e partiu junto com Zacarias. Depois de dias, Mwanito recebe uma carta enviada por Marta. É assim que a voz feminina é novamente incluída na narrativa.

A correspondência serviu como despedida, pois ela retornara ao seu país. Segundo ela, “eu fui salva em Jesusalém. Silvestre me ensinou a encontrar Marcelo vivo em tudo o que nasce” (COUTO, 2009, p.239). O motivo pelo qual a mulher escreveu foi para contar como foram os últimos dias de sua mãe, acreditando que o menino deveria conhecer a história de sua família: “É meu dever devolver-te esse passado que te foi roubado” (COUTO, 2009, p.242).

Dordalma saiu de casa numa quarta-feira e pegou o autocarro, repleto de homens. O coletivo mudou sua rota, e num local abandonado vários homens estupraram a mulher, deixando-a sem roupa e desmaiada. À noite, Silvestre pegou-a e levou-a para casa. Culpou a mulher pelo ocorrido e pediu que se recompusesse sozinha. No meio da noite, sem esperar, o homem encontrou sua esposa enforcada na árvore em frente de sua casa. Tal descrição será trabalhada com uma maior ênfase posteriormente, devido à importância para o desenvolvimento de toda a narrativa.

Zacarias, ao voltar do campo de batalha, encontrou Silvestre na igreja. Foram abraçar-se e todos acharam que era um ato de afeto, mas na realidade era uma batalha. Ouviu-se um tiro e Zacarias saiu com um ferimento no ombro. Depois, para fugir do destino triste e da culpa, emigraram para Jerusalém.

Após cinco anos da partida de Ntunzi, Zacarias e Marta, Mwanito, já com dezesseis anos, teve sua primeira festa de aniversário, organizado por Aproximado e Noci, com a presença do pai e de alguns garotos. O tio, em diversos momentos, cobrava a dívida que Silvestre tinha com ele, devido às mercadorias que ele levava até a coutada e que o parente não pagava. O pequeno dizia que poderia pagar, mas seu tio negava, pois mantinha um carinho pelo menino e cuidava-o.

Mwanito era encantado pela escola e o professor percebeu tal admiração. O educador falava de “injustiça e contra os novos-ricos” (COUTO, 2009, p.254), chegando a levar os alunos ao local onde foi assassinado um jornalista que falou mal dos corruptos. Sabendo desse envolvimento político do homem, Noci pegou documentos de Orlando escondida e mandou-os ao professor pelo menino. Com a morte de seu exemplo escolar, ele perdeu o interesse da escola, fingia que ia, mas ficava no pátio escrevendo em seu caderno diário.

Junto com as mudanças, veio o desejo por Noci, mas não sabia ele que era algo recíproco. Em uma noite, chegou a pensar que era a mulher a se deitar em sua cama, mas depois não sabia se tal fato havia ocorrido mesmo ou não. Em certo dia, ela, no banho, pediu que o jovem entrasse e pegasse uma caixa com dinheiro que estava em sua bolsa. A quantia era toda dele, pois seu pai havia doado e agora estava sendo devolvido. Assim, ambos entregaram-se ao que há tempo já estavam sentindo. A mulher ainda relatou que dentro da caixa havia um bilhete em que Dordalma falava que aquele dinheiro era fruto de sua poupança e que era para que nada faltasse aos seus filhos.

Aproximado foi preso devido a uma denúncia anônima. Após sair da prisão, brigou com Silvestre por achar que era sua culpa, sem desconfiar de sua esposa e de seu sobrinho. Com a sua transferência, o tio resolveu chamar o filho mais velho de Silvestre para resolver a situação, deveria pedir dispensa do quartel e voltar à cidade. Com a partida de Orlando, Noci também desapareceu, para tristeza do jovem.

Quando Ntunzi retornou, agora como sargento Olindo Ventura, encontrou um irmão apático. Ao ver como o caçula cuidava do pai, o visitante estranhou o estado moribundo de Silvestre. Ao não se conterem, abraçaram-se. Foi relatado que Zacarias foi preso por não

conseguir explicar a origem do uniforme que usava, era um fardamento colonial. Ao ser liberado, iria viajar para Portugal para encontrar sua madrinha de guerra.

Na campa de Dordalma, no cemitério, Mwanito falou que estava cansado de tratar sozinho do pai deles. Então, o outro fez a revelação: “Silvestre é nosso pai, mas você é o seu filho único” (COUTO, 2009, p.270), ele era filho de Zacaria. Quando a mulher saiu de casa naquela quarta-feira, levava uma mala, ia encontrar-se com o militar. Depois o sentimento de culpa uniu esposo e amante. Achando que ela havia se suicidado por sua causa, Kalash iria pôr fim à sua vida. Silvestre se colou ao seu corpo para desviar o tiro, pegando então no ombro e não no coração.

Foi assim que Mwanito assumiu o descobrimento de sua própria história, desvelando assuntos que não apareceram na carta de Marta,

Nas últimas páginas do romance, entretanto, Mwanito desvela outros aspectos relacionados à misteriosa morte da mãe, Dordalma, aspectos que passaram despercebidos na investigação realizada por Marta. Com este gesto, Mia Couto cria, no plano simbólico da fabulação narrativa, uma ficção política significativamente contestatória, uma vez que devolve a Mwanito (e, metonimicamente e por extensão, a todo o povo moçambicano) o direito exclusivo a exegese da sua própria história e de seu próprio passado. Ao contrário dos discursos históricos eurocêntricos, os quais se deram ao direito de atribuir sentido aos acontecimentos ocorridos no continente africano de maneira etnocêntrica, à revelia das tradições locais, Mia Couto simbolicamente devolve ao jovem Mwanito o poder epistemológico para produzir conhecimento e inteligibilidade ao seu passado, de acordo com os seus próprios valores culturais. (ALÓS, 2011, s.p.).

Sua história, a partir daquele momento, não foi contada por alguém de fora, e sim construída com suas próprias percepções dos acontecimentos. Segundo Edward Said (2007, p.32), “A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder, de dominação, de graus variáveis de uma hegemonia complexa”, e Mia Couto tenta desconstruir este poder ao devolver ao africano o controle de sua própria vida.

Ntunzi contou que, na vinda para a cidade, passou por Jerusalém, trouxe os escritos do irmão e contou com detalhes como estavam as coisas lá. Mwanito pediu que o irmão lesse o que havia nas cartas e assim ficaram inertes. O jovem contou que sofria da mesma doença do pai, que ficava cego em alguns momentos e que só conseguia escrever. Ali, naquelas páginas, estava a vida deles, Jerusalém. Então “lhe ofereci o meu livro como meu único e derradeiro pertence” (COUTO, 2009, p.276). Ao final, ele percebeu que havia de procurar Noci, pois ela lhe havia ensinado que o mundo não morreu. Ainda restavam alternativas.

As personagens femininas que aparecem no romance são: Marta, Noci, Dordalma e a jumenta Jezibela. Esta última, mesmo sem o status de mulher, ganha ênfase pela atenção que recebia de Silvestre, sendo fortemente humanizada, assim como ocorre à cachorra Baleia, de *Vidas Secas*, e do burro, em *Pagador de promessas*. É pela análise da relação de Silvestre com o animal que se começa.

4.2 JEZIBELA: UMA QUASE MULHER

A jumenta Jezibela era a única fêmea a viver em Jesusalém, antes da chegada de Marta. Ela recebia um tratamento especial de Silvestre, que chegava a encomendar tabaco da cidade para o animal. Sendo o ser mais próximo de mulher presente naquele ermo, o homem satisfazia suas vontades sexuais com ela. Segundo o narrador Mwanito, “os namoros sucediam aos domingos. (...) no último dia da semana era certo e sabido: com um ramo de flores na mão e envergando gravata vermelha, Silvestre marchava em passo solene para o curral” (COUTO, 2009, p.100).

Já no início da descrição de como aconteciam os encontros, percebe-se que o indivíduo se preparava e levava presentes, demonstrando que era um ato importante dentro daquele universo. Ele pedia licença para entrar no recinto e, quando o bicho dava um sinal, ele entrava e depois anunciava: “- Muito agradecido, Jezibela, trouxe estas imodestas flores” (COUTO, 2009, p.100). Ela mastigava o ramo de flores e após “meu pai desaparecia no interior do curral. E nada mais se sabia” (COUTO, 2009, p.100). Silvestre não demonstrava um comportamento agressivo ou ríspido com a jumenta, ao contrário de como se relacionava com as mulheres. Ele espera a autorização para entrar no curral, não usa de sua autoridade, respeitando Jezibela.

Percebe-se, ao analisar as atitudes do homem para com o animal, que aquele respeitava à Jezibela, pois ela possuía uma atitude passiva, sem poder falar, reclamar, dizer o que pensa e ser dona de si. A jumenta recebe tanta atenção de Silvestre justamente por não ser uma mulher, e, assim, o homem poderia continuar mantendo seu grau de arrogância para com o sexo feminino, ao mesmo tempo em que podia satisfazer suas necessidades sexuais, pois destas não abria mão.

Um dia ele voltou de sua excursão namoradeira triste, dizia que aquilo nunca tinha acontecido. Falou: “Isto é maldição da cabra! Levamos quase à letra: a cabra, por aproximação, seria Jezibela. Mas não. A cabra era a falecida. Minha mãe. Minha ex-mãe. O percalço na macheza de Vitalício tinha sido causado por mau-olhado de Dona Dordalma” (COUTO, 2009,

p.101). Ao não conseguir concretizar o ato, põe a culpa em sua ex-esposa, mostrando que ela assombrava os pensamentos do velho.

Raul Ruiz de Asúa Altuna (1985, p.58), ao estudar a cultura tradicional banto, reafirma, em diversos momentos, que “os mundos visível e invisível, embora muito amplos e complexos, estão unidos por relações vitais com intercâmbios permanentes”. Ou seja, o mundo dos vivos e dos mortos está sempre se relacionando. Os antepassados são essas “realidades invisíveis. Alcançaram a pureza de força vital. Daí a veneração, a admiração, a atenção, o receio, o medo, a ânsia de comunhão” (ALTUNA, 1895, p.476). Para Silvestre, essa interferência é prejudicial, pois teria impossibilitado o ato sexual com o animal.

Depois de muito pensar, ele resolveu voltar ao curral para pedir desculpas à jumenta, para que ela não ficasse triste, pensando ter sido sua culpa. Silvestre demonstrava um enorme carinho pelo animal, como ele não parece demonstrar por nenhum de seus filhos e nem mesmo antes por sua esposa, pois é delicado e preocupado com o sentimento da burra. Ao reafirmar, em diversos trechos, a importância do animal naquele ambiente, Silvestre acabava ressaltando não o caráter fundamental do lado feminino e sim a superioridade do homem, pois, na relação com Jezibela, era ele quem mantinha todo o poder. Nesta perspectiva, as mulheres são postas em uma posição inferior a dos animais.

Em certo momento, o filho mais velho pediu que o mais novo montasse na jumenta, pois ela estaria toda dengosa. Ele disse: “Vá lá, desbreguilhe-se, a gaja está desejosa de ser subida” (COUTO, 2009, p.102). Como o irmão negou, ele disse: “Mwanito, tire as calças, você nem parece filho de Silvestre Vitalício” (COUTO, 2009, p.102). Ntunzi se aproximou de Jezibela, mas não conseguiu fazer nada, pois uma leoa apareceu naquele momento. Ao ouvir um tiro, o pai vem preocupado com o animal, foi acalmá-lo e deixou que dormisse dentro de casa, junto com ele, atitude que não tinha nem mesmo com seus filhos.

É correto afirmar que a jumenta só teve a honra de partilhar o mesmo recinto que Silvestre justamente por não ser humana, ou seja, não teria como perceber as dificuldades noturnas que o homem sofria devido à culpa que carregava pela morte de Dordalma. Com os filhos, ao contrário, ele não demonstrava tanto afeto, seja pela lembrança que eles carregavam da mãe e do passado, seja pelo fato da figura masculina não poder demonstrar um maior carinho, pois isso não estava destinado aos homens.

Um dia, Jezibela apareceu grávida: “tinha sido violada a regra sagrada: uma semente da humanidade acabara vencendo e ameaçava frutificar num bicho de Jesusalém” (COUTO, 2009, p.104). Aproximado perguntou a Silvestre se ele não seria o pai, mas o homem negou, pois todos sabiam que ele se prevenia. O homem ficou morrendo de ciúmes e se sentiu traído por algum dos habitantes de Jesusalém. Depois de um mês, Zacaria chamou, a jumenta estava tendo seu filhote. Olhando o bebê dava para ver claramente que era um filhote de zebra e Ntunzi disse: “pois, lhe digo, meu bebê: seu pai de um grande coice no coração do meu velhote” (COUTO, 2009, p.106). Silvestre pegou o recém-nascido e sufocou-o, enterrando-o junto ao rio. Neste momento, o seu filho mais novo o viu se ajoelhar e fazer algo que era proibido em Jesusalém: estava rezando.

A atitude desesperada do homem mostrou como ele era passional, pois não sabia lidar com algo que não estava sob seu controle. O ciúme o consumia, mostrando que antigamente com Dordalma também deveria ser assim. Ao matar o filhote de sua “amante”, ele esqueceu o sentimento da pobre, precisando reafirmar que era ele que mandava naquele território. Ao final, acabou demonstrando algum remorso, pois se ajoelhou para rezar, mas não havia mais nada a ser feito, só lidar com mais essa culpa. Nota-se, neste momento da narrativa, o caráter frio e cruel desta personagem, que ficará mais claro para o leitor com o desenrolar da história.

A tristeza o invadiu de vez quando seu filho, Ntunzi, matou a Jezibela ao invés de assassinar a portuguesa. Foi este ato que levou a partida da coutada, pois o homem dormiu junto à cova do animal e lá foi mordido, tendo que ser levado à cidade. Foi só a partir da morte da jumenta, ou melhor, do seu assassinato, que a ordem foi reestabelecida. Todos voltaram à civilização, onde animais não eram humanos e Silvestre era obrigado a conviver com as mulheres e com sua culpa.

Portanto, a figura de Jezibela representa uma transformação do feminino para aquilo que o homem desejava, alguém que aceitasse seus afetos, não pedisse nada em troca e não o importunasse. Com a chegada do terceiro elemento (a zebra), o nascimento e morte do filhote e o assassinato da jumenta, Silvestre é obrigado a reconhecer que tal realidade não existe, restando apenas retornar e lembrar.

4.3 NOCI: SEUS (DES)AMORES E ENFRENTAMENTOS

Noci era namorada de Orlando Macara (ou simplesmente Tio Aproximado) e possui uma importância significativa na obra. É a partir dela que Marta encontra a família de Jesusalém, que aparecem manifestações populares a favor das mulheres e que o narrador descobre o amor.

Para conseguir um emprego, ela teve que se entregar nos braços de um comerciante, Orlando Macara, sendo ele seu patrão diurno e amante noturno. Já na entrevista, o homem deixa claro quais serão seus objetivos com a moça:

- Recepcionista?

- Para me recepcionar a mim.

Obtivera emprego demitindo-se de si mesma. No fundo, dentro dela se havia formado uma decisão. Ela se separaria em duas como um fruto que se esgarça: o seu corpo era a polpa; o caroço era a alma. Entregaria a polpa aos apetites deste e de outros patrões. A sua própria semente, porém, seria preservada. De noite, depois de ter sido comido, lambuzado e cuspidor, o corpo retornaria ao caroço e ela dormiria, enfim, inteira como um fruto. (COUTO, 2009, p.169).

Lidando com a vida que lhe restava, Noci tentava ajudar aos outros e fazer o que achava correto.

Muitas mulheres, não só em África, como em todo lugar, acabam obrigadas por seus patrões a terem relações sexuais em troca de um emprego. Tal realidade, vivenciada por Noci, deixa a mulher em relação de inferioridade, pois os homens acabam utilizando de seu poder para conseguir o que desejam. No trecho analisado, a visão da personagem é que sua pessoa seria cindida a partir daquele momento, para que poupasse seu caroço, sua alma, dos apetites vorazes masculinos.

Quando Mwanito contou a Noci sobre o envolvimento político do seu professor, ela decidiu entregar Aproximado, pois estava recebendo dinheiro ilicitamente com as licenças de caça. Ela combinou com o menino: “amanhã vai entregar uns papéis a esse professor. (...) Obedecendo a um mando seu, fiquei vigiando o corredor enquanto ela rebuscava as gavetas de Aproximado. Reuniu uns tantos documentos, rabiscou uma pequena nota e fechou tudo num envelope” (COUTO, 2009, p.255). Foi com esta denúncia que, ao fim da narrativa, Aproximado foi preso. Ele desconfiava de Silvestre, mas “apenas eu sabia que os documentos reveladores tinham saído da sua gaveta e tinha sido a sua própria namorada que tinha encaminhado esses papéis com a minha cumplicidade” (COUTO, 2009, p.262).

Mesmo sabendo que podia perder muitas coisas, caso o homem soubesse que ela era a responsável por sua prisão e posterior transferência, Noci não se deixou coagir pelo medo e fez o certo. Ela, inclusive em sua presença, já havia mostrado sua percepção do trabalho do homem, como se percebe em: “O nosso tio se vangloriava do dinheiro que conseguia com os negócios de emissão de licenças para caça. “Mas isso não é ilícito?”, perguntava Noci” (COUTO, 2009, p.258).

Mostrando certo engajamento político e conhecimento da realidade de seu país, Noci enfrentou o poder do patriarcado, do homem, entregando-o à justiça e expondo suas opiniões, mesmo que seja de forma não muito clara. Ao invés de se submeter a tudo que seu patrão e amante mandava, a mulher subverte a ordem dos acontecimentos e torna-se senhora de suas ideias e escolhas.

Outro engajamento da moça era referente à luta para o fim da violência contra a mulher. Depois de a família ter se exilado e voltado, eles estão em sua casa e escutam vozes: “Despertei com o ruído de vozes femininas. Pela janela espreitei. Dezenas de pessoas enchiam a rua e paralisavam o trânsito. Gritavam palavras de ordem, empunhavam cartazes em que se lia: 'Parem com a violência contra a mulher'” (COUTO, 2009, p. 233).

A manifestação contava com a participação de Noci. Zacarias, ao passar pelo movimento para chegar à casa da família, diz: “- O barulho que essas gajas fazem! Noci está lá, toda agitada. (COUTO, 2009, p.233). Ela envolvia-se politicamente para combater o sofrimento de todas as mulheres, para evitar que novas Dordalmas sofressem, para que mais nenhuma Noci tivesse que ser vitimada.

Todos na casa ficaram com medo da reação de Silvestre ao ouvir os gritos que vinham de fora, podendo perceber como uma afronta pessoal, visto sua história de vida: “Zacaria abriu uma nova garrafa de cerveja e bebeu, sem nunca mais falar. Lá fora escutavam-se as manifestantes gritando: “Mulheres, denunciem, denunciem! - Feche a porta para o seu pai não ouvir” (COUTO, 2009, p.236). O velho não teve nenhuma atitude.

Mwanito viu a mulher na manifestação: “A minha mão repuxava as cortinas quando notei que Noci me acenava. Convidava-me a descer, a juntar-me à manifestação. Sorri, contrafeito. E fechei a janela” (COUTO, 2009, p.237). Ele não participou da atividade não por concordar com a violência, mas por ter dificuldade em se sentir pertencente àquele espaço. Crescido em um

ambiente longe de mulheres e de contrariedades, ao menino tais atitudes ainda eram percebidas como estranhas.

Segundo Homi Bhabha (2003, p.32), “o pessoal-é-o-político, o mundo-na-casa”, ou seja, as mulheres berravam e gritavam para combater algo que acontecia no ambiente doméstico, mas que, mesmo assim, não devia deixar de ser discutido. Ao tratar sobre a violência, afirma que as mulheres são “as vítimas de medos projetados, ansiedades e dominações que não se originam dentro do oprimido e não as prenderão ao círculo da dor” (BHABHA, 2003, p.39).

Silvestre, já perto da morte, mudou de atitude sobre a relação masculina com as mulheres, mostrando-se arrependido do que fez com Dordalma. Noci, companheira do Tio Aproximado, fazia parte de uma associação de mulheres que lutava contra a violência doméstica (a mesma que fez a manifestação). Assim, “Silvestre interrompeu uma dessas sessões (...) cruzara a sala e deixara sobre a mesa uma caixa com dinheiro. Era a sua contribuição para a causa daquelas mulheres. A associação, entretanto, fechara. Ameaças diversas semearam o medo entre as associadas” (COUTO, 2009, p.260). Ao doar o dinheiro, ele tentava aplacar a culpa que sentia pela morte de sua esposa. Mas a associação fechou, mostrando que, mesmo com mudanças, a cultura ainda é muito machista e patriarcal.

Percebe-se que, com tal ato, o viúvo buscou uma reparação para a crueldade de suas atitudes com a sua mulher e pela forma como tratava as demais. Mesmo em seu mundo de silêncio, o homem conseguiu fazer algo positivo em prol da luta feminina. O fechamento da organização que Noci participava é significativo, pois pode-se analisar que, mesmo com todas as tentativas realizadas para buscar uma melhor condição de vida para as mulheres, as mudanças não são feitas de uma hora para outra. As ameaças deveriam ser justamente daqueles que não aceitam uma nova ordem social, não de supremacia feminina, mas de igualdade de direitos.

Noci passou, com o tempo, a também ser amante de Mwanito, era com ela que o jovem descobria o desejo e o amor: “Manhã cedo, Noci circulava quase despida pela casa. Comecei a ter sonhos eróticos. (...) era a primeira vez que a suave presença de uma mulher entontecia toda a nossa casa” (COUTO, 2009, p.257). Ele começou a se sentir abalado pela mulher, assim como ficou encantado da primeira vez que viu Marta. Descobrimo o amor, ele retomou seu vínculo com a vida, percebendo, agora, um motivo para não se isolar em seu Jerusalém interno.

Quando Noci devolveu ao menino o dinheiro que seu pai havia dado à organização, ela estava no banho e deixou-se ver. Ao final da conversa, a seguinte cena ocorreu:

- Sim. Como eu, neste momento, sou apenas tua.

A toalha dela tombou a meus pés. E, de novo, como da primeira vez em Jerusalém, a presença de uma mulher fez dissolver o chão. Nesse abismo, nos lançámos, eu e ela. No final, quando os nossos corpos, esgotados, pousaram entrelaçados no pavimento, ela passou os dedos no meu rosto e murmurou:

- Estás a chorar... (...) Quem te ensinou a amar as mulheres?" (COUTO, 2009, p.261).

Mwanito embriagou-se ao fazer amor, perdeu os sentidos, mostrando como dava importância às figuras femininas. Sentia-se em um abismo, mas era algo bom, visto que ao final estava chorando de alegria e emoção, o que surpreendeu Noci.

O mesmo ocorreu quando a mulher entrou nua no seu quarto e foi até ele: “eu percorri as curvas do seu corpo enquanto ia perdendo a noção da minha própria substância” (COUTO, 2009, p.263). Então, o casal teve um diálogo, em que Noci ensinou algo de sua sabedoria feminina: “- Tu é que sabes de mim, tu é que tocas em mim... - Não façamos barulho, Dona Noci. - Isto não é barulho, Mwanito. É música” (COUTO, 2009, p.263). A música do acasalamento.

O caráter de aprendizagem através das mulheres, presente em outras obras de Mia Couto, é marcante na relação amorosa entre o narrador e sua amada. Aprendendo sobre o amor, Mwanito conhece também elementos de sua cultura, da vivência na cidade. Ela ensina ao jovem o que sabe e acredita, e ele busca reter e admirar tudo que vem desta personagem fundamental para seu crescimento.

Ao final da narrativa, o narrador afirmou que a mulher era o que confirmava para ele que o mundo não morreu:

De súbito, me golpeou uma imensa saudade de Noci. Talvez vá ter com ela mais cedo do que pensava. A ternura daquela mulher me confirmava que meu pai estava errado: o mundo não morreu. Afinal, o mundo nunca chegou a nascer. Quem sabe eu aprenda, no afinado silêncio dos braços de Noci, a encontrar minha mãe caminhando por um infinito descampado antes de chegar à última árvore. (COUTO, 2009, p.277).

É através de Noci que Mwanito enxerga uma mudança e uma oportunidade de ser feliz. Reforçando, assim, toda a importância que a mulher pode trazer à vida de um homem, trazendo-o de volta ao mundo.

4.4 DORDALMA: A CULPA E A IMPOSSIBILIDADE DO ESQUECIMENTO

O nome da mãe de Mwanito, Dordalma, é significativo em expressar a vida dessa mulher. Dor da alma deveria ser algo característico para esta personagem, que quase não possuía o poder da fala e que era tratada com tanto desprezo pelo marido.

Apenas no final do romance aparece a explicação para o exílio da família Ventura, a violação de Dordalma por vários homens e seu posterior suicídio. A descrição do triste acontecimento da morte de Dordalma é forte e impactante. Mwanito, o filho, ficou sabendo de tudo através de uma carta de Marta, que investigou o caso para dar uma resposta ao menino. O relato inicia com a descrição da mulher no fatídico dia: “Era uma quarta-feira. Nessa manhã, Dordalma saiu de casa como nunca o fez em sua vida: para ser olhada e invejada. O vestido era de cegar um mortal e o decote era de fazer um cego ver o céu” (COUTO, 2009, p. 242), ela era muito bonita, mas em casa vivia apagada pelo marido. Ela levava uma mala, ia fugir com outro homem, mas ninguém reparou nisso, pois só sua beleza é que chamava a atenção.

Um discurso bem comum dos abusadores é que a roupa das mulheres acabam provocando o crime, seu vestido e decote são vistos como forma de incitação à violação. Dordalma arrumou-se como forma de se sentir bem e iniciar uma nova etapa de sua vida, não para que sua roupa chamasse a atenção de todos. A forma de se vestir e de se portar feminina não tem relação direta com o público masculino, não é uma maneira de provocar ou mesmo exhibir seu corpo. Cada pessoa tem o direito de usar a vestimenta que mais lhe agrada, sem que deva sofrer consequências por isso.

Ela havia deixado um bilhete, junto a uma caixa com dinheiro, explicando que a quantia era para sustento dos filhos. E “meu pai nunca percebera mas a falecida esposa deixara um bilhete explicando a origem e o propósito daquele dinheiro. Eram poupanças de Dordalma e ela legava essa herança para que nada faltasse aos seus filhos” (COUTO, 2009, p.261). Foi esse dinheiro que mais tarde retornou a Mwanito pelas mãos de Noci. Obrigada a abandonar os filhos para fugir do regime de tristeza imposto por Silvestre, a mãe buscou, mesmo com sua ausência, deixar os filhos com alguma segurança e amparados.

Quando a mulher pegou a condução, “raíavam nas pupilas dos machos as mesmas dilatadas veias que enchem os olhos dos predadores” (COUTO, 2009, p. 243). Comparando os homens a predadores, o leitor já esperava algo terrível. Neste momento, eles tornaram-se animais

que deviam, obrigatoriamente, dar fim à sua presa. O chapa-cem (ônibus) estava repleto de homens, e o veículo não seguiu o rumo habitual. O autocarro parou em um espaço baldio e distante. Então: “Dordalma foi arremessada no solo, entre babas e grunhidos, apetites de feras e raivas de bicho. (...) Um por um, os homens serviram-se dela urrando como se se vingassem de uma ofensa secular. Doze homens depois, a tua mãe restou no solo, quase sem vida” (COUTO, 2009, p.243). Ela ficou muito tempo largada e ninguém a ajudou, mostrando como a população estava acostumada com tal ato, ou a achava culpada pelo crime, ou ainda não queriam se envolver por saber que era uma questão complicada.

Percebe-se, ao analisar profundamente o abandono do corpo da personagem, como é naturalizado naquele espaço agressões desse tipo, pois ninguém, mesmo passando ao lado do corpo da mulher, prestou-lhe nenhum tipo de ajuda ou conforto. Alguns até poderiam sensibilizar-se, mas, por não saberem os motivos da violência ou mesmo quem havia praticado tal crime, preferiram não intervir. O individual, o próprio bem estar, é superior ao bem comum, ao outro.

Seu marido, Silvestre, encontrou-a e levou-a no colo para casa. Deixou a mulher na mesa da cozinha e trancou os filhos no quarto. Retirou toda a roupa dela, deixando-a nua. Queimou as roupas no quintal, enquanto a sua esposa ainda estava sem consciência. Ele “sentou-se de novo junto à mesa e ficou vigiando a esposa que dormia. Nem um afago nem um cuidado. Apenas a fria espera de zeloso funcionário” (COUTO, 2009, p. 244). Quando a mulher acordou, o homem a culpou pela violação, falando que ela nunca mais deveria envergonhá-lo daquela maneira: “Ela que permanecesse na cozinha, se lavasse como deve ser. Mais logo, quando a casa dormisse, podia sair para o quarto e deixar-se por lá, quieta e muda. Que ele, Silvestre Vitalício, já sofrera vexames que bastassem” (COUTO, 2009, p.245).

Para o pensamento do homem, o mais importante era que a sua honra estava abalada, visto que sua Dordalma teria deixado ou mesmo provocado as violações. Ele não conseguia perceber sua mulher como a vítima, que precisaria de apoio, carinho e cuidado. Enquanto proprietário dela, não aceitava que seu objeto tivesse sido usado, culpabilizando-a. São comuns tais discursos, que em vez de proteger os necessitados e enfrentar os responsáveis por tais crimes, acabam encontrando explicações infundadas para justificar a agressão.

Dordalma, mesmo sabendo que não era culpada pelo crime cometido contra a sua pessoa, aceitou o que seu marido falava, pois nela estava inculcado um sentimento de inferioridade, uma

noção de que seu esposo tinha o papel de dominador e que a ela só restava ser dominada. A mulher só se pensava através dessa dominação e percebia essa relação como natural. Essa visão é dada certamente pela cultura, pela história de subjugação feminina.

Silvestre acordou e viu a esposa pendurada na árvore, não havia aguentado tanta humilhação e havia se suicidado. Ele retirou o corpo de Dordalma da árvore e a deixou, ainda nua, na varanda. Começou a chorar, mas suas lágrimas não eram pela viuvez: “O teu pai chorava por despeito. Suicídio de mulher casada é o vexame maior para qualquer marido. Não era ele o legítimo proprietário da vida dela? Então, como admitir aquela humilhante desobediência?” (COUTO, 2009, p.246).

Segundo Altuna, na cultura banta tradicional, nem todos os mortos viram antepassados. Alguns, mesmo que recordados e lembrados, não teriam este estatuto. Seriam “excluídos do grupo dos antepassados os leprosos, os que morrem de acidente, os suicidas, os tarados psíquicos, os epiléticos e os celibatários” (ALTUNA, 1985, p.447). Neste caso, Dordalma, por ter se suicidado, não estaria entre os antepassados da sua comunidade e seria, apenas, uma recordação triste.

No funeral da mãe, Silvestre foi para um canto. Mwanito chegou perto dele e fez carinho no pai. Silvestre fechou os olhos e viu que Dordalma não tinha morrido. Repetiu o apelido da esposa, Alminha, e “nunca mais ele proferiu o nome dela. Nem evocou lembrança do tempo em que tinha sido marido. Queria tudo isso calado, sepultado em esquecimento” (COUTO, 2009, p.16).

Tentando esquecer-se de tudo, Silvestre exila-se em Jesusalém. Para o teórico francês Le Goff,

a memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1990, p.426).

Através do apagamento das lembranças, o homem desejava redimir sua culpa com a morte da esposa e continuar dominando não apenas seus filhos, e manipulando suas memórias, mas também toda e qualquer figura feminina.

Isentando-se do passado, o homem também esfacelou sua identidade, pois, segundo Stuart Hall (2011, p.50-51),

Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos [...] As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.

Assim, ao se esquecer de tudo e se desconectar de suas memórias, ocorreu o apagamento da identidade nacional e, conseqüentemente, da cultural. A crise identitária transformou Silvestre em um monstro.

Falar sobre Dordalma era proibido na coutada, pelo menos na frente de Silvestre. Ele havia decidido apagar de suas lembranças seu passado. Ntunzi, que se lembrava um pouco da mãe, explicava o motivo pelo qual o pai não deixava o filho caçula dormir com ele:

- O pai não o quer lá no quarto dele, sabe porquê? Porque morre de medo de ser surpreendido a falar durante o sono.

-Falar o quê?

- Coisas inconfessáveis.

De novo, era Dona Dordalma, nossa ausente mãe, a causa de todas as estranhezas. Em lugar de se esfumar no antigamente, ela se imiscuía nas frestas do silêncio, nas reentrâncias da noite. E não vi havia como dar enterro àquele fantasma. A sua misteriosa morte, sem causa nem aparência, não a roubara do mundo dos vivos. (COUTO, 2009, p.31).

Tal trecho mostra como a mãe, mesmo depois de morta, estava sempre presente, seja no diálogo dos irmãos ou nos pesadelos do pai, que sente a culpa por sua morte.

Para o filho mais velho: “o cabrão matou a nossa mãe” (COUTO, 2009, p.46), e era isto que ele poderia confessar dormindo. Mwanito não conseguia acreditar: “se algo tinha sucedido, meu pai deve ter agido contra a sua vontade. Talvez tivesse sido, quem sabe, em ilegítima defesa? Ou talvez tivesse matado por amor e, na execução do crime, morrera ele mesmo pela metade?” (COUTO, 2009, p.47). O menino apenas abria a possibilidade de tal atrocidade se fosse motivado por amor, mas ele ainda não sabia que a razão que levou o pai a cometer tais atitudes (que sempre o perseguiram) era justamente seu desamor, ou mesmo, a noção de superioridade masculina.

Nota-se que o menino, ao tentar achar uma desculpa para o pai, justifica uma possível violência contra sua mãe através do amor, que poderia motivar alguma reação desesperada. Para Mwanito, ainda desconhecedor da vida, tal possibilidade existia, mas, ao passar do tempo, percebe que essa associação não poderia ocorrer.

Tio Aproximado, ao tentar conter o cunhado nas brigas com Ntunzi, falou que Silvestre já conhecia a dor da viuvez, então deveria cuidar de seu filho para não ter de suportar sua morte “Se ele morrer você nunca mais ficará sozinho. Será a sua segunda má companhia...” (COUTO, 2009, p.49). Silvestre ficou bravo, pois o cunhado havia ido longe demais, expondo que sua esposa sempre o fazia companhia em seus pensamentos, já que “os mortos não morrem quando deixam de viver, mas quando os votamos ao esquecimento” (COUTO, 2009, p.59). Com o sentimento de culpa presente, a mulher permaneceria.

Os meninos, em certos momentos, pediam para o tio contar como era sua mãe e

A tentação era demasiada. Aproximado regredia para voltar a ser Orlando, e lhe apetecia viajar por lembranças da sua meia-irmã. Espreitava os quatro cantos da paisagem, a inspeccionar a presença de Silvestre (...) E Aproximado escorria e discorria. Dordalma, que Deus guarde as suas almas, era a mais bela das mulheres. Não era escura como ele. Herdara a clareza de seu pai, um mulatozito da Muchatazina. O nosso pai conheceu Dordalma e ficou preso. (COUTO, 2009, p.73).

Ao contar a relação de Silvestre e Dordalma, o tio falava que no início o casal se dava bem: “Às vezes, deve ser dito, se atiçavam em dois dedos de desconversa. Silvestre, todos sabem como ele é: teimoso como agulha de bússola. Aos poucos, Dordalma se enclausurou num mundo só dela, triste e calada como a bravia pedra” (COUTO, 2009, p.74). Tal descrição mostra como o casamento e o esposo acabaram assujeitando a mulher, de modo que ela perdera todo seu brilho anterior e sua vontade de viver. É possível afirmar que, ao ser submetida a todo tipo de normas e obrigações, Dordalma acabou isolando-se do mundo e vivendo apenas de sofrimento. Ao tentar romper com esse paradigma de tristeza, teve seu horrível fim. Aproximado só não contava como havia falecido sua irmã, pois não havia resposta.

Zacarias conversava bastante com os meninos, falava de todas as balas que tinha no corpo, mas, ao ser perguntado sobre a do ombro, respondeu: “-Essa já não me lembro” (COUTO, 2009, p.83). Esta bala era fruto de seu amor proibido por Dordalma, do abraço/briga entre esposo e amante. Quando os meninos perguntaram “da nossa mãe, dos namoros dela com pai.”, ele respondeu: “Isso não, isso nunca. A reacção de Zacaria nos pareceu excessiva” (COUTO, 2009, p.85).

Na tentativa de esquecer, Silvestre não passou pelo período de luto e nem deixou que sua família passasse. Marta, vinda de fora, conseguiu falar isso ao homem, mesmo que se arriscando:

A portuguesa se aproximou, quase maternal. Parecia que a sua mão ia tocar no ombro do nosso velho, mas a visitante se arrependeu.

- Caro Silvestre, você sabe bem o que é preciso aqui.
- Não é preciso nada. Nem ninguém.
- O que falta aqui é uma despedida.
- Sim, falta a sua despedida.
- Você não se despediu da falecida. É isso que lhe traz tormentos, essa falta de luto não lhe traz sossego. (COUTO, 2009, p.194).

Ela relatou que aprendeu em África que é necessário deixar o morto “ morrer em paz, de morrer derradeiramente” (COUTO, 2009, p.195). Com toda a situação, Dordalma ainda não tinha morrido completamente.

Foi uma mulher, a outra representante do sexo feminino, que trouxe essa necessidade da despedida, que não foi sentida pelo homem. Ele não chorou a falta da esposa, não sofreu com sua ausência, não lutou contra os que haviam feito mal a ela. Essa ausência de tristeza sufocava-o, impossibilitando de seguir em frente e continuar sua vida. Condenar-se ao isolamento, junto com os filhos, era mais fácil que assumir o luto e sua responsabilidade por ele.

Assim, “para Silvestre o passado era uma doença e as lembranças um castigo. Ele queria morar no esquecimento. Ele queria viver longe da culpa” (COUTO, 2009, p.248). Com a volta para a cidade, foi ainda mais difícil esquecer e lidar com a culpa, já que tudo o lembrava dos acontecimentos daquela fatídica quarta-feira.

Depois de três dias na cidade, Silvestre foi convencido por Marta e Noci que lhe faria bem ir até o cemitério onde sua esposa estava enterrada. Acompanhado do filho, “Silvestre manteve-se impassível, vazio, alheio a tudo. (...) Marta passou-lhe para os braços a coroa de flores e pediu-lhe que a colocasse sobre a campa. Meu pai não chegou a segurar as flores. Tombada no chão, a coroa se desfez” (COUTO, 2009, p.226). Eram as duas mulheres, hostilizadas pelo homem, que possuíam o poder de fazê-lo mudar de ideia e aceitar seu passado.

Silvestre, depois de algum tempo, pediu que o levassem até a árvore em que sua esposa tirara a vida. Ao chegar ao descampado junto à casa, lá estava a casuarina: “Silvestre tombou de joelhos junto ao velho caule. Chamou-me e apontou a copa: - Esta árvore, meu filho. Esta árvore é a alma de Dordalma” (COUTO, 2009, p.226). Percebe-se nessa passagem a comoção do velho e também a comunhão da cultura com a natureza, visto que era aquele ser vivo que agora seria a alma da falecida.

Foi junto à campa em que estava sua mãe que Ntunzi, já ao final da narrativa, contou ao irmão que era filho de Zacarias. É a partir desse momento que Mwanito liga todas as peças de

sua história: “Saí da sombra e dei a volta pelo túmulo de minha mãe. E pensei como aquela lápide ocultava infinitos segredos. Afinal, quando Dordalma saiu de casa, no destinado chapacem, era com Zacaria que ela se ia encontrar” (COUTO, 2009, p.270). O menino é quem fecha o conhecimento de seu passado, apesar da ajuda de Marta.

Assim, segundo Silvestre,

A fronteira entre Jesusalém e a cidade não foi nunca traçada pela distância. O medo e a culpa foram a única fronteira. Nenhum governo do mundo manda mais que o medo e a culpa. O medo me fez viver, recatado e pequeno. A culpa me fez fugir de mim, desabitado de memórias. Era isso Jesusalém: não um lugar mas a espera de um Deus que ainda estivesse por nascer. Só esse Deus me aliviaria de um castigo que a mim mesmo havia imposto. (COUTO, 2009, p.276).

Ou seja, as fronteiras eram mais internas que externas. Ele esperava um Deus que pudesse castigá-lo por suas atitudes, já que de outra forma não seria, devido à sociedade em que se encontrava. Não havia forma de Silvestre ser culpabilizado por toda a situação de morte de sua esposa, já que a maneira como a tratava antes de sua fuga e depois que a encontrou quase sem vida era vista como natural, mesmo que equivocada.

4.5 COMOÇÃO COM A PRESENÇA FEMININA

A presença da mulher, em alguns momentos, é percebida quase com um aspecto sagrado, pois Mwanito, o narrador do romance, possui uma grande admiração e se emociona em diversas situações através desse contato.

Quando o irmão de Mwanito, Ntunzi, levou-o para mergulhar, ele sentiu uma sensação envolvente e doce: “Se houvesse abraço de mãe teria que ter sido assim, nesse desmaio de sentidos” (COUTO, 2009, p.28). Essa mesma presença positiva acontecia ao descobrir a escrita, pois para ele “a minha verdadeira professora era Dordalma. Quanto mais decifrava as palavras, minha mãe, nos sonhos, ganhava voz e corpo. O rio me fazia ver o outro lado do mundo. A escrita me devolvia o rosto perdido de minha mãe” (COUTO, 2009, p.42).

Usando a figura materna como guia, o menino aprendeu as letras, pois isso o deixava mais perto de Dordalma, ela era sua professora. Como não se recordava do convívio com a mãe, era através das sensações boas (mergulho e aprendizado) que ele a sentia mais perto. Percebe-se, portanto, como, pelo lado de Mwanito, as mulheres são colocadas quase sempre junto ao

sublime, ao deslumbramento. No primeiro momento, tais situações ocorrem apenas através da lembrança materna e depois, com a chegada de Marta, o mesmo acontecerá.

Marta, ao entrar na narrativa, apresentou ao narrador uma realidade que ele ainda não conhecia: existiam mulheres, ao contrário do que o pai afirmava. Assim, “a primeira vez que vi uma mulher tinha onze anos e me surpreendi subitamente tão desarmado que desabei em lágrimas” (COUTO, 2009, p.11). Esta passagem mostra a grande comoção do menino Mwanito ao se deparar pela primeira vez com uma figura feminina. Tal admiração acompanhará esta personagem em diversos momentos do romance, fazendo com que sempre valorize a presença da mulher.

Segundo a descrição do narrador, quando ele viu a mulher, “uma fenda se abriu a meus pés e um rio de fumo me neblinou. A visão da criatura fez com que, de repente, o mundo transbordasse das fronteiras que eu tão bem conhecia” (COUTO, 2009, p.123). No princípio, ele sentiu-se perdido e tonto: “apeteceu-me fugir, mas as pernas eram raízes seculares. Sem mexer a cabeça, rodei o olhar pela rua desfocada e procurei por Socorro. (...) Entontecido, senti a lágrima pesar-me mais que o próprio corpo. Foi então que escutei as primeiras palavras da mulher” (COUTO, 2009, p.123).

Ele, com lágrimas nos olhos, preocupou-se, pois isso seria “a confissão da minha fragilidade, pensei, apenas poderia encorajar as diabólicas intenções da aparecida” (COUTO, 2009, p.123). Mwanito ainda não sabia se devia confiar ou fugir daquela criatura nova em seu mundo. Marta percebeu isso e o interrogou: “- O que se passa, tens medo de mim? A voz terna e doce só gravou o meu estado de irrealidade. Passei a mão pelos olhos a corrigir as lágrimas” (COUTO, 2009, p.124).

Nota-se que a chegada da mulher configura-se pelo deslumbramento e comoção, ao mesmo tempo em que pelo receio deste “outro” desconhecido que adentrou o seu mundo masculino. No primeiro momento, por apresentar uma situação desconhecida, o menino não sabia se deveria ficar feliz ou duvidar daquela figura diabólica. Sentiu-se frágil ao demonstrar suas lágrimas, pois não sabia o que Marta iria pensar disso.

Sem acreditar no que estava acontecendo, o menino dialogou com a aparição:

- Desculpe, a senhora é mesmo uma mulher? (...)
- Porquê? Não pareço mulher?
- Não sei. Nunca vi nenhuma antes.

Aquela era a primeira mulher e ela fazia o chão evaporar. Passaram-se anos, tive amores e paixões por mulheres e, sempre que as amei, o mundo voltou a fugir-me dos pés. Aquele primeiro encontro marcou em mim, fundo, o misterioso poder das mulheres. (COUTO, 2009, p.125).

Tal passagem é fundamental para analisar como a fascinação pelas mulheres permanecerá em Mwanito por toda sua vida. O poder citado pelo narrador não é marcado por algo negativo, muito pelo contrário, são elas que acabam mostrando a importância da vida e o mistério do amor.

Foi a partir do contato com outra mulher que o narrador começou a ter mais presente a sua mãe, pois “nessa mesma noite fui visitado por minha mãe. No sonho, ela me surgiu ainda sem rosto, mas já com voz” (COUTO, 2009, p.125). Ele sonhou com Dordalma após conhecer Marta. Aos poucos, a portuguesa foi assumindo uma importância fundamental na vida de Mwanito: “Marta era a minha segunda mãe. Ela tinha vindo para me levar para casa. E Dordalma, a minha primeira mãe, era essa casa” (COUTO, 2009, p.147).

Quando os dois irmãos sofreram o acidente de carro, tentando fugir de Jerusalém, “a primeira pessoa a aparecer foi a portuguesa. Foi ela que nos ajudou a sair da destruída viatura” (COUTO, 2009, p.201). Os demais habitantes foram ao encontro, mas para ver os destroços da cruz e os estragos do carro.

Percebe-se o cuidado feminino para com as personagens, como se Marta substituísse o papel materno na narrativa, tanto que Mwanito chega a essa conclusão. Ela não pretendia ocupar o lugar de Dordalma na vida dos habitantes de Jerusalém, apenas fez com que fosse mais presente essa lembrança (o que fascinava os jovens e atormentava Silvestre).

4.6 CULPA E APAGAMENTO FEMININO

Por mais que não seja o foco do romance, em algumas passagens são narrados aspectos da vida feminina. A mãe de Mwanito e de Ntunzi, por exemplo, não tinha uma vida feliz antes de se suicidar, ficamos sabendo isso por frases e histórias soltas dentro da narrativa.

O narrador, ao tentar explicar o motivo de ser um afinador de silêncio, pensava que “talvez fosse legado de minha mãe, Dona Dordalma, quem podia ter certeza? De tão calada, ela deixara de existir e nem se notara que já não vivia entre nós, os vigentes viventes” (COUTO, 2009, p.14). Percebe-se, assim, que o menino relatou que ela já não possuía existência, pois no

seu casamento as relações de patriarcado haviam a colocado em uma situação inferior, devendo ficar calada e aceitar as ordens masculinas.

Em outro momento, ao ser perguntado sobre a voz de sua mulher, Silvestre disse: “Qual voz dela? Dordalma quase nunca falava” (COUTO, 2009, p.17). Mesmo sabendo da situação e que a mulher não se expressava por estar assujeitada àquela relação, o marido não trouxe nenhuma explicação do porquê que a mulher não falava mais. Para ele, assim como para muitos homens e até mulheres, era assim o casamento, com uma autoridade mandando e com o lado mais fraco obedecendo.

Este aspecto, presente nos dois trechos acima, é apresentado em outras obras de Mia Couto. O silenciamento feminino é marcante em diversos núcleos familiares, não só em África. Numa cultura patriarcal, tais atitudes aparecem com mais clareza, como é o caso de Dordalma. As personagens que conviviam com ela (marido, irmão) percebiam a mudança ocorrida com o casamento, que cada vez foi deixando-a mais quieta e submissa, mas não procuravam relacionar o motivo do emudecimento com a situação em que vivia.

As figuras femininas aparecem muitas vezes culpabilizadas por atos que não lhe dizem respeito. Silvestre, quando explicou para o seu filho como o mundo acabou, expôs da seguinte forma: “Primeiro, começaram a morrer os lugares-fêmeas: as nascentes, as praias, as lagoas. Depois, morreram os lugares-machos: os povoados, os caminhos, os portos” (COUTO, 2009, p.22). Os primeiros lugares a serem extintos foram justamente aqueles de expressão feminina, como forma de, em parte, culpá-las pelo fim do mundo e colocá-las em uma condição de inferioridade, já que, mesmo estes lugares morrendo, ainda restavam os machos, que não precisavam delas para sobreviver.

Um dia, Ntunzi explicou ao irmão que às vezes as mulheres sangravam, fato este que o menino estranhou, porque, na verdade, todos sangravam quando tinham algum ferimento. Então o irmão explicou que “a mulher não precisa de ferida, ela nasceu com um rasgão dentro. (...) Silvestre Vitalício, quando lhe enderecei a questão, respondeu: a mulher foi ferida por Deus. E acrescentou: foi golpeada quando Deus escolheu ser homem” (COUTO, 2009, p.56). Quando o menino perguntou sobre sua mãe, se ela também sangrava, o pai disse que não, “nem quando morreu? Nem” (COUTO, 2009, p.56). Feridas por Deus, as mulheres sempre tiveram que sofrer, pois a elas isto estava destinado. Seu rasgão interior, que originaria a menstruação, era fruto de uma violência cometida por um ser superior e masculino.

Em Jerusalém, Marta não era bem vista por Silvestre, que não queria nenhuma presença feminina naquele espaço. Quando ele foi até a antiga casa, onde a mulher estava hospedada, aconteceu o seguinte diálogo:

- Entrem. Não tenho cadeiras.
- Não vamos ficar nenhum tempo, senhora.
- Chamo-me Marta.
- Não chamo mulher pelo nome.
- Como chama então?
- Não terei tempo de lhe chamar nada. Porque a senhora vai-se já daqui embora. (COUTO, 2009, p.149).

Com a negativa do velho em chamar a moça pelo nome, ele reafirmava sua visão de inferioridade feminina, visto que não poderiam ser tratadas de forma igual pelo parceiro.

Nesta passagem fica marcada a importância do nome. Silvestre negou-se a chamar Marta, pois as mulheres não teriam tal tratamento. A nomeação possui um grande valor para tradição africana, pois “o nome, como parte constitutiva, completa a pessoa, pois explica a natureza própria do ser individual, mostra a sua realidade e descobre a sua interioridade. É um distintivo, segue a alma espiritual como a sombra segue a alma sensitiva” (ALTUNA, 1985, p.267). Tratar uma pessoa pelo nome, segundo Silvestre, seria percebê-la como indivíduo único. Então, ao chamar por Marta, ele estaria tratando da “essência pessoal, até identificar nome e ser. Faz parte da personalidade, revela o ser da pessoa” (ALTUNA, 1985, p.267).

Silvestre fazia os filhos cavarem sucessivos buracos durante todo o dia, pois, segundo o narrador, ele “queria desfear a obra do Criador, como aquele marido ciumento que deformou o rosto da mulher para que ninguém mais desfrutasse de sua beleza” (COUTO, 2009, p.34). A comparação é interessante na medida em que retoma uma prática comum de violência física, aquela do homem ciumento que agride sua companheira por temer os olhares dos outros.

Outra passagem que traz um comentário geral sobre a condição da mulher é quando o irmão mais velho está contente por ter começado a caçar: “Ntunzi tomou gosto da pólvora. Levantava-se antes de amanhecer e seguia pelo mato, feliz como Adão antes de perder a costela” (COUTO, 2009, p. 92). Portanto, percebe-se que, com a presença feminina, os homens não estariam mais tão felizes, pois a alegria é comparada ao momento em que ainda não existiam mulheres. Retomando o surgimento das mulheres presente em Gênesis, em que Eva teria sido criada a partir de uma costela de Adão, fica clara a condição enfrentada por elas desde o início dos tempos e, também, o caráter secundário destas personagens.

A condição de Marta, de ir à procura de seu homem, surpreendeu a autoridade de Jesusalém,

- Lhe pergunto, dona: veio tão longe só procurar o marido?
- Sim, acha que é pouco?
- Uma mulher não sai à procura de marido. Uma mulher fica à espera.
- Então, se calhar, não sou uma mulher.” (COUTO, 2009, p.150).

Não acostumada a essa relação fortemente patriarcal, em que tudo deveria ser autorizado pelo homem, a portuguesa então disse que talvez não fosse uma mulher, pelo menos não naqueles moldes a que eles estavam acostumados, submissa, passiva, quieta. Ao contrário, ela, em diversos momentos, respondeu ao Mateus Ventura, chegando inclusive a deixá-lo constrangido com isso, como se percebe em: “Ela era uma mulher, uma mulher branca, e estava desafiando a autoridade do velho, expondo perante os filhos a sua fragilidade de pai e de homem” (COUTO, 2009, p.151).

Na fala de Silvestre notava-se claramente a visão de imobilidade destinada às mulheres, pois elas deveriam ficar sempre à espera de seus homens, de suas ordens, não podendo ser donas de suas próprias vontades, atitudes. Para ele, habituado com os costumes tradicionais, era inconcebível que ela desbravasse o desconhecido procurando por seu marido, já que ele poderia fazer o que desejasse e Marta deveria aceitar e recebê-lo depois de braços abertos e sem nenhuma pergunta. Caso ele não voltasse, seria culpa dela e não haveria nada a ser feito. Tal atitude era impossível pelos pensamentos da portuguesa, criada em meio a uma sociedade de empoderamento feminino cada vez maior.

Em dois trechos há a comparação entre as figuras femininas e os elementos da natureza de forma negativa. No primeiro, foca-se a consequência do contato com o outro sexo, pois “as mulheres são como as guerras: fazem os homens ficarem animais” (COUTO, 2009, p.151). O lado negativo está presente, porque elas seriam as responsáveis pela transformação do homem. Na outra passagem, dois elementos estão em contraste: “É como as mulheres: elas simplesmente sabem coisas. Inexplicáveis coisas. É por isso que é preciso temer ambas as criaturas: a mulher e a água” (COUTO, 2009, p.230). Assim como assume que as figuras femininas possuem conhecimentos extras, afirma que se deve tomar cuidado com as mulheres, pois podem usar esses poderes de outra forma.

Muitas vezes os elementos da natureza são usados como forma de corroborar o pensamento ou atitude humana, como se todos os seres estivessem em completo acordo. Assim, através das propriedades da água e de seu duplo (conhecimento e perigo), as mulheres deveriam ser temidas, pois se assemelhavam à primeira criatura (água). Ao transformar o homem em animal, ou seja, ao fazê-lo perder a inteligência e agir apenas por instinto, as figuras femininas rebaixaram-no a um estatuto bem menor, o que não é aceito.

4.7 INTERDIÇÃO FEMININA EM JESUSALÉM

Em Jerusalém não havia mulheres. Não se podia nem mencionar sua existência. E Silvestre tentava, ainda, que não se pensasse no sexo feminino. Ntunzi, sabendo desta proibição máxima, vivia confrontando seu pai e retomando este assunto. Quando o pai reafirmou que eram os últimos habitantes do mundo e que não existia mais nada “Do Lado de Lá”, o filho mais velho perguntou:

-Não terá sobrado, por lá, uma mulher? (...)

O sobrolho de Silvestre se ergueu. Ntunzi suavizou, sabendo que a pergunta era provocatória: sem mulheres, não nos restava mais semente. O pai ergueu os braços e com eles cobriu a cabeça numa quase infantil reacção. Ntunzi repetiu a frase, como se raspasse unha sobre o vidro.

- Sem mulheres, não resta semente...

A rispidez de Silvestre confirmou a já velha, mas nunca enunciada, interdição: as mulheres eram assunto interdito, mais proibido que a reza, mais pecaminoso que as lágrimas ou o canto.

- Não quero essa conversa. Aqui não entram mulheres, nem quero ouvir falar a palavra...

- Calma, pai, estava apenas a querer saber...

- Não há falas dessas em Jerusalém. As mulheres são todas... todas umas putas. (COUTO, 2009, p.33).

Tal fragmento retirado da obra em análise demonstra bem a reação do pai ao ouvir o que tentava esquecer. Assim, “a partir de então, o termo puta passou a ser, entre nós, uma outra forma de dizer 'mulher'” (COUTO, 2009, p.33).

Ao negar a presença feminina e não desejar que falem sobre o assunto, Silvestre condenou a família ao seu fim, como foi lembrado por seu filho ao fazer a referência à semente. O pai desejava mesmo por um fim a toda existência, tamanha a sua culpa e sofrimento, mas os filhos não aceitavam.

Nota-se que a reação do velho, quando Ntunzi retoma a interdição, é desesperada, “infantil” segundo o narrador. Isso porque, ao mencionar, durante a conversa, uma mulher, as lembranças negativas dos acontecimentos vinham a sua mente, afinal, não era tão fácil esquecer.

Referindo-se às mulheres como putas, fica óbvio o desprezo que Silvestre tinha por qualquer pessoa daquele sexo. Mwanito, por não saber muito conhecedor da vida, chegou a acreditar que seria um sinônimo, para ele a palavra não possuía o caráter negativo que carregava na fala do pai. Como já mencionado, a forma de nomear as coisas e pessoas é de extrema importância para a cultura africana, pois o nome carrega o que o ser é, sua existência. Nesta perspectiva, é ainda mais emblemático o uso de puta como forma de se referir às mulheres, nomeando assim é como se todas se tomassem o seu significado.

Silvestre criou um estereótipo para todas as mulheres, falava aos filhos como se todas fossem iguais. Bhabha (2003) expõe que o estereótipo é uma simplificação, não porque é uma falsa representação da realidade, e sim “porque é uma forma presa, fixa, de representação do sujeito que, ao negar o jogo da diferença (que a negação através do Outro permite) constitui um problema para a representação do sujeito em significações de relações psíquicas e sociais” (BHABHA, 2003, p.117).

Com a chegada de Marta, a portuguesa que veio desestabilizar seu mundo, a interdição foi abalada. Silvestre se relacionava com a mulher com extrema agressividade:

Meu pai deu uns passos em direção à casa da administração e desatou aos berros:

-Putá! Grande puta!

Projectava o corpo como se as palavras fossem pedras que arremessava:

-Vá-se embora daqui, sua puta!

Vendo-o esgrimir assim contra o vazio, me causou pena. Meu pai queria fechar o mundo fora dele. Mas não havia porta para ele se trancar por dentro. (COUTO, 2009, p.129).

Percebe-se o transtorno do homem ao ter uma de suas proibições caírem por terra. Assim como na passagem anterior, ele teve uma atitude infantil ao ver que seu filho falava de mulheres. Mas agora Silvestre desestabiliza, usando da violência. Mwanito via a dificuldade e sofrimento que o pai tinha ao lidar com esse assunto, tanto que sentiu pena do homem por ser obrigado a conviver com o que ele mais queria esquecer e se afastar.

O pai berrava para a portuguesa, usando, agora sim, o adjetivo com todo teor negativo que poderia carregar. Ele usava as palavras como uma arma, tentando atingir Marta e causar

estragos, para que assim ela fosse embora de seu mundo criado. A fala assume, novamente, uma grande importância, pois é comparada com pedras que foram arremessadas.

4.8 MARTA: ESCRREVENDO PARA DESCOBRIR-SE E DESCOBRIR AS DEMAIS MULHERES

Marta, ao escrever seus papéis, descobria muito sobre sua pessoa, o que pensava sobre seu corpo, suas atitudes, como via as demais mulheres. A escrita passou a ser um processo de autoconhecimento, como aparece em outros romances do autor. O diário da portuguesa iniciava da seguinte forma: “Sou mulher, sou Marta e só posso escrever. (...) Deixei de ter posse da minha próxima própria voz” (COUTO, 2009, p.131). A única forma que ela conseguia de se expressar era pela escrita.

Mwanito, lendo as escrituras da mulher, adentrou no seu universo e no feminino, por consequência. Ele aprendeu sobre sentimentos, paixões, afastamento, tristeza, saudade. Marta encontrou o menino lendo seu diário, mas ele negou tal ato, mentindo que não sabia ler.

Era para Marcelo que Marta escrevia, mesmo sabendo que ele provavelmente não iria ler aquelas linhas. Restando apenas o nome de seu amado, era a ele que ela se reportava: “Só a ele posso pedir o que antes te pedia a ti: que me faça nascer” (COUTO, 2009, p.132). Agora só tinha um nome – Marcelo -, não mais um corpo. O pedido era sugestivo, pois ela solicitava vida, como se não pudesse possuir sem o homem.

Ao receber mensagens de seu esposo, ela recebia-o por inteiro: “Quando me escrevias, era tão belo o que me contavas que me despia para ler as tuas cartas. Só nua eu te podia ler. Porque te recebia não em meus olhos, mas com todo o meu corpo, linha por linha, poro por poro” (COUTO, 2009, p.136). Fica clara a entrega total de Marta, pois sentia seu homem e a falta dele em cada parte de seu corpo, como se ela inteira dependesse e desfrutasse daquele amor total.

Ela era uma mulher que conhecia a sua realidade social, de submissão feminina, tanto que agiu contra isso ao lidar com Silvestre e pesquisar sobre a história de Dordalma. Mas quando se tratava de seu romance com Marcelo, ela não era tão racional. A portuguesa tinha consciência dessa relação ambígua de pertencimento quando sentiu falta da presença de seu marido:

Vês como fico pequena quando escrevo para ti? (...) No meu caso, não, ausência me deixa submersa, sem acesso a mim. Este é o meu conflito: quando estás, não existo, ignorada. Quando não estás, me desconheço, ignorante. Eu só sou na tua presença. E só me tenho na tua ausência. Agora, eu sei. Sou apenas um nome. Um nome que não se acende senão em tua boca. (COUTO, 2009, p.132).

Mesmo percebendo esse conflito interno, ela reafirmou a necessidade do homem, pois só “é” com ele. Sua existência era vinculada ao homem, dependendo dele para ser feliz, o que mostrava ainda uma relação de subordinação.

Para exemplificar o engajamento político e social de Marta, no seguinte fragmento, ela enfrentou Silvestre referindo-se a violência: “- Cuidado, ninguém aqui quer bater numa mulher, não é assim, senhor Mateus Ventura? Durante um tempo, Silvestre deixou o gesto em suspenso, o braço elevado acima da cabeça, como se uma súbita paralisia o tivesse deixado em estado catatónico” (COUTO, 2009, p.160).

A portuguesa conhecia os direitos femininos e reafirmava-os ao homem que acreditava poder fazer tudo (assim como fez com sua esposa). Para sua concepção de mundo, a violência contra a mulher era condenada e proibida, não iria aceitar tal atitude, pois não havia sido educada como sendo submissa a ponto de sofrer violência e não fazer nada. Silvestre percebeu que não podia fazer o que estava acostumado, tanto que ficou paralisado e não terminou a agressão.

Ao contar sua história ao Tio Aproximado e ao falar de Marcelo, Marta notou que “as mulheres explicam-se a si mesmas falando sobre os seus homens. Pois fosses tu, Marcelo, que me explicasses aos outros e eu me convertesse, nas tuas palavras, em criatura simples que cabe na fala de um único homem” (COUTO, 2009, p.137). Ao estar em contato com o sexo masculino, e, especificamente, com quem ama, ela tornava-se alguém simples.

As mulheres africanas serviam de comparação para Marta, porque foi por uma delas que a estrangeira foi trocada. Ela, assim, começou a se repensar, seja fisicamente ou psicologicamente. Baseando na foto que possuía de Noci, a outra, chegou a conclusão que “a mulher que encontraste aí, em África, fica bela apenas para ti. Eu ficava bela para mim, que é um outro modo de dizer para ninguém” (COUTO, 2009, p.135). Ela percebeu como um ponto negativo o fato de se preocupar com o seu bem-estar, em como se sente bela, enquanto achava que era certo ficar bonita para o homem.

Sua relação com seu próprio corpo e sua sexualidade também foram discutidas, pois seriam uma grande diferença se comparado com as mulheres negras, que seriam mais seguras de seus desejos,

negras têm que nunca podemos ter: elas são sempre o corpo inteiro. Elas moram em cada porção do corpo. Todo o seu corpo é mulher, todo o seu corpo é feminino. E nós, brancas, vivemos numa estranha transumância: ora somos alma, ora somos corpo. Acedemos ao pecado para fugir do inferno. Aspiramos à asa do desejo para, depois, tombarmos sobre o peso da culpa. (COUTO, 2009, p.135).

Diversos ensinamentos incrustados desde sempre por uma cultura cristã, que transforma o sexo em pecado, prejudicam a mulher ao ter relações com seu parceiro. O prazer acaba sendo suprimido pela culpa.

A mulher confessou que “nunca me senti à vontade no sexo. Era, digamos, um território estranho, um idioma desconhecido. O meu acanhamento era mais do que uma simples vergonha” (COUTO, 2009, p.141). Então, segundo sua explicação, era isso que Marcelo fora procurar em uma africana: “Talvez fosse isso, um olhar deslumbrado, talvez fosse isso que Marcelo sempre tivesse desejado. Não seria, afinal, o sexo. Mas o sentir-se desejado, mesmo que fosse por breve fingimento” (COUTO, 2009, p.141). Marta não se sentia segura quando se tratava das relações sexuais, pois não conseguia entregar-se plenamente, agindo sempre com receio e pudor. Para ela, seu homem não deveria gostar disso, desejando quem vivesse completamente aquele momento de união, o que encontraria só em África.

Em outro trecho significativo, Marta relacionou África com a descoberta da sexualidade, assim como o nascimento da vergonha feminina: “Pensando no modo como via o meu corpo concluí: eu não sabia estar nua. E dei conta: o que me cobria não era tanto o vestuário mas a vergonha. Era assim desde Eva, desde o pecado. Para mim, África não era um continente. Era o medo da minha própria sensualidade” (COUTO, 2009, p.177). A vergonha retornou novamente nessa passagem, como forma de corroborar o sentimento de culpa e de estar fazendo algo errado.

A partir da experiência africana, a estrangeira aprendeu que “do amor me interessa apenas o não-saber deixar, deixar o corpo fora da mente, em descomando absoluto. Mulher apenas na aparência. Debaixo do gesto: bicho, fera, lava” (COUTO, 2009, p.140). Deveria soltar-se mais e não temer o que deseja, seu corpo, suas vontades. Assim, “sob o céu africano volto a ser mulher. Terra, vida, água são do meu sexo. O céu, não, o céu é masculino” (COUTO, 2009, p.141).

Como afirma Said (2011, p.51), “longe de serem algo unitário, monolítico ou autônomo, as culturas, na verdade, mais adotam elementos “estrangeiros”, alteridades e diferenças do que os excluem conscientemente”. Assim, ao incluir os ensinamentos e descobertas que fez de si em África ao seu ser, Marta torna-se uma mulher melhor após sua experiência do estrangeiro, mais

segura de si, conhecedora de seu corpo e de sua sexualidade. Ela nunca mais seria a mesma, a África pertencia, a partir daquela viagem, à sua identidade.

4.9 SOU UMA, SÃO TODAS

Muitas vezes o destino individual de uma mulher aparece comparado com o de todas. Marta relaciona em diversos momentos sua vida e as consequências da submissão masculina com as outras mulheres, como se fosse impossível romper esse ciclo vicioso que condena todas a tristeza e ao fracasso.

Logo no início, quando Marta defrontou-se com o retrato da amante de seu marido, ocorreu uma identificação entre as mulheres: “A fotografia dessa outra mulher me fixava. E olhávamo-nos as duas, dias e noites, como se um invisível laço nos unisse desde sempre” (COUTO, 2009, p.139). Este laço foi fortalecido com o contato que estabeleceram em Moçambique.

Ao partilharem o amor pelo mesmo homem, trocaram histórias, segredos, medos. Assim, “a amante do meu marido confessava-me ter sido deixada pelo meu marido. De repente, eu já não era mais a que foi traída. E nos convertíamos as duas desconhecidas em antigas parentes, partilhando um mesmo abandono” (COUTO, 2009, p.167). Chegaram a conversar e dizer que homem nenhum valia tristezas de uma mulher, “quanto mais de duas.” (COUTO, 2009, p.167).

O elo construído entre as duas mulheres, Marta e Noci, reforça a importância da união entre as mulheres, a fim de não se sentirem sozinhas e as únicas a sofrerem. Elas aceitam sua posição de abandonadas e pensam sobre o assunto, chegando à conclusão de que não devem ficar assim por pessoas do sexo masculino.

Marta encontrou um grupo de mulheres lavando roupa e questionou-se:

Saberão da minha condição de atraioada? Ou será que nos une a condição de mulheres, atraioadas sempre por um destino infiel? Depois, as camponesas retomam o caminho, com latas e fardos à cabeça. Só então percebo a elegância de que são capazes. (...) De lata na cabeça, atravessam a fronteira entre céu e terra. (COUTO, 2009, p.175).

Ou seja, a identificação não era estabelecida apenas com Noci, com que criou certo vínculo, mas com todas as mulheres, pois estariam submetidas ao mesmo sistema de patriarcado e de submissão, então estava determinado a todas o mesmo destino.

Já no final do romance, as duas personagens femininas conversaram sobre suas condições e vidas:

Distintos que parecessem os nossos trajectos, nós pisávamos as mesmas pegadas. Eu saíra da minha terra para procurar um homem que me traía. Ela traía-se a si mesma com alguém que não amava.

- Por que aceitamos tanto? - questionou Noci.

- Quem?

- Nós, mulheres. Por que aceitamos tanto, tudo?

- Porque temos medo.

O nosso medo maior é o da solidão. Uma mulher não pode existir sozinha, sob o risco de deixar de ser mulher. Ou se converte, para tranquilidade de todos, numa outra coisa: numa louca, numa velha, numa feiticeira. Ou, como diria Silvestre, numa puta. Tudo menos mulher. Foi isto que eu disse a Noci: neste mundo só somos alguém se formos esposa. É o que agora sou, mesmo sendo viúva. Sou a esposa de um morto. (COUTO, 2009, p.249).

Superar o medo e fazer novas pegadas seria uma grande dificuldade das mulheres, mas também uma importante necessidade, pois só assim elas poderiam ser felizes, sentindo-se completas e sem necessitar de um homem para ser alguém.

Homi Bhabha (2003, p.30) afirma que cada vez mais o espaço doméstico é invadido pelo público, assim “as fronteiras entre casa e mundo se confundem e, estranhamente, o privado e o público tornam-se parte um do outro, forçando sobre nós uma visão que é tão dividida quanto desnorteadora” (BHABHA, 2003, p.30). Dessa forma, destino individual e coletivo relacionam-se mutuamente.

5 A CONFISSÃO DA LEOA

O último romance de Mia Couto a ser analisado é *A Confissão da Leoa*. O livro recebeu sua edição brasileira pela Companhia das Letras em 2012. Ele é marcado pela prosa poética, que caracteriza a obra ficcional do moçambicano.

Há uma explicação nas primeiras páginas, em que o autor relata que a história que seguirá é baseada em fatos reais, presenciados em 2008, quando foi enviado a trabalho a Cabo Delgado. A região sofreu ataques seguidos de leões, levando pessoas à morte. Para controlar essa situação, foram contratados dois caçadores com o objetivo de dar fim aos felinos e eles conseguiram matar os bichos que estavam ameaçando a Vila de Palma. Entre as dificuldades encontradas, estava o fato de a população acreditar que os culpados pelas mortes pertenciam ao mundo invisível, assim "aos poucos, os caçadores entenderam que os mistérios que enfrentavam eram apenas os sintomas de conflitos sociais que superavam largamente a sua capacidade de resposta." (COUTO, 2012, p.8).

Pelas palavras do próprio autor, foram estes fatos que "sugeriram-me a história que aqui relato, inspirada em factos e personagens reais" (COUTO, 2012, p.8). O escritor que na narrativa acompanhou o caçador Arcanjo Baleiro, responsável pela construção do romance, chamava-se Gustavo Regalo, e pela descrição era "um homem branco, baixo, de barba e de óculos. É um intelectual famoso, várias pessoas param para lhe pedir autógrafa" (COUTO, 2012, p.63). Ele não é outro senão a representação do próprio Mia Couto, seu alter-ego.

A partir da vivência deste drama, o autor romantizou o ocorrido. Com essa explicação inicial, o leitor já começa a leitura na dúvida entre os limites do real e do irreal, da verdade dos fatos e da invenção feita por Mia.

O livro *A Confissão da Leoa* é composto por 16 capítulos, sendo 8 deles intitulados "Versão de Mariamar" e 8, "Diário do Caçador", que se intercalam, o que também caracteriza outras obras de Couto, como, por exemplo, *Terra Sonâmbula* (1992). É narrado em primeira pessoa (Mariamar e Arcanjo Baleiro), possuindo cada um seus próprios capítulos, que recebem o mesmo número e com subtítulos que normalmente se relacionam (como em "Versão de Mariamar (1) - A notícia" e "Diário do caçador (1) - O anúncio"). Tal divisão mostra os pontos de vista, as visões que cada narrador possui sobre os mesmos acontecimentos e poucas vezes eles

entram em contradição. É presente também a memória, utilizada por ambos como forma de explicar e justificar os atos do presente.

O provérbio utilizado na epígrafe do livro é importante para perceber que a história é sempre contada a partir de algum lado. O provérbio africano é o seguinte: "Até que os leões inventem as suas próprias histórias, os caçadores serão sempre os heróis das narrativas de caça" (COUTO, 2012, p.9). Com isso, percebemos que a história que seguirá falará sobre a perspectiva do caçador e não da presa.

Mas também fica claro, e esse é o ponto deste trabalho, que em se tratando de homem e mulher, o que ganha foco historicamente sempre foi e é o primeiro. É sob seu olhar que as histórias são contadas. Elas sempre tiveram muitas coisas a contar, mas sua voz foi, por muito tempo (e continua em alguns lugares e algumas ocasiões), silenciada e esquecida. Ao tratar da situação da mulher, como Mia Couto faz em *A Confissão da Leoa*, essa voz aparece e, por mais que seja um homem a contar, as histórias de sofrimento, amor, violência, sonhos acabam invertendo esse paradigma de silenciamento. Elas falam através da narrativa, mostrando a todos seu lado do mundo.

Segundo Homi Bhabha (2003), mesmo dentro da suposta homogeneidade cultural da comunidade nacional, “emerge uma voz do povo mais instantânea e subalterna, discursos de minorias que falam em um espaço intermediário e entre tempos e lugares” (BHABHA, 2003, p.223). São nesses entre-lugares a partir dos quais as personagens falam, expressam-se e lutam.

As discussões referentes à situação da mulher ocorrem com mais frequência nos capítulos narrados por Mariamar, pois acabam expressando como ela vive e os dilemas de sua família. Mariamar, Hanifa Assulua (mãe da personagem principal) e Naftalinda são as personagens que mais discutem o papel feminino na obra.

5.1. UMA HISTÓRIA: DUAS VISÕES QUE SE COMPLETAM – A OBRA

Na aldeia de Kulumani (norte de Moçambique), ataques de leões começaram a ser frequentes e assustavam a população, sendo que todas as vítimas eram mulheres. Mariamar, uma das narradoras, contou que "a minha irmã, Silência, foi a última vítima dos leões que, desde há algumas semanas, atormentam a nossa povoação" (COUTO, 2012, p.14).

Hanifa Assulua, mãe de Mariamar, desejava fazer amor com seu marido, mesmo sendo proibido pela crença local por causa do luto. Genito Mpepe não aceitou, pois esse ato ofenderia

aos antepassados e sujaria toda a aldeia. A mulher ansiava justamente por isso, sujar a todos como forma de representar o tamanho do sofrimento que passava. Com a recusa do marido, ela acabou fazendo amor consigo mesma, ofendendo aos antepassados e contaminando a aldeia.

O teórico Mircea Eliade (1992, p. 14), em seu livro *O Sagrado e o Profano*, expõe que

Para a consciência moderna, um ato fisiológico – a alimentação, a sexualidade etc. – não é, em suma, mais do que um fenômeno orgânico, qualquer que seja o número de tabus que ainda o envolva (...). Mas para o “primitivo” um tal ato nunca é simplesmente fisiológico; é, ou pode tornar-se, em “sacramento”, quer dizer, uma comunhão com o sagrado.

O homem desejava respeitar os antepassados e estabelecer a ligação com o sagrado, já a mulher queria justamente o contrário: punir a comunidade fazendo o ato ser apenas fisiológico.

Genito contou à mulher que as autoridades chamaram um caçador da capital, Maputo, para acabar com os leões. Eles se preocuparam, pois seria o mesmo caçador que há 16 anos esteve em Kulumani para matar um crocodilo. Eles não desejavam que ele chegasse à aldeia, com receio que ele levasse sua filha, já que tiveram um romance no passado. Mariamar, sendo agora a única filha do casal, com a morte de Silência e das gêmeas Uminha e Igualita, ficaria trancada em casa para que o caçador não a visse.

Arcanjo Baleiro, o enviado da capital, desejava muito ser o escolhido para acabar com as feras em Kulumani, pois essa seria sua última caçada. A profissão da família, que deu origem ao sobrenome (Baleiro), acabaria com a caça aos leões. Este homem era perseguido por um passado difícil: "Um tiro de espingarda persegue-me desde a infância" (COUTO, 2012, p.31). Seu irmão matou o pai, Henrique Baleiro, quando ele ainda tinha 10 anos, semanas depois da morte da mãe por uma estranha doença, deixando-o órfão. Seu irmão Rolando foi internado em um hospital psiquiátrico depois do acidente, nunca mais falou, nunca mais foi gente.

Arcanjo considerava-se o último caçador, pois todos os demais seriam matadores, o que para ele teria diferença. Com isso,

Não tarda, afirmo, que não sobrem animais. Porque esses falsos caçadores não poupam nem crias nem fêmeas grávidas, não respeitam os períodos de defeso, invadem os parques e as reservas. Gente poderosa fornece-lhes as armas e tudo, para esses matadores, se resume à sagrada trilogia: arma, dinheiro, poder. (COUTO, 2012, p.34).

Ele acaba sendo o escolhido para ir acabar com os felinos. Partiu para o hospital para contar ao irmão, mesmo depois de um ano que não o visitava. Lá encontrou Luzília, esposa do

irmão e enfermeira, por quem nutria um forte amor. Havia escrito uma carta para ela, um convite para que ficassem juntos, mas foi recusado. Era "por causa dela que escrevo este diário, na vã esperança de que, um dia, essa mulher leia os meus atabalhoados manuscritos" (COUTO, 2012, p.35). Rolando, ao perceber que nessa caçada o irmão pretendia desligar-se da vida, pediu à esposa que fosse com ele, mas Arcanjo não aceitou.

Uma figura importante na aldeia, mesmo depois de sua morte, era o avô Adjiru Kapitamoro, pois "em Kulumani, todos idolatramos os nossos mortos, todos guardamos neles as raízes dos sonhos" (COUTO, 2012, p.46). Adjiru era o irmão mais velho de Hanifa (chamavam-se de avô aos tios maternos) e considerado o *amakulu*, "o nosso mais antigo". Ele era um grande caçador, mas foi despromovido a pisteiro por não aceitar a tradição (que dizia que ele deveria se esfregar em cinzas de uma árvore por ter matado um homem durante uma caçada, mesmo sem intenção). Genito, pai de Mariamar, também era pisteiro devido ao seu mentor. Como são os velhos que detêm a sabedoria na cultura africana, sendo a transição entre o terreno e os espíritos, o avô era também autoridade de toda a vizinhança, sua voz era escutada e seguida.

Dois dias depois do enterro de Silência, Mariamar fugiu pelo rio da prisão que sua casa virara pela anunciada chegada dos visitantes (entre eles o seu caçador). Fugiu por amor, para fugir de seu amor. Só pôde ir pelo rio, pois, caso tentasse usar a estrada, seu pai a encontraria e, se usasse o mato, os leões a comeriam.

Durante sua fuga, a embarcação parou em um local sagrado e lá Mariamar viu uma leoa bebendo água. Ao se olharem, foi como se reconhecessem, fazendo-a relacionar o animal à irmã. O policial Maliqueto Próprio a encontrou e, sem conseguir abusar da moça, acabou levando-a de volta para a aldeia. O administrador Florindo Makwala e Genito a proibiram de se aproximar dos visitantes.

Mariamar conheceu Arcanjo 16 anos antes (em 1992), quando o caçador a salvou de uma violação por parte do policial da região. Eles combinaram de fugir, mas o homem não apareceu no momento combinado. O romance dos dois não é muito relatado, apenas se sabe que eles tiveram um pequeno relacionamento, que não terminou bem.

No aeroporto, Arcanjo conheceu o escritor Gustavo Regalo, que iria junto com ele para fazer uma reportagem sobre o ocorrido. Os dois eram muito diferentes, no início se desentenderam, mas, aos poucos, aprenderam a conviver e a crescer na companhia do outro. O administrador do distrito de Kulumani, Florindo Makwala, e sua esposa, Naftalinda, esperavam-

nos. Durante a viagem de carro até a aldeia, o caçador avisou a Florindo que não seria usado para interesses políticos e que daria explicações apenas à empresa que o contratara. Florindo havia recebido ordens de seus superiores: "o povo vota, os bichos não. Há que eliminar rapidamente estes motivos de queixas das comunidades" (COUTO, 2012, p.73).

Ao chegarem a Kulumani, encontraram uma grande recepção, forjada pelo administrador para demonstrar uma suposta popularidade do governo. Arcanjo pensou que, mesmo sem segurança, "estes aldeões marcharão de noite, indefesos, de retorno aos seus lares. Mas parece inevitável: a força de um chefe mede-se pelo tamanho da cerimónia de recepção. E Florindo Makwala não queria perder a oportunidade de nos impressionar" (COUTO, 2012, p.76). Depois, Arcanjo e Gustavo saíram à noite para o caçador desarmar todas as armadilhas, pois não caçava deste modo.

Hanifa Assulua, mãe de Mariamar, era quem limpava e cozinhava para as visitas. Eles se surpreenderam, já que ela quase não falava. Só se dirigiu ao caçador para saber se ele vinha buscar alguém em Kulumani, o que ele negou, pois nem se lembrava muito bem de sua antiga passada pela aldeia. O escritor encheu-a de perguntas, já que era a mãe da última vítima, e ela afirmava que o leão que matou sua filha estava dentro de casa.

O administrador apresentou o pisteiro Genito a Arcanjo e Gustavo, falando que ele trabalharia com os dois, informando que o homem era o pai de Silência, mais recente vítima dos leões. O caçador avisou que ele não teria acesso a armas e pediu ajuda para conhecer o mapa da região, o que Genito não fez, pois não conhecia mapas.

Os visitantes caminharam pela aldeia para conseguir testemunhos e o caçador percebeu que a aldeia crescera bastante: "são certamente refugiados de guerra, estes que se instalaram nas margens do Lideia (COUTO, 2012, p.107). Um camponês estranhou a preocupação repentina das autoridades com as mortes, dizendo: "Querem saber como morremos? Mas nunca ninguém veio saber como vivemos" (COUTO, 2012, p.108).

O banquete de recepção foi feito na *shitala*, um alpendre no meio da cidade, onde apenas homens podiam entrar. O administrador participou, mas os chefes tradicionais avisaram que naquele lugar não era ele quem comandava. Uma intervenção no almoço acabou por mudar tudo. Naftalinda, mesmo sabendo que o local era proibido para as mulheres, entrou e falou que a caça deveria ser aos violadores de mulheres, pois eles eram a verdadeira ameaça. Os leões não matariam suas vítimas, pois elas há muito já se encontravam mortas.

Ao pensar na sua infância, Mariamar lembrou que aos 12 anos ficou sem o movimento das pernas, bem quando era necessário que se escondessem no mato toda noite por causa da guerra civil que o país enfrentava. Ela era apontada pela população e condenada, pois passava o dia agarrada nas costas dos meninos e isso pela tradição não era certo. Então, "quanto mais a guerra nos roubava certezas, mais carecíamos da segurança de um passado feito de ordem e obediência" (COUTO, 2012, p.124). O seu avô a levou para a Missão¹⁷, para que lá ela voltasse a andar. Depois de dois anos, o mais-velho a retirou de lá com ela caminhando, mas sua família não demonstrou muita felicidade. Seu avô era o familiar que mais tinha carinho, sendo ele que escolheu o nome Mariamar: "Não te dou apenas um nome - disse. - Dou-te um barco entre mar e amar" (COUTO, 2012, p.125).

Hanifa chamou Arcanjo durante a noite, porque tinha certeza de que haveriam leões em sua casa. Ao chegarem lá, descobriram que era uma emboscada para que o caçador matasse Genito, que havia saído para comprar bebida e voltaria pelo mato.

A população estava tentando encontrar os felinos, acreditando que na realidade havia pessoas "fazedores de leões". Os homens da aldeia participaram de um ritual para os prepararem para ir à caça, porque não queriam que fosse alguém de fora a matar os leões. Ao observar pela janela essa ação com Arcanjo, Naftalinda – esposa do administrador - contou que pelo menos 12 homens daqueles haviam violentado sua empregada.

Com a pressão para matar logo os leões, Arcanjo saiu para caminhar sozinho e encontrou uma leoa. Ela foi em sua direção e ele não conseguiu apertar o gatilho. O bicho chegou perto, mas não o atacou, mostrando que ele não era sua próxima vítima.

Genito, ao se despedir da filha, já que estava indo para caça, contou que Hanifa transferiu a doença da filha para a árvore tamarindo, fazendo com que ela ficasse boa e a árvore morresse.

Ao partirem para a caça, Genito, Arcanjo e Gustavo encontraram uma hiena que estava com um fêmur humano na boca, demonstrando que houvera um novo ataque dos leões comedores de gente. Como não conseguiram descobrir quem foi a vítima, perguntaram à feiticeira Apia Nwapa. Havia sido Tandi, a empregada do administrador. No enterro da mulher violentada e depois morta pelo felino, a maioria dos presentes eram mulheres. Gustavo, o escritor, mandou um relatório para a capital informando da violação e da falta de atitude de Florindo perante os fatos.

¹⁷ Missão católica.

Quando Arcanjo abandonou Mariamar – 18 anos antes do presente da narrativa -, esta pensou que estava grávida. Mas sua mãe a lembrou que isso seria impossível, já que a filha era "seca". O motivo relatado seria uma surra paterna, mas, na verdade, foram os abusos sexuais cometidos pelo pai que a teriam deixado assim. Genito violava suas filhas e Hanifa fingia não ver. Quando a mãe confirmou o crime, culpou a filha.

Luzilia, esposa de Rolando e grande amor do caçador, procurou Arcanjo. Contou o motivo pelo qual seu irmão matou o pai, ódio por ele ter feito mal à sua mãe. Ele contou à sua amada que chegou a namorar uma moça daquela aldeia, mas não se lembra do nome e nem do rosto. Após se declararem, passaram a noite juntos, pois ela veio lhe buscar de sua última caçada.

Florindo, o administrador, pediu ajuda a Mariamar, pois sua mulher decidiu se oferecer como isca para os leões, dormindo nua ao relento. Ela só iria mudar sua decisão, caso seu marido decidisse fazer algo referente à violação e morte de sua empregada. Mariamar foi junto com Naftalinda para a rua, para não a deixar sozinha. Uma leoa atacou a primeira-dama, Mariamar ajudou a amiga, lutando com o animal, e a leoa acabou indo embora.

A população, ao chegar, depois do ocorrido, achou que Mariamar era a leoa e queriam matá-la. Florindo a defendeu. Ao ver o marido se impor frente à aldeia, Naftalinda percebeu que o homem pelo qual se apaixonou havia voltado. Ouviram-se tiros e todos foram ver o que aconteceu. Maliqueto (o policial) matou um leão no mato e Genito matou uma leoa na estrada, a mesma que havia atacado as duas mulheres. No confronto com a leoa, o pisteiro acabou morrendo.

Do quarto onde estava com Luzilia, Arcanjo ouviu os tiros e partiu para Kulumani. O administrador encontrou o caçador e contou-lhe todo o ocorrido. No hospital, Naftalinda pediu para Arcanjo levar Mariamar para Maputo. Florindo também contou que renunciaria, voltaria a ser professor e denunciaria os violadores de mulheres.

Mariamar pensava que era uma leoa, que começara a ser um animal quando passou pelo abandono materno. O seu avô lhe falou em sonho, depois de morto, que ela era humana, que a vida sofrida que teve fez com que ela pensasse ser um animal. Também falou que era fértil, que a história de sua infertilidade foi uma invenção dele para que os homens ficassem longe dela. Não se casando, ela poderia sair de Kulumani e ser feliz, o grande desejo de seu avô. Contou-lhe que ele era um fazedor de leão, que os fez para chamar Arcanjo e assim ele a levaria embora.

Como acreditava ser leoa, o moça pensava que havia matado todas as mulheres e desejava matar mais, até que só existissem homens no mundo. Seria uma espécie de bem, pois elas só tinham sofrimento em suas vidas. Segundo Mariamar, foi ela quem matou suas irmãs gêmeas afogadas e levou Silência à morte.

Gustavo falou para Arcanjo que ele devia continuar a escrever, que não precisava mais caçar. Esse fato foi de grande importância para o caçador,

Um nó me prende a garganta. Gustavo não imagina o valor daquela recompensa. Foi um pequeno bilhete que iniciou minha história com Luzilia. Eram as cartas que faziam o meu pai ajoelhar-se perante a mal-amada esposa. Era inveja o que eu nutria por Rolando quando ele permanecia em casa, sentado como um soberano, na companhia de livros. Sempre fui o da rua, o do mato. O que Gustavo me dava agora era uma casa. (COUTO, 2012, p.246).

Arcanjo foi à casa de Hanifa se despedir e buscar sua filha Mariamar, como prometeu a Naftalinda. Ao ver os olhos de mel da menina, reconheceu-a. Mariamar estava sem falar e o caçador disse que na capital ela iria se tratar. Hanifa lembrou que a filha não poderia mais voltar, pois o povo achava que ela tinha ligação com os leões. Mariamar só levou consigo o "Diário de Mariamar".

Ao se despedirem, mãe e filha, Hanifa passou o colar, corda do tempo, utilizado por gerações para contar os meses de gravidez. Mariamar se emocionou e deixou cair o seu diário, fazendo com que Arcanjo lesse a primeira frase do livro. Hanifa Assulua confessou a Arcanjo Baleiro que ela era o terceiro leão, e que isso era o segredo deles, já que ele sempre soube que eram três, e não dois felinos.

Jean Chevalier (1986, p.637), em seu *Diccionario de los símbolos*, afirma que o leão é símbolo do poder e da soberania. No reino animal, esse é conhecido como o rei da selva, com sua juba que o deixa ainda maior. Mas são as leas que fazem os principais papéis na alcateia, elas que caçam o alimento (sem a juba para atrapalhar na emboscada) e cuidam dos seus filhos, enquanto o leão protege o grupo. As leas do romance também cuidam de suas famílias, sendo destinadas a elas os principais papéis sociais. Mesmo assim, são os homens que acabam levando o status de provedor e de responsáveis.

A mulher assume muitos papéis na narrativa. É mãe, esposa, filha, irmã, amiga, empregada. Não importando a posição em que esteja, algo infelizmente a acompanha: o sofrimento. Muitos são os motivos que levam a que a vida do sexo feminino seja repleta de

tristezas, entre eles a violência (física, psicológica, sexual) e a submissão ao homem e às tradições.

Uma fala de Silência a Mariamar demonstrava parte do sofrimento por que as mulheres passavam em Kulumani: “Não queira crescer, mana, não queira ser mulher” (COUTO, 2012, p.125). A narradora queria que seus seios crescessem logo, queria ser mulher, mas sua irmã mais velha avisou-a que crescer não era bom, iria enfrentar diversas coisas que não seriam boas.

Diversos aspectos podem ser analisados a partir da leitura desta obra. São marcantes: a presença do mundo dos invisíveis, o papel simbólico da água, a importância do mundo animal e a representação da mulher. Este último, foco deste trabalho, será analisado a partir de agora.

5.2 “DEUS JÁ FOI MULHER”

O romance *A Confissão da Leoa* inicia com a seguinte frase: "Deus já foi mulher" (COUTO, 2012, p.13). A explicação estaria na lenda da criação do mundo, em que Deus, antes de abandonar sua criação e ser chamado de Nungu, o Senhor do Universo, era como todas as mães, por isso seu papel feminino. Este caráter divino representa a importância que já foi concedida à mulher.

Mia Couto, no conto *Lenda de Namarói em Estórias Abensonhadas*, conta a lenda de Namarói sobre o surgimento do mundo, que se relaciona, de certa maneira, ao início da narrativa em análise. Segundo a lenda, no início de tudo, só existiam mulheres. Um grupo de mulheres, impossibilitado de parir, foi engolido por outro desses bandos. Depois de três dias, essas mulheres deram à luz, só que “esses seres que estavam dentro dos ventres ressurgiram mas sendo outros, nunca antes vistos. Tinham nascido os primeiros homens” (COUTO, 1996, p.99). Como esses novos seres eram diferentes, resolveram mudar de local. Mudaram para o outro lado do monte Namuli¹⁸. Quando isso ocorreu, um fio de água que os separava virou um rio. Ao perceberem que as mulheres possuíam o fogo, os homens começaram a ir até a outra margem. Depois de um tempo, “o mundo já quase não dispunha de dois lados” (COUTO, 1996, p.102), ficando, assim, os homens nos territórios das mulheres.

Por esta lenda, percebe-se a importância que a mulher teve no surgimento de tudo, pois no início só elas existiam. Além do mais, eram elas que tinham o poder do fogo. O rio acabou

¹⁸ Monte que possui uma grande importância espiritual, pois é considerado o epicentro da vida humana. Situa-se na região norte de Moçambique, na província da Zambézia.

com a união de homens e mulheres, mas o que se percebe é que a relação de igualdade não se concretizou nessa união.

Paulina Chiziane, em seu romance *O Canto Alegre do Perdiz*, também retoma lendas que referendavam a ideia que Deus era mulher, trazendo também a história da divisão do mundo a partir da lenda de Namarói. Assim como relatado em Mia Couto, as mulheres perderam seu papel principal com a força masculina, que as subjugaram.

Antonio Manuel Ferreira, ao tratar da frase inicial de *A Confissão da Leoa*, chama a atenção para a frase estar no passado, pois “Deus já há muito tempo que não é mulher, e as mulheres não têm qualquer proteção, nem divina, nem humana” (FERREIRA, 2012, p.41). Ou seja, elas perderam com o tempo (ou a elas foi arrancado) este caráter divino, de modo que a elas no presente só restassem dor e sofrimento.

Claro que, assim como afirmado na epígrafe inicial do livro, toda história possui mais de uma versão, e não são todas que colocam a mulher nesse papel principal no surgimento do mundo. Por exemplo, o mito da fundação da tribo (Kulumani) dizia que “uma escultura de madeira, enterrada pelo primeiro homem na areia da savana, se convertera na primeira mulher” (COUTO, 2012, p.122). Assemelhando-se, portanto, à versão bíblica, a mulher só surgiria a partir de uma ação masculina, perdendo assim a centralidade.

Nas últimas páginas do romance, quando estava assistindo à despedida de Mariamar e Hanifa, Arcanjo Baleiro se emocionou e concluiu: “Naquele momento estou rodeado de deusas. De um e do outro lado da despedida, naquele rasgar de mundos, são mulheres que costuram a minha rasgada história” (COUTO, 2012, p.250). A personagem enxergou e se emocionou com a força delas, resgatando, assim, o lado feminino forte, combativo, divino.

Mariamar, ao lembrar seu encontro com Arcanjo, afirmou que

Há dezasseis anos atrás, quando Arcanjo Baleiro me olhou dançando na festa da aldeia, era já a incerteza que nele morava. O caçador tinha medo do que o meu corpo dizia, tinha medo de quem falava pelo meu corpo enquanto os batuques rufavam. Para ele, que não conhecia essa língua, só podiam ser forças obscuras. Os demónios falam assim, sem palavra, tudo dizendo na volúpia dos corpos. Esse era o seu receio. Mas não eram demónios que me faziam estremecer o corpo. Eram deuses que dentro de nós, mulheres, falam e escutam. O receio de Arcanjo era o mesmo de todos os homens. Que regressasse o tempo em que nós, mulheres, já fomos divindades. Ao se enleiar em mim, com a suavidade de brisa, Arcanjo queria proteção e graça dessas entidades. (COUTO, 2012, p.185).

Ao aproximar novamente a figura feminina à das deusas, percebe-se a importância da mulher, pois são através delas que entidades falam e escutam. Sem elas nada seria possível. É nelas que os homens encontrariam proteção e graça. Mas é presente também o medo de que elas voltassem a ser divindades, pois com isso toda a estrutura social mudaria.

Arcanjo representava a dualidade cultural do moçambicano que, mesmo morando na capital e tendo contato com a modernidade, ainda carregava dentro de si elementos da tradição de seu povo. Segundo Edward Said (2011, p.50), “as formas culturais são híbridas, ambíguas, impuras”, nessa hibridez em que o caçador agia.

Para Raul Ruiz de Asúa Altuna (1985, p.70), em *Cultura Tradicional Banto*, “a falta de pudor colectivo que se observa em certos cantos, expressões e sobretudo danças, não se pode qualificar exclusivamente como procurada obscenidade só porque se apresentam como ofensas à educação e sentido moral do Ocidente”. Assim, para Mariamar, a dança ocupava um papel especial, quase sagrado. O receio de Arcanjo era justamente do desconhecido, do corpo e da sensualidade que eram partes importantes desta tradição.

O avô Adjiru era um escultor de máscaras, fazia-as toda a noite, escondido. Suas obras "retratavam invariavelmente mulheres: as deusas que já fomos não queriam ser esquecidas. As mãos dos homens diziam aquilo que as suas bocas não ousavam pronunciar" (COUTO, 2012, p.85). Com suas esculturas, o avô dava o valor que as mulheres realmente tinham e que não recebiam no dia a dia pelos seus maridos, filhos, pais, amigos.

Outro papel importante das mulheres seria a formação do céu, que possui também, de certo modo, um carácter divino. Segundo a narradora, o céu nunca estaria acabado, pois "são as mulheres que, desde há milênios, vão tecendo esse infinito véu. Quando seus ventres se arredondam, uma porção do céu fica acrescentada" (COUTO, 2012, p.13). Esses conhecimentos acerca do mundo eram passados de geração em geração na aldeia de Kulumani, normalmente pelas próprias mulheres. Para Mariamar, essa seria a razão pela qual Hanifa Assulua, sua mãe, olhava tanto o céu durante o enterro de sua filha Silência, porque sabia que agora, com a morte de sua filha, uma parte do firmamento deixara de existir.

A partir dessa visão de mundo, as mulheres, além de serem as responsáveis por povoarem o mundo (afinal, sem mulher não há semente, como narrado em *Antes de Nascer o Mundo*), eram também elas que construía o céu. Ou seja, caso sua existência chegasse ao fim, não haveria seres humanos e nem mais algo que olhar pra cima.

As mulheres de Kulumani detinham segredos que os homens desconheciam, fazendo-as donas de conhecimentos que eles não podiam ter. Um exemplo seria que, assim como no ventre as crianças mudam de posição, o mesmo aconteceria com os mortos na noite do seu enterro. Então, "por essa razão, que Genito desconhecia, Hanifa recusou leito e travesseiro. Estendida no solo, ficou escutando a terra. Não tardaria que a filha se fizesse sentir" (COUTO, 2012, p.18). Nesses momentos, donas de um saber sagrado e único, as mulheres consideravam-se mais fortes que os homens, pois era a elas que era reservado esse tipo de conhecimento. Eram elas também, na grande maioria das vezes, as responsáveis pelos relatos e conselhos.

Essa prática de deitar no chão e ao relento como forma de luto, mesmo que no romance explique-se de outro modo, é uma tradição seguida em muitas culturas em Moçambique. Assim como se relatou no capítulo referente ao livro *A varanda do frangipani*, este costume recai sobre a viúva, por considerar que só assim a casa não ficaria suja com a morte.

Segundo Ludmila Ribeiro (2010, p.68), “a complexidade e a importância dos ritos de morte dá-se, então, não somente por se tratar de um fenômeno natural, a dissociação corpo-alma, mas principalmente por se tratar de uma mudança de regime ao mesmo tempo ontológico e social”. Assim, a população acreditava que diversos rituais deviam ser feitos de modo que essa mudança de regime acontecesse conforme mandava a tradição.

Segundo Jean Ziegler (1996, p.157),

Em todas as sociedades humanas e especialmente na África sub-saariana, as mulheres detêm um poder formidável: elas são as depositárias dos valores fundadores da sociedade, as guardiãs do saber íntimo dos homens. De geração em geração, elas transportam a identidade de um povo. São as mulheres que abrigam a memória coletiva não-ritualizada e, portanto, a mais profunda. São elas que dão a vida, asseguram sua permanência, sua expansão sobre a terra. Elas são o reservatório, o conservatório dos bens simbólicos.

Ou seja, é a mulher que tem o papel de transmissora dos costumes e da própria vida, já que sem elas o mundo estaria acabado. Ideia esta (extinção feminina) que alimentava as leões da história, como será tratado mais a seguir.

5.3 SALVAÇÃO PELA MÃO FEMININA

Muitas vezes, a mulher assume o papel de salvadora, como a responsável pela vida do outro. Essa visão deixa-a com tamanha importância, já que depende dela salvar o homem e a

própria humanidade. Arcanjo Baleiro tinha esse tipo de sentimento com Luzilia, pois seria seu grande amor, só ao lado dela estaria feliz e seguro. Quando Rolando, seu irmão, percebeu que Arcanjo queria que a caçada dos leões fosse a última, despedindo-se assim da vida, "em desespero, o meu irmão entregava-me uma razão para eu continuar apegado à vida. Essa razão era a única mulher que ele alguma vez tinha amado" (COUTO, 2012, p.40). Luzilia, então, seria a única pessoa capaz de salvar o caçador.

Nessa perspectiva, é fundamental analisar o nome da personagem: Luzilia. Era ela que trazia luz para a vida do caçador, que no final da narrativa fez a grande revelação sobre a família do homem. Era por causa dela que ele escrevia seu diário, ela o iluminava e, mesmo sem corresponder ao seu amor, a princípio, mostrava o caminho.

O próprio Arcanjo sabia desse papel desempenhado por sua amada, tanto que sonhava com isso: "uma doce sonolência me invade: como eu queria ser salvo! Deixar-me soçobrar, como um afogado, nos braços de um salvador. Emendo, de uma salvadora, Luzilia" (COUTO, 2012, p.74) - um papel de grande responsabilidade este assumido pela mulher.

Era ela que devia proteger e salvar seu homem, mesmo que para isso precisasse abrir mão de pontos importantes em sua vida. Muitas vezes, as mulheres acabavam priorizando a vida do homem, seja pai, filho, esposo, em detrimento da sua, justamente por conhecer a importância que possuía na vida dos outros. Ao falhar neste papel, considerava-se e era considerada culpada, pois era a ela que era destinada tal função. É importante que ocorra um equilíbrio entre as partes, de modo que a mulher seja valorizada, mas não culpada e muito menos esquecida, enquanto também produtora de vontades e desejos.

O caçador, em outro momento, tentou dançar com Mariamar e ela não aceitou, dizendo

- Eu não danço consigo. Eu danço para si. Fique sentado e veja como me torno uma rainha.

Submisso, obedeceu. A realidade, essa, deixou de me obedecer. Porque me vi dançando nua no pátio, rebolando no chão, pouco a pouco perdendo a humana compostura. Arcanjo tombou rendido, sem fala, sem gesto. Vê-lo assim, frágil e indefeso, me fez ser mais mulher. Murmurei doçuras ao seu ouvido e ele se dissolveu no meu regaço. Nem notámos que a fogueira se tinha apagado: um outro fogo se acendera dentro de nós. (COUTO, 2012, p.159).

Ao ser arrebatado pelo amor, o homem sentiu-se submisso, frágil, sendo esse um dos poucos momentos em que tal acontece. Mariamar sabia desse seu poder, pois relatou que iria se tornar uma rainha.

Ao analisar tal dança, é fundamental ter em mente o que o teórico Raul Ruiz de Asúa Altuna expõe, e que já foi comentado acima, pois Mariamar, ao se assumir como dançarina, tem comportamentos que, vistos aos nossos olhos ocidentais, seriam apelativos, mas que, pela cultura moçambicana, não possui tal sentido.

5.4 PERSONAGENS SEM ESCOLHAS

Em muitas culturas a mulher é vista em uma posição inferior. Tratando-se de África, em especial Moçambique, essa relação não muda. Os costumes da terra, crenças, tradições acabam por tratar o homem com toda a superioridade, sobrando à mulher viver submissa. Então, “o conceito de igualdade entre os esposos é completamente estranho quer às relações conjugais tradicionais, quer às dos colonialistas portugueses. É aceite, de forma geral, tanto pelo marido como pela mulher, a opinião de que é o marido que dirige a casa e que a esposa lhe deve obedecer” (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.54). Mais de 35 anos da independência do país já se passaram, mas práticas como essas ainda são vistas e aceitas pela comunidade.

Mariamar vivia sob o regime de seu pai, que controlava sua vida, seus atos, e tentava, inclusive, domar seus pensamentos. Hanifa e todas as mulheres de Kulumani, com o tempo, eram mortas pelos seus maridos, que, ao controlarem tanto suas vidas, acabavam deixando-as sem vida nenhuma.

Um provérbio do Senegal é utilizado como epígrafe do capítulo "Versão de Mariamar (2) - O regresso do rio" do livro em análise. Segundo o dito popular: "O verdadeiro nome da mulher é 'Sim'. Alguém manda: 'não vais'. E ela diz: 'eu fico'. Alguém ordena: 'não fales'. E ela permanecerá calada. Alguém comanda: 'não faças'. E ela responde: 'eu renuncio'" (COUTO, 2012, p.41). Nesse trecho fica clara a submissão que a mulher é obrigada a enfrentar, já que não aprendeu outra opção. Mostra o poder do homem em controlar o que ela fala, faz, onde fica, enfim, tudo. Ela acaba por renunciar a tudo, existindo apenas para servir ao outro, nunca pensando em si mesma.

Aulus Mandagará Martins (2010), em seu artigo *As margens do texto nas margens do cânone*, trabalha com a importância dos paratextos para a compreensão da obra. Nesse sentido, as epígrafes revelam “uma estratégia cuja intenção é atuar sobre o leitor no sentido daquele texto ser entendido como um texto literário” (MARTINS, 2010, p.170). Percebendo como integrante do mundo da literatura, o leitor passa a entender a epígrafe como pertencente ao texto, mesmo

que estejam em suas margens, ajudando na construção do sentido da obra. É este ponto, relatado por Martins, que ganha força na análise das epígrafes do livro.

Em uma conversa, em que pai e mãe dialogavam sobre a chegada do caçador em Kulumani e o risco de Mariamar ir embora com ele, Genito falou "*-Prefere que Mariamar seja morta por leões?* A mulher não respondeu. Preferir não era um verbo feito para ela. Quem nunca aprendeu a querer como pode preferir?" (COUTO, 2012, p.24). Essa passagem demonstra que as mulheres são educadas para apenas obedecer, não lhes restando qualquer alternativa. Elas não aprenderam a dar sua opinião, a perceberem o que desejam, por isso acabavam apenas seguindo os mandamentos patriarcais, submetendo-se a tudo, pois para elas era a única opção.

Assim, Hanifa não conseguia expor sua opinião sobre o que acharia melhor para sua filha, já que havia sido educada para aceitar sem nenhuma ressalva a opinião masculina sobre os fatos. As vontades e os desejos das mulheres quase nunca eram considerados, visto que seu papel social já estaria delimitado. Mesmo que não quisessem algo, muitas vezes eram obrigadas a fazer para seguir às ordens paternas, depois às do esposo, enfim, as normas tradicionais.

Em outro trecho, Mariamar relatou que "se fosse dona da sua vontade, a nossa mãe teria fugido para longe, numa correria sem fim. Mas Kulumani era um lugar fechado, cercado pela geografia e atrofiado pelo medo" (COUTO, 2012, p.21). Ou seja, elas não eram suas próprias donas, já que sempre deviam obedecer e acabavam pertencendo a algum homem (ao pai até o casamento e depois ao marido). Desde a sociedade tradicional, elas estavam sob poder de algum homem. Interessante a aproximação realizada entre a geografia e o medo, porque, mesmo que por alguns momentos passasse em suas cabeças romper esse ciclo e tentar ser feliz, o medo e a insegurança de ir contra ao que sempre lhes foi passado era muito grande.

É necessária uma (re)invenção da identidade, em que o conhecimento do passado histórico e da tradição devem ser utilizados para a elaboração dessa nova identidade cultural, mas sem um fundamentalismo cultural que leve ao sofrimento do outro, como é o caso das mulheres. Assim,

A cultura não é apenas uma viagem de redescoberta, uma viagem de retorno. Não é uma 'arqueologia'. A cultura é uma produção. Tem sua matéria-prima, seus recursos, seu 'trabalho-produtivo'. Depende de um conhecimento da tradição enquanto 'o mesmo em mutação' e de um conjunto efetivo de genealogias. Mas o que esse 'desvio através de seus passados' faz é nós capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos

sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2008, p.43).

5.5 COSTUMES TRADICIONAIS E LOCAIS SAGRADOS

Gomes e Adolfo (2014, p.17), em *Da negação ao status de mulher à manifestação de uma identidade felina*, expõem que “Kulumani parece ter sido esquecida no tempo. As manifestações tradicionais são demasiadamente obsoletas, fogem à noção de uma atualização da tradição ou mesmo de uma tradição dinâmica apesar das influências estrangeiras terem chegado àquela localidade”. Assim, neste local as práticas tradicionais estavam mais presentes.

Em alguns rituais, as mulheres são obrigadas a se submeterem a mudanças na sua fisionomia, para mostrar que passaram por algum momento difícil (como em caso de morte, tanto do marido como de filhos, nos quais devem raspar o cabelo). Mariamar relatou que “no regresso do funeral reparei como era bela: mesmo com o cabelo rapado, em obediência ao luto” (COUTO, 2012, p.15). Ou seja, mesmo sendo cristãos, haviam rituais a que precisavam se submeter. A filha, mesmo assim, conseguiu achar a mãe bonita, mostrando como aceitava essa tradição e não a questionava.

Rami, a personagem do livro *Niketche*, de Paulina Chiziane, também passou pelo ritual de raspagem do cabelo após a morte de seu marido, mostrando como tal aspecto era forte na cultura moçambicana. A mulher, mesmo tendo que lidar com a dor da perda, ainda sofreu com as tradições impostas por todos para honrar a vida do morto e para limpar a impureza que estaria presente na casa após a morte. Mariamar, na obra em análise, não lutou contra o costume e ainda conseguiu perceber sua mãe de uma forma positiva.

Um ato comum em famílias que ainda seguiam fielmente a tradição era deixar as mulheres sem nada após a morte de seus esposos. Isso era permitido porque “os direitos de propriedade nas relações conjugais estão ligados diretamente à relação entre os esposos. Na relação de superior/inferior que existe presentemente o marido possui toda a propriedade familiar” (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.56). Após ficar viúva, a família do homem podia pegar todas as propriedades, pois elas não pertenciam à mulher e nem aos filhos. Tais atos, pela lei do país, não eram permitidos, mas, assim como acontece com várias outras práticas, a tradição acabava passando por cima da constituição.

Por essas dificuldades a personagem principal do livro *Niketche*, de Paulina Chiziane, passou. Rami, após ficar supostamente viúva, teve a casa saqueada pela família de Toni. Deixaram-na sem nada, pois todos os pertencentes do homem agora eram da família, assim como ela própria.

Hanifa sabia que isso poderia acontecer com sua família, por isso não aceitou a presença dos familiares de Genito em sua casa. Ela falou para seu esposo: "Não quero mais aqui nenhum dos seus familiares. Correm hoje para as condolências. Amanhã, quando eu ficar viúva, correrão mais depressa para me roubarem tudo" (COUTO, 2012, p.23). Durante o enterro da filha Silência, eles pareciam muito abalados e querendo ajudar, mas, quando tiverem oportunidade, deixariam os parentes sem nada. Como a mulher não era considerada uma pessoa com direitos, acaba sendo prejudicada quase sempre.

Em alguns rituais as mulheres não podiam participar, sendo apenas aceita a presença masculina. Depois da morte de Silência, fica-se sabendo que houve algum ritual em sua casa, mas que Mariamar (a irmã) e Hanifa (a mãe) não puderam fazer parte. A narradora disse: "Na noite anterior, em nossa casa a ordem tinha sido ditada: as mulheres permaneceriam enclausuradas, longe dos que iriam chegar. Mais uma vez nós éramos excluídas, apartadas, apagadas" (COUTO, 2012, p.43).

Mesmo todos estando em luto e sofrendo, as duas mulheres foram excluídas de alguns rituais por sua característica biológica. Além de não poderem participar, elas deveriam ficar trancadas, como demonstrou a narradora, como se tivessem alguma culpa histórica a pagar. O processo de exclusão feminina ocorreu, portanto, em todos os momentos. O apagamento era tanto que elas mesmas queriam acabar com suas vidas.

Uma passagem significativa é a seguinte:

O silêncio se reinstalou no quarto. Eu e a mãe sentámo-nos no chão como se fosse o último lugar no mundo. (...) Num instante, estava refeita a ordem do universo: nós, mulheres, no chão; o nosso pai passeando-se dentro e fora da cozinha, a exibir posse da casa inteira. De novo nos regíamos por essas leis que nem Deus ensina nem o Homem explica. (COUTO, 2012, p.26).

Para Mariamar, a ordem do universo era as mulheres no chão, maior símbolo de sua inferioridade. Elas agiam assim porque haviam sido educadas dessa forma e não viam condições de mudanças. Ela sabia que essa submissão, Deus não ensinou e nem os homens conseguiam explicar.

Segundo um ensaio de George Steiner chamado *Um repúdio à palavra*, “o escritor de hoje tende a usar muito menos palavras, e muito mais simples [...] porque diminui extraordinariamente o conjunto de realidades das quais as palavras podem dar conta de modo necessário e suficiente” (STEINER, 1988, p.44). Neste contexto o teórico está se referindo aos novos escritores, que acabam utilizando menos palavras do que, por exemplo, Shakespeare em suas obras.

As personagens femininas da obra em análise são marcadas pelo silêncio, pois elas não teriam como representar seu sofrimento, já que a elas até isso era negado. Então, muitas vezes, esse silêncio das mulheres é expressivo e representativo, o que George Steiner (1988, p.40), no ensaio *Um repúdio à palavra*, demonstra: “A linguagem só pode lidar, de modo significativo, com um segmento especial e restrito da realidade. O resto, e é provável que seja a maior parte, é silêncio”. O que a linguagem não consegue representar abre espaço para o silêncio, que acaba demonstrando muitos aspectos individuais e sociais da realidade sofrida.

Mariammar não era bem vista pela comunidade. Durante o tempo em que ficou sem o movimento das pernas, ela era carregada nas costas pelos meninos, mesmo quando seus seios começaram a crescer. Mas

Os seios, em Kulumani, são um sinal: pelo seu volume as mães sabem quando devem sujeitar as filhas aos ritos de iniciação. O que para mim era um jogo inocente, para a aldeia era uma afronta. As mulheres viam-me às costas dos rapazes e, apoquentadas, viravam a cara. É nessa posição, às cavalitas, que as madrinhas, as chamadas “mbwanas”, transportam para as cerimónias as meninas que vão transmutar em mulheres. Era isso que as mulheres não me perdoavam: eu antecipava e desarrumava um momento que se queria recitado e sagrado. (COUTO, 2012, p.124).

A brincadeira de menina de ser carregada era vista como uma afronta à tradição. Sua intenção não era agir como as madrinhas nos ritos de iniciação, mas a aldeia não aceitava isso.

A iniciação feminina poderia ocorrer em diferentes momentos, dependendo do local. Raul Altuna (1985, p. 296) afirma que em alguns casos a “rapariga deve ser iniciada quando lhe aparece a primeira menstruação”, assim, quando o corpo começa a se modificar. Este era o momento em que a personagem passava quando perdeu o movimento das pernas. Portanto, para a comunidade local, em vez de Mariamar estar sendo preparada para os ritos de iniciação e depois para a vida matrimonial estava sendo carregada por homens, mesmo que por ajuda e brincadeira.

Para ocorrer as mudanças necessárias em relação à valorização feminina, é importante o esquecimento de tradições que colocam a mulher em posição subalterna. Homi Bhabha, ao tratar do surgimento de outro modelo de tradição, expõe que “ser obrigado a esquecer se torna a base para recordar a nação, povoando-a de novo, imaginando a possibilidade de outras formas contendentes e liberadoras de identificação cultural” (BHABHA, 2003, p.226). Assim, aproximando a explicação do teórico do contexto deste trabalho, é necessário esquecer o passado de inferiorização feminina de modo que todas possam se redescobrir, agora como possuidoras de novas formas de viver, falar, agir.

Um dos locais em que, pela tradição, mulher nenhuma poderia entrar é a *shitala*, um alpendre que existia no centro da aldeia. Lá apenas os homens se reuniam. Mariamar, quando criança, ia neste lugar com seu avô, mas isso só acontecia porque Adjiru era uma figura tão importante na aldeia que ninguém iria contra. Nessas ocasiões, o avô inclusive fazia com que todos os homens escutassem as histórias contadas por Mariamar.

Quando os visitantes (caçador e escritor) chegaram à aldeia, foi na *shitala* o almoço de recepção, sendo "nesta sombra que habitualmente se reúnem os homens. As mulheres estão excluídas. Não ousam sequer passar perto daquele espaço coberto” (COUTO, 2012, p.110). O administrador Florindo Makwala preferia outro local para essa conversa, mas os tradicionais exigiram que fosse lá.

O receio da autoridade em se reunir com os enviados da capital na *shitala* era que ficasse evidente que naquela aldeia a tradição tinha mais importância que a modernidade. Ele acabou cedendo e o encontro se deu no local sagrado, pois eram os tradicionais que detinham o verdadeiro poder em Kulumani.

Mircea Eliade (1992) trata das diferentes formas de se perceber um espaço ou objeto. Para ele, esses podem possuir um caráter sagrado, não por sua natureza em si, mas devido ao que revelam. Assim, “manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente” (ELIADE, 1992, p. 13).

Pela tradição de Kulumani, a *shitala* possuía esse papel, pois não era apenas um espaço de encontro, e sim um ambiente sagrado. Por possuir esse estatuto, era proibida a presença feminina. Para o administrador e outras pessoas da aldeia, o local não era visto da mesma

maneira, pelo que “revela”, e sim pelo que é realmente, apenas um espaço comum. Encontra-se nesse ponto o desencontro cultural representado na obra.

Mesmo não podendo fazer parte da cerimônia de boas-vindas, eram as mulheres que preparavam e cuidavam para que tudo fosse perfeito. Então "uma grande refeição está sendo preparada em homenagem aos visitantes. Nós, mulheres, permaneceremos na penumbra. Lavamos, varremos, cozinhamos, mas nenhuma de nós se sentará à mesa. Eu e a mãe sabemos o que temos que fazer, quase sem trocar palavra" (COUTO, 2012, p.82). Elas participavam de toda confecção do banquete e do momento, mas só nas sombras, sem poder aparecer.

5.6 VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

A violência em suas mais diferentes formas é fortemente representada em *A Confissão da Leoa*. As mulheres são agredidas física e verbalmente, violentadas. Esses crimes acontecem em qualquer parte do mundo, mas em Kulumani (parte rural de Moçambique) isso não era considerado crime e ficava sem punição. Isso porque, pela noção de inferioridade e de submissão feminina, era como se as mulheres fossem propriedades masculinas e não necessitassem ser respeitadas.

Não há no livro nenhuma descrição de cena em que um homem espanque uma mulher, existem apenas menções a esses atos. Em uma discussão de Genito e Hanifa, por exemplo, "o homem agarrou-a pelos pulsos e empurrou-a de encontro ao velho armário, derrubando a lamparina. (...) Decidi intervir, em defesa da minha mãe. Ao me ver sair da penumbra, as fúrias redobram em meu pai: ergueu o braço, pronto para impor seu reinado" (COUTO, 2012, p.25), mostrando o uso da força contra a esposa e a tentativa de bater na filha, o que acabou não ocorrendo.

Muitas vezes esses atos não eram considerados como agressões pelos envolvidos, já que os homens estariam no direito de praticar essas ações. Tal violência é marcante em muitos lares, já que a figura masculina utiliza-se de sua força física para que a mulher faça o que ele manda. Na cena relatada, Genito praticou este ato, que não teve nenhuma consequência mais séria, mas poderia ter levado a algum sangramento. Além, é claro, da violência psicológica, que sempre acaba vindo junto da agressão.

Logo após o momento relatado acima, o pai respondeu a Mariamar: "*-Vou dizer-lhe uma coisa, escute bem – declarou, zangado, nosso pai. -Não olhe para mim enquanto falo. Ou já*

perdeu o respeito? Baixei os olhos, como fazem as mulheres de Kulumani" (COUTO, 2012, p.25). O pai não bateu na filha, mas a colocou no lugar que ele acreditava ser dela, em que nem olhar para o outro seria possível, já que seria falta de respeito. As mulheres de Kulumani baixavam os olhos para os homens, aceitavam tudo o que eles lhes obrigavam a passar, pois não viam outra forma de viver.

A agressão verbal aparece em muitas partes da história, sendo comum os homens tratarem suas esposas e filhas de maneira inadequada. A forma de tratamento era tão agressiva e opressora que as personagens estranhavam quando recebiam outro tipo de fala, como em

Naquele momento, anichando-se junto dela, o marido falou-lhe com suavidade a que ela não estava habituada, cada palavra uma nuvem reparando os céus.
 - *O que fazemos agora? Ora, agora... agora vivemos, mulher.*
 - *Eu já não sei viver, ntwangu.*
 - *Ninguém sabe. Mas é isso que a nossa filha nos pede: que vivamos.* (COUTO, 2012, p.16).

A suavidade utilizada pelo marido chamou a atenção de Hanifa, pois habitualmente o homem não a tratava dessa forma.

Até mesmo a maneira de chamar seu marido mostrava uma inferioridade: "Como todas as mulheres de Kulumani, chamava o marido por *ntwangu*. (...) Por razão de respeito, porém, a mulher nunca se dirigia a ele pelo nome. Éramos assimilados, sim, mas pertencíamos demasiado a Kulumani. Todo o nosso presente era feito de passado" (COUTO, 2012, p.16). Enfim, não podiam pronunciar o nome de seu esposo, pois isso seria lhe faltar com o respeito. Deveria seguir essa tradição, porque faziam parte de Kulumani, não sendo possível ir contra.

Como todas as outras esposas daquela aldeia, Hanifa sabia que não se encontrava em relação de igualdade com seu marido. O ato de nomeação para aquela cultura era de extrema importância, pois o nome não era apenas uma palavra normal, e sim expressão da essência do ser. Ao serem proibidas de chamar seus companheiros por seus nomes, as mulheres estavam negadas de conhecer a essência do masculino, como se tal aprendizado não fosse destinado a elas.

A violência sexual foi uma das causas principais de todo o sofrimento vivenciado pelas mulheres. Eram abusadas por pais, autoridades, por um grupo de homens. As consequências de tais atos tiveram importância significativa na obra, já que foi por serem estupradas que o

presente aconteceu daquela maneira (falta de relação com o pai, possível infertilidade, última morte pelo leão, falta de confiança no policial).

A exploração sexual de mulheres sempre ocorreu. No regime colonial, com a chegada dos portugueses, intensificou-se bastante: já “não era seguro para as jovens andar nas estradas (...) houve numerosos exemplos de raparigas e mesmo de mulheres casadas que eram levadas pelos colonialistas, que permitiam à polícia africana os mesmos privilégios” (ISAACMAM; STEFHAN, 1984, p.20). Com a independência, essas práticas não acabaram, mesmo com diversas tentativas por parte do governo e de organizações.

Segundo a OMS (2012, p.11), “a violência sexual pode ocorrer em qualquer idade – incluindo durante a infância – e pode ser perpetrada por pais, provedores de cuidados, conhecidos e estranhos, bem como parceiros íntimos”. Percebe-se claramente na narrativa o abuso por parte de todos os citados.

O policial, pela sua posição de poder, acabou sendo um dos praticantes de tal crime. Maliqueto Próprio, em *A Confissão da Leoa*, foi a personagem que tentou abusar de Mariamar por duas vezes, mostrando que para ele tal ato não era considerado errado. Muitos homens acreditavam que o corpo feminino podia pertencer a qualquer um, não dando valor à mulher. Os estupros são baseados na satisfação sexual masculina, sem a mínima preocupação com a destruição da vida da vítima. O policial Maliqueto Próprio, portanto, era uma das personagens que via o corpo da mulher como sua propriedade, como se pudesse usá-lo à vontade. Utilizava de seu poder para conseguir o que almejava. Ele possuía um desejo de ter Mariamar, e tentou em dois momentos atingir seus objetivos.

Quando Mariamar ainda era uma menina e vendia galinhas (que roubava de um galinheiro) para tentar fugir da aldeia, o policial a encontrou e falou que ela iria sofrer consequências. Nessa passagem, acontece o seguinte diálogo:

- Bem sabe que não há esquadra em Kulumani. Eu tenho meus próprios calabouços.

Os abusos de Maliqueto eram por demais conhecidos. Naquele momento o seu turvo olhar apenas confirmava as suas malévolas intenções. A luz faltou-me, as pernas fraquejaram-me. O cano da espingarda encostada nas minhas costas não me autorizava demoras.

- Por favor, não me faça mal. (COUTO, 2012, p.51).

O policial queria usar de seu poder e sua força para transar com a menina. Ela pediu para que ele não fizesse nada, pois já imaginava o que lhe esperava. Tal ato não foi concretizado, pois chegou Arcanjo em uma moto e impediu Maliqueto, fazendo com que a menina se sentisse muito grata.

Mariammar esteve muito perto de ter um fim como o de muitas mulheres em Kulumani, fim que, mesmo que não fosse da vida, era da sua alma. Foi necessária a chegada de um Outro, de fora, para evitar o abuso, como se a salvação de todas aquelas meninas dependesse da interferência de alguém de fora da aldeia, pois naquele lugar elas estavam fadadas ao sofrimento e à opressão.

Na sua tentativa de fuga de Kulumani pelo rio, logo após ver a leoa na margem bebendo água, Mariamar foi surpreendida por uma figura masculina, que no início não reconheceu. Só ao falar, a mulher percebeu que se tratava do policial. Maliqueto foi levando sua embarcação de volta à aldeia, mas parou no meio do caminho,

- Você deve-me alguma coisa, Mariamar. Não se lembra? Aqui é um bom lugar para cobrar o que me deve.

Vai-se libertando da roupa, enquanto se aproxima, rastejante e baboso. (...) Para meu próprio assombro, toda eriçada, avanço sobre Maliqueto, gritando, cuspidando e arranhando. Entre temor e espanto, o polícia recua e constata, horrorizado, os fundos rasgões que lhe causei nos braços. (COUTO, 2012, p.58).

O homem tentou cobrar aquilo que em sua cabeça ela lhe ficara devendo. Como estariam em um local deserto, em que Mariamar não teria como pedir ajuda, ele resolveu atacá-la novamente. Mas a moça lutou com ele, com uma força que até a ela espantou. Defendeu-se dos abusos masculinos e conseguiu evitar o crime. Ao se ver todo machucado, Maliqueto desistiu e ainda falou (quando voltou e encontrou o pai de Mariamar e o administrador) que seus ferimentos eram em virtude de árvores.

5.6.1 O triste destino de Tandi

Mariammar conseguiu se defender e impedir a atrocidade, mas a maioria das mulheres não consegue. Foi o que aconteceu com Tandi, a empregada do administrador e de sua esposa Naftalinda. O abuso e suas consequências foram tão mascarados que Florindo falou que sua empregada Tandi estava incomodada, mas sua esposa estava decidida a lutar contra os homens que lhe fizeram mal. Ela explicou para o caçador Arcanjo e para o escritor: "Só para que fique

claro: incomodada quer dizer atacada, quase morta. E não foram os leões que o fizeram. A maior ameaça, em Kulumani, não são as feras do mato. Tenham cuidado, meus amigos, tenham muito cuidado" (COUTO, 2012, p.98). No trecho selecionado, além de iniciar uma explicação sobre o episódio envolvendo Tandi, ela retratou algo que era comum em sua fala: os verdadeiros inimigos da aldeia não eram os leões, e sim os homens.

Ao ver a cerimônia em que os alguns representantes do sexo masculino se preparavam para ir à caça, Naftalinda percebeu que nessa ocasião estavam presentes vinte homens, então, em um diálogo com Arcanjo, contou o ocorrido:

- *Os outros eram doze.*

- *Os outros? Que outros?*

- *Os que mataram Tandi, a minha empregada. Eram doze. Alguns desses estavam aqui dançando à vossa frente.*

- *Mataram-na?*

- *Mataram a alma dela, ficou só o corpo. Um corpo ferido, uma réstia de pessoa.*

Relatou o que sucedera: inadvertidamente a empregada atravessou o mato, o acampamento dos ritos de iniciação dos rapazes. O lugar é sagrado e é expressamente proibido a uma mulher cruzar aquele território. Tandi desobedeceu e foi punida: todos os homens abusaram dela. Todos se serviram dela. A moça foi conduzida ao posto de saúde local, mas o enfermeiro não aceitou tratar dela. Tinha medo de retaliação. As autoridades distritais receberam queixa, nada fizeram. Quem, em Kulumani, tem coragem de se erguer contra a tradição? (COUTO, 2012, p.148).

O relato feito pela primeira-dama mostrou a crueldade dos homens que abusaram de Tandi apenas por ela passar por um local, que, mesmo sendo considerado sagrado para eles, não justificaria tal ato. Doze indivíduos abusaram dela e deixaram-na morta, já sem vontade de viver. Falou, novamente, que o leão não estava no mato, e sim na aldeia. A empregada acabou sendo a última vítima dos leões, pois “depois de ser violada, a moça tinha-se convertido num vashilo, um desses seres sonâmbulos que atravessam as noites. Assim, exposta e solitária, ela se entregou à voracidade dos leões. Tandi tinha-se suicidado” (COUTO, 2012, p.175). Os leões apenas terminaram com o sofrimento que os homens começaram.

Presente tanto na primeira fala de Naftalinda, como no relato do abuso, estava a falta de atitude das autoridades em lutar contra estes atos de violência. Mesmo o administrador, conhecedor de toda a verdade, preferiu não assumir o que ocorreu com medo de retaliação por parte das autoridades locais tradicionais. É marcante o fato de que a modernidade, ou pelo menos os representantes de uma cultura não tão enraizada nas raízes, acaba não realizando

interferências culturais em relação aos povos locais, mas se submetendo aos seus costumes por temer sua força e autoridade.

O mesmo caráter sagrado da *shitala* encontrava-se no *mvera*, local onde eram realizados os ritos de iniciação masculinos. Para Eliade (1992, p.17), “o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaço qualitativamente diferente das outras. (...) Há, portanto, um espaço sagrado, e por consequência “forte”, significativo, e há outros espaços não sagrados”. Tandi adentrou em local significativo para aquele povo, mesmo sem saber que estava a cometer um ato tão grave para aqueles homens, pois, para ela e para toda a experiência profana,

O espaço é homogêneo e neutro: nenhuma rotura diferencia qualitativamente as diversas partes de sua massa. O espaço geométrico pode ser cortado e delimitado seja em que direção for, mas sem nenhuma diferenciação qualitativa e portanto sem nenhuma orientação – de sua própria estrutura (ELIADE, 1992, p.18).

Não conhecedora ou seguidora dos costumes locais, Tandi não considerava aquele sítio como sagrado, pois para ela não haviam estas rupturas do espaço. Sem entender a diferença de percepção que cada ser pode ter sobre seu local, os tradicionais puniram a moça como se ela estivesse afrontando diretamente os antepassados, enquanto, na verdade, ela só passava por um acampamento.

5.6.2 Violação paterna

As violações não ocorriam apenas por pessoas desconhecidas ou em uma pequena relação, também eram presentes dentro do próprio ciclo familiar. São frequentes abusos cometidos pelos próprios pais, o que ocorreu com Mariamar. A moça acreditava-se infértil, e isso em Kulumani era um grande problema, pois “uma mulher infértil, em Kulumani, é menos que uma coisa. É uma simples inexistência” (COUTO, 2012, p.121). Ela era constantemente apontada por essa sua condição.

Segundo Altuna (1985, p.68),

A esterilidade converte-se no maior dos males. Arrebata à mulher a sua feminilidade. (...) Interpretam-na como repúdio dos antepassados ou efeito de uma maldição ou acção de um feiticeiro. Conduz, com frequência, a estados mentais patológicos, ao desespero inconsolável e até ao suicídio.

Para a comunidade, o motivo da infertilidade de Mariamar seria o fato de Hanifa não ter feito os ritos de iniciação, como era assimilada, fazendo com que a protagonista nunca deixasse de ser menina. Mas a mãe falava para todos que Mariamar não podia ter filhos por causa de uma pancada que recebera do pai.

Mas a verdade era ainda outra, e nem sempre poderia ser revelada, mesmo que acontecesse em quase todas as casas. O que realmente aconteceu, conforme o relato de Mariamar,

Não foram os castigos físicos que me fizeram estéril. Essa era a versão adocicada inventada por minha mãe. O crime foi outro: durante anos, meu pai, Genito Mpepe, abusou das filhas. Primeiro aconteceu com Silência. Minha irmã sofreu calada, sem partilhar esse terrível segredo. Assim que me despontaram os seios, fui eu a vítima. (...) Já bem bebido, entrava no nosso quarto e o pesadelo começava. O inacreditável era que, no momento da violação, eu me exilava de mim, incapaz de ser aquela que ali estava, por baixo do corpo suado do meu pai. (COUTO, 2012, p.187).

Ao tentar se escapar do mundo, Mariamar tentava não ficar órfã. O pai, sem reconhecer o limite, aquele que aponta que suas filhas não deveriam ser vistas como mulheres que poderia desfrutar, abusava delas ainda quando crianças, quando começavam a se tornar mulheres. Tais atos acabaram traumatizando as mulheres e tiveram muitas consequências futuras.

Mesmo com todos comentando, a mãe, Hanifa Assulua, fazia de conta que não sabia, que era inveja da comunidade, ou, ainda, uma forma de esconder o que na verdade acontecia em suas casas (visto que na aldeia essas atitudes eram aceitas, não deveria ser diferente do que acontecia na casa de Mariamar). Quando Hanifa não pôde mais negar e aceitou o que acontecia, perguntou à filha se era verdade, tendo apenas o silêncio como resposta. Os atos da mãe a partir da confissão nunca seriam imaginados pela filha,

Sem qualquer reação, fitei-a, saltando sobre mim, agredindo-me com socos e pontapés, insultando-me na sua língua materna. O que ela dizia, entre babas e cuspos, era que a culpa era minha. Toda a culpa apenas minha. (...) era eu que provocava seu homem. Não se referia a Genito como ‘o meu pai’. Ele era, agora, ‘o seu homem’. (COUTO, 2012, p.188).

Deixando de lado seu papel de mãe e apenas seguindo seu instinto de esposa, Hanifa culpou a filha pelo ocorrido. A mulher fez Mariamar tomar uma poção que a deixou quase morta como forma de vingança. Mariamar só voltou à “vida” ao cair no rio, o que seria como se nascesse novamente.

No caso da relação existente entre pai e filha, o teórico Mielietinski afirma que estas relações acabam violando a tranquilidade da sociedade e ocasionando catástrofes,

o incesto ou violação da exogamia conduz invariavelmente nos mitos à violação dos contatos sociais e naturais necessários, à separação dos objetos naturais normalmente conexos. Por força do paralelismo metafórico espontâneo de diversos “códigos” mitológicos, a violação da exogamia (...) está frequentemente em correlação com as violações da tranquilidade ritual nos mitos (...) leva a toda sorte de violações da medida e a catástrofes. (MIELIETINSKI, 198, p.234).

Através dos abusos cometidos pelo pai – e também por diversos homens naquela comunidade -, a tranquilidade em Kulumani acabou.

5.6.3 Práticas agressoras

Não se tratando mais de abuso sexual, mas sim de práticas realizadas pelos homens para controlar a sexualidade das mulheres, o livro retratou um costume muito cruel. Luzilia contou a Arcanjo Baleiro o que realmente aconteceu com sua mãe: “na língua de Manica, o termo *kusungabanga* significa ‘fechar à faca’. Antes de emigrar para trabalhar, há homens que costuram a vagina da mulher com agulha e linha. Muitas mulheres contraem infecções. No caso de Martina Baleiro, essa infecção foi fatal” (COUTO, 2012, p.203). Esse seria o motivo pelo qual Rolando matara o pai, pois sabia disso e via o sofrimento da mãe. Enquanto todos achavam que tinha sido uma doença que matou Martina Baleiro, na verdade foi a tradição o que permitiu que isso ocorresse. Como era muito ciumento, Henrique (pai do caçador), quando ia para a caça, fazia essas práticas.

Em 2008, a Organização Mundial da Saúde elaborou uma declaração conjunta em que dez entidades se comprometeram em lutar contra a mutilação genital feminina. O documento, intitulado *Eliminação da Mutilação genital feminina*, define tal prática como qualquer “intervenção que envolva a remoção parcial ou total dos órgãos genitais femininos externos ou que provoquem lesões nos órgãos genitais femininos, por razões não médicas” (OMS, 2008, p.6).

Partindo dessa definição e das divisões propostas em tal declaração, percebe-se que o ato praticado por Henrique Baleiro em sua esposa, Martina, pode ser incluído na mutilação genital feminina, já que foi um crime que lesionou a mulher, a partir do desejo de controlar sua

sexualidade. O homem acreditava ser dono do corpo da esposa, podendo fazer com ele o que bem entendesse, inclusive tais procedimentos que podem (e levaram) até à morte.

Raul Ruiz de Asúa Altuna inclui essa prática em seus estudos sobre mutilação sexual, chamando-a de infibulação. Segundo o teórico “esta prática abusiva e desumana tenta garantir a virgindade da jovem e a fidelidade da esposa sempre que o marido se ausenta durante grandes temporadas” (ALTUNA, 1985, p.300). No caso descrito na narrativa, o homem violentou a sua mulher com este ato devido às suas viagens, trazendo imenso sofrimento a ela e também a seus filhos.

Apesar do crime cometido, o casal possui momentos de afeto, como no seguinte trecho

[...] lembro as cartas de amor que o meu pai ditava a minha mãe. (...) Martina Baleiro, minha mãe, fazia-se bonita para as suas redações. Aquele era o único momento em que ela recebia palavras bonitas da parte do seu homem. Apenas naquele momento ele lhe surgia manso, quase submisso, como se pedisse perdão. (COUTO, 2012, p.65).

Essas cartas, Henrique Baleiro levava nas viagens, juntamente com uma fotografia da esposa, mostrando assim existir alguma espécie de sentimento e ligação. Era o momento em que ele mostrava uma deficiência que possuía (não saber escrever) e pedia auxílio à mulher. Ela esperava por esses encontros, pois eram os únicos em que ela recebia palavras bonitas, que falavam de um carinho e amor que ela não vivenciava no dia a dia.

No livro não há nenhuma outra menção direta à prática de mutilação, apenas é relatado que em Kulumani os ritos de iniciação eram comuns. Em alguns lugares, os ritos de iniciação incluem algumas técnicas de mutilação, que supostamente trariam mais prazer ao parceiro.

5.7 NAFTALINDA E SUA VOZ DE COMANDO

Algumas personagens femininas acabavam por ter certa voz de comando, mas mesmo expondo sua opinião e exigindo mudanças, elas quase nunca eram respeitadas. Este era o caso de Naftalinda: "O tom de voz de Naftalinda ajusta-se ao seu estatuto: tem essa doçura de quem sabe tanto o que quer que nem precisa mandar" (COUTO, 2012, p.69). Essa cena ocorre quando a mulher estava na presença de seu marido, do caçador e do escritor. Então, nesse momento, sua fala adquiriu alguma importância, principalmente porque não estava em contato direto com a sociedade tradicional da aldeia. É importante salientar que isso não ocorria sempre, não era a regra. Normalmente, as ordens partiam dos homens. Mesmo no caso da primeira-dama, que

conseguiu mandar em algum momento, a volta à sua posição feminina de submissão ao sexo masculino foi inevitável.

Tudo corria bem no almoço de boas-vindas ao caçador e escritor, no local proibido às mulheres, até que uma intervenção feminina acabou por modificar de alguma forma os fatos. O trecho que segue, mesmo sendo longo, justifica-se pela importância dentro da obra e pelas diversas constatações que fazem surgir,

Inesperadamente, uma voz feminina se faz escutar, herética e imprevista:

- *A caçada deveria ser outra. Os inimigos de Kulumani estão aqui, estão nesta assembleia!*

A intervenção alarma todos os presentes. Surpresos, os homens encaram a intrusa. É Naftalinda, a esposa do administrador. E ela está desafiando as mais antigas das interdições: as mulheres não entram na *shitala*. E muito menos estão autorizadas a emitir opinião sobre assuntos desta gravidade. O administrador acorre a retificar o incidente:

- *Camarada primeira-dama, por favor, este é um encontro privado...*

- *Privado? Não vejo nada de privado, aqui. E não me olhem assim que não tenho medo. Sou como os leões que nos atacam: perdi o medo dos homens.*

- *Naftalinda, por favor, estamos reunidos aqui segundo a tradição antiga – solicita Makwala.*

- *Uma mulher foi violada e quase morta, nesta aldeia. E não foram os leões que o fizeram. Já não há lugar proibido para mim. (...)*

- *Você voltou a Kulumani, Arcanjo Baleiro? Pois dê caça a estes violadores de mulheres.*

- *Mamã, há que pedir a palavra – adverte Florindo Makwala.*

- *A palavra é minha, não preciso pedir a ninguém. Estou a falar consigo, Arcanjo Baleiro. Aponte a sua arma para outros alvos. (...)*

- *Fingem que estão preocupados com os leões que nos tiram a vida. Eu, como mulher, pergunto: mas que vida há ainda para nos tirar? (...)*

- *Sabe por que não deixam as mulheres falar? Porque elas já estão mortas. (COUTO, 2012, p.114).*

Essa passagem demonstra a força da personagem feminina Naftalinda, que rompeu com a tradição que excluía as mulheres daquele espaço, e também com a que não permitia que falassem sobre assuntos importantes, já que para ela não havia temas proibidos, enquanto existissem mulheres sendo violadas e mortas.

Ela não apenas transmitiu sua opinião, como também acusou os presentes, falando que era a eles que o caçador deveria matar. Afirmando que, assim como os leões, perdeu o medo dos homens, falou das violações e que estas não foram obras dos animais, por isso, os inimigos eram os próprios homens das aldeias. Naftalinda afirmou, ainda, o poder de sua palavra, que por ser dela, nenhum homem iria controlar.

Ela encerrou tratando de um tema que é muito comum durante toda a obra: o fato de as mulheres já estarem mortas, mesmo antes dos ataques dos leões. Os animais não tirariam a vida de suas presas, pois essa já não mais lhes pertencia. Há muito já haviam perdido qualquer resquício de humanidade pela forma como eram tratadas, subjugadas.

Barbara Isaacmam e June Stefhan (1984, p.12), ao tratar da situação da mulher na sociedade tradicional, expõem que “as mulheres não tinham qualquer papel na elaboração das decisões políticas, inteiramente controladas pelos homens”. Essa situação não se modificou com o colonialismo, e, mesmo depois da independência do país, dependendo do local, a voz feminina não é respeitada.

Principalmente no interior de Moçambique, as mulheres ainda são tratadas segundo a tradição, que as coloca numa posição de inferioridade. Não podendo falar, opinar, só lhes resta obedecer. O romance em análise representa bastante essa dificuldade que elas ainda encontram, já que todas, em algum momento da narrativa, tiveram o veto da fala, não podendo expressar suas opiniões, desejos, sonhos. Mesmo quando conseguem fazer parte de alguma tomada de decisão ou expor o que desejam, são relativas a assuntos de menor importância.

Naftalinda, ao tentar subverter essa ideia, acabou por questionar todos os costumes de Kulumani. Não só entrou em um local sagrado que não era permitido às mulheres, como falou aos homens sem ter permissão, tratando de assuntos de extrema importância, e ainda acusou o público masculino. Ela assumiu sua voz e lutou por todas as mulheres.

5.8 HANIFA, A LEOA, E A CONSCIÊNCIA DA MORTE FEMININA

Hanifa Assulua, mãe de Mariamar, é uma personagem que durante todo o romance reafirma que as mulheres não eram consideradas pessoas, que já estariam mortas, assim como Naftalinda. Ao conversar com seu marido, a mulher afirmou que “- *Há muito que eu não vivo. Agora já deixei de ser pessoa. Meu pai olhou-a, desconhecendo-a. A mulher nunca falara assim. Aliás, ela quase não falava*” (COUTO, 2012, p.20). Ou seja, se já estava morta em fruto de todo o sofrimento, agora deixava de ser pessoa. A narradora contou que depois da morte de suas filhas gêmeas (que morreram afogadas), sua mãe quase não falava: submissão e tristeza acabaram com a vida da mulher.

O olhar do homem com a frase da esposa era de espanto, não estando acostumado a essas reações de Hanifa. Ela assumiu sua infelicidade perante seu esposo, mostrando como a vida de

casada e todo o sofrimento que veio como consequência acabou levando à sua morte simbólica. Ao ir perdendo suas filhas, que, segundo a tradição, seriam a continuidade de tudo, ela foi se afastando da vida e assim perdendo sua fala. O silêncio era só o que restava para toda aquela dor.

Hanifa explicou essa condição para sua filha, dizendo que "nós todas, mulheres, há muito que fomos enterradas. Seu pai me enterrou; sua avó, sua bisavó, todas foram sepultadas vivas" (COUTO, 2012, p.43), mostrando que eram os homens que realizavam essas mortes, pois agiam como seus costumes mandavam, colocando a mulher sempre em condição de inferioridade. Essa imagem de as mulheres estarem mortas, enterradas, também se repete no romance de Paulina Chiziane, *Niketche, Uma história de poligamia*.

Christian Muleka Mwewa, em seu artigo intitulado *Entre venenos e confissões: corpos, tentações e sensações*, afirma que Hanifa, assim como as demais personagens femininas, representam "uma coletividade de mulheres que, por ventura, passam pelas mesmas situações na objetividade da vida material" (MWEWA, 2013, p.3). Todas elas sofrem com suas condições de inferioridade, infelicidade, não podendo expor seus desejos e vontades, sendo obrigadas a trabalhar durante todo o dia, sem receber nenhum carinho ou palavra de afeto.

Gomes e Adolfo (2014, p.21) afirmam que

Diante de toda a sorte de abusos, então, as habitantes de Kulumani, as quais parecem terem tido seu status de mulher interdito por um poder tradicional obsoleto e opressor, não acham outra solução a não ser o aniquilamento. Isto vai se dar de duas maneiras, sendo a primeira, caracterizada por elas se entregando à morte, como o fez a personagem Tandí, depois das cicatrizes físicas e morais da violação, assim como ocorreu com a própria Silência; e a segunda, sendo configurada pelo arrefecimento do lado humano e pelo florescimento de uma identidade felina, uma personalidade de leoa nestas mulheres, que vai lhes conceder a capacidade de vaticinar o fim à dominação tradicional masculina, assassinando suas semelhantes.

Assim, o importante para aquelas mulheres era acabar com a vida sofrida a que estavam submetidas, restando apenas a morte completa.

Ao final da narrativa, ao confessar que era uma das leoas, Hanifa transpareceu seu desejo de acabar com o sofrimento feminino e "este procedimento foi motivado pela possibilidade de cessar as violências sexuais que aconteciam corriqueiramente e intrafamiliarmente contra as mulheres da aldeia" (MWEWA, 2013, p.5). Ela, aparentemente submissa ao marido, ocupou um espaço de protagonismo na denúncia da situação da mulher em Kulumani.

5.9 EDUCAÇÃO FEMININA

Outro problema que as mulheres enfrentam e que foi retratado implicitamente na obra é a falta do acesso à educação formal. Mariamar sabia escrever, e por isso, "em Kulumani, muitos se admiram da minha habilidade em escrever. Numa terra em que a maioria é analfabeta, causa estranheza que seja exatamente uma mulher que domina a escrita" (COUTO, 2012, p.87). A menina aprendeu o dom das palavras com o avô, que ia lhe ensinando as letras através de prêmios que trazia das caçadas (que deixava sempre com um papel com a letra escrita). E foi através da escrita que Mariamar se fortaleceu: "Num mundo de homens e caçadores, a palavra foi a minha primeira arma." (COUTO, 2012, p.89).

Foi através da escrita que ela conseguiu romper de certa forma com seu sofrimento. Ao expor seus pensamentos e desejos no Diário de Mariamar, era como se a jovem tivesse conseguido jogar para o mundo todas aquelas verdades que eram escondidas em Kulumani. No final do romance, quando ela foi levada para a capital, só o que ela carregou foram seus escritos, como se isso fosse seu maior tesouro. Naquelas folhas estavam registradas sua vida, sua cultura, sua história. Seria seu elo com o passado numa vida nova.

Interessante que na família dos caçadores, também era Martina, esposa de Henrique e mãe de Arcanjo e de Rolando, quem sabia ler e escrever. Era ela por quem o marido procurava para ditar suas cartas de amor. Um dia, Henrique Baleiro desconfiou que Martina não escrevesse as palavras que ele ditava. Fez, então, o filho Rolando ler e confirmar, pois sua desconfiança era gigante, e a palavra de sua esposa não servia. Nesse momento, com os olhos fixos no chão, o narrador disse: "Fixei o rosto da mãe e vi a tristeza, a tristeza de toda a humanidade" (COUTO, 2012, p.107). Em mais um momento, um ato ou uma atitude de uma mulher foi relacionada com a vida de todas as outras do mundo. Ao ir contra o que Martina estava lendo, desconfiando de seu conhecimento, Henrique repudiou o fato de que sua mulher podia conhecer mais que ele, fazendo com que ela se sentisse inferior.

Segundo dados do Governo de Moçambique (INE, 2013), são os homens que possuem maior taxa de alfabetização, assim como são a maioria a concluir o ensino primário, secundário e superior. Analisando tais dados, percebe-se como as representações femininas no romance rompem com esse paradigma de exclusão, visto que são Mariamar e Martina que possuem o dom da escrita, e não só os homens.

5.10 RELAÇÃO PATERNA E MATERNA

A relação paterna também é marcada por conflitos que complicam a vida das mulheres. Em dado momento do romance, Arcanjo foi até a casa de Hanifa para falar com Genito, mas ela mostrou seu marido bêbado e falou:

– Às vezes peço a Deus que não acorde nunca mais – confessa. (...) Esse homem deu-me quatro filhas mas tirou-me todas elas.
- Disseram-me que a mais velha foi morta pelos leões.
- Foi Genito que a matou...
Naquela fatídica madrugada, Silência estava escapando de Kulumani, fugindo do regime despótico de Genito Mpepe. (COUTO, 2012, p.177).

A opressão paterna era tão forte que suas filhas não aguentavam. Genito, além de acabar com a vida de sua mulher, prejudicou suas filhas, com os abusos sexuais, com a prisão a que as submetia. Hanifa sentia um ódio pelo esposo, porque considerava que, por sua culpa, não conseguiu ser mãe. Por estar fugindo de casa e do pai, Silência foi morta pelos leões. Em outros momentos do romance, a mulher deixou clara sua intenção de matar o marido.

Este ódio era personificado na figura de Genito, mas na realidade seria destinado a todos os homens, visto que não era somente o seu esposo que possuía atitudes e falas machistas, e sim todos os que estavam impregnados com aquela cultura patriarcal. O pai seria o responsável por acabar com a vida das filhas justamente por oprimi-las, fazendo com que os leões apenas acabassem com as vítimas.

Quando Mariamar ficou sem os movimentos das pernas, seu pai falou que ela seria um peso, porque estavam no meio da guerra e precisavam se esconder na floresta a cada noite. O avô respondeu a Genito: “- Desde quando uma filha é um peso? - inquiriu Adjiru” (COUTO, 2012, p.120). Adjiru ensinou que não importava o que acontecesse com os filhos, eles nunca deviam ser considerados como um problema.

Em uma noite, Mariamar teve um sonho que foi significativo como representação de seu desejo de liberdade. Sonhou que ela e suas irmãs eram galinhas presas, sob o domínio de Genito. Elas queriam voar, mas não podiam. Descobriram que em algumas capoeiras as galinhas estavam se transformando em abutres e assim alcançando a liberdade. Esperavam que o mesmo milagre acontecesse com elas, mas não ocorreu. A vontade de Mariamar em ser livre era tão grande que

seus desejos se mostravam nos sonhos, usando a figura paterna como o carrasco que não deixava as filhas serem felizes.

Antes de ir para a caçada do leão junto com Arcanjo Baleiro, Genito passou no quarto da filha para se despedir,

Nunca antes o meu pai se tinha despedido. Saía de madrugada, ninguém dava conta que partia. Desta feita, porém, olhou-me com olhos vazios, tocou-me no pescoço como fazia quando eu era menina.

- *Não me toque!* - reagi com violência.

- *Vim só dizer adeus* - murmurou, submisso.

Espantei-me por merecer aquela despedida. Em Kulumani os pais não dão atenção às filhas, poucas vezes falam com elas e nunca lhes entregam carícia, muito menos em público. O carinho é tarefa da mãe. Por que motivo, então, Genito Mpepe me dedicava aquela súbita e inesperada atenção? Me ocorreu, então: o que ali se passava não era apenas uma despedida. Era um pedido de desculpa. Genito Mpepe sabia que não voltaria da expedição. Ele se apresentava ali a pedir perdão. Pedia absolvição por não ter sido nunca meu pai. (COUTO, 2012, p.162).

Ao saber que estava no final de sua vida, Genito sentiu necessidade de pedir perdão à filha por toda maldade que havia cometido, por nunca se comportar como seu pai. No início ela estranhou o toque, porque não queria que as cenas de estupros de quando menina se repetissem, mas era apenas um adeus.

No trecho anterior, a narradora contou que o carinho era tarefa da mãe, que o pai quase não exercia sua função. Em outro momento da narrativa, Mariamar contou que, quando era pequena, sua mãe cantava para ela e dava carinho, mas que “aos poucos, porém, algo foi mudando em nossa casa. A exemplo do que fazem as leoas, eu fui sendo deixada à minha sorte. Hanifa Assulua me abandonou, sem culpa, sem palavra de conforto” (COUTO, 2012, p.236). Sofrendo ainda o abandono materno, a narradora começou a se imaginar como um bicho, uma leoa. Muito deste abandono podia estar relacionado, assim como nos animais, à entrada na vida adulta, momento em que, além de filhas, elas seriam mulheres e que, assim, deveriam aprender a endurecer para o que estava por vir.

Mariamar acreditava que ela era uma leoa, que foi ela quem havia matado todas as mulheres: “eliminaréi todas as remanescentes mulheres que houver, até que neste mundo, restem apenas homens, um deserto de machos solitários. Sem mulheres, sem filhos, acabará assim a raça humana” (COUTO, 2012, p.239). Ela desejava acabar com o sofrimento de todas as mulheres do mundo e segundo ela a morte seria o caminho. Também conclui que “nunca cheguei a matar

ninguém. Todas essas mulheres já estavam mortas. Não falavam, não pensavam, não amavam, não sonhavam. De que valia viverem se não podiam ser felizes?” (COUTO, 2012, p.240).

Através do mesmo pensamento que a mãe, Hanifa, a jovem acreditava que a transformação em leoa e as subseqüentes mortes eram a única alternativa para acabar com a vida de sofrimento de todas as mulheres da aldeia. Percebe-se claramente que o desejo coletivo em ser o felino possui um objetivo comum para todas: já que não podem ter uma perspectiva de melhora social, preferem acabar com todas as pessoas do sexo feminino.

Mariamar afirmou que desejava “uma inundação que varresse este mundo. Este mundo que obrigava uma mulher como Hanifa a ter filhos, mas que não a deixava ser mãe; que a obrigava a ter marido, mas não permitia que conhecesse o amor” (COUTO, 2012, p.191), desejava com todas as forças acabar com o sofrimento feminino.

Hanifa não conseguia dar todo o amor às suas filhas, pois tinha muitas atividades diárias, uma vida difícil e, ainda, muitas tradições a seguir. No trecho selecionado, percebe-se uma obrigação para a vida materna, ao mesmo tempo em que são retiradas as condições para o desempenho desse papel de tanta importância de forma satisfatória. O mesmo processo ocorreria ao ter que dividir sua vida com um homem, visto que era destinada a tal papel, mas não era assumido por amor.

5.11 TRABALHO

Maria Henrique Cândido (2009), ao analisar o trabalho rural feminino em Moçambique, afirma que o trabalho da mulher é considerado invisível, pois está relacionado à agricultura familiar e ao trabalho doméstico. Ou seja, “para as mulheres que trabalham (...), seu trabalho é considerado de “ajuda” ao marido. Primeiramente, pode-se dizer que o trabalho delas é invisível, não tem valor de trabalho; segundo, porque elas não detêm a posse legal da terra” (CÂNDIDO, 2009, p.100).

As mulheres eram obrigadas a trabalhar durante todo o dia, cuidando das machambas (terreno agrícola), dos filhos, da casa, da alimentação. Realizavam tarefas difíceis e pesadas, pois culturalmente a elas estavam destinadas tais ações. Hanifa Assulua é uma personagem que, ciente de tanto trabalho a que é submetida, conseguia queixar-se, mas sempre realizando tudo.

Mariamar contou que "todas as madrugadas a nossa mãe se antecipava ao Sol: colhia lenha, buscava água, acendia o fogo, preparava o comer, laborava na machamba, avivava o

barro, tudo isso ela fazia sozinha" (COUTO, 2012, p.22). Ou seja, não eram tarefas fáceis e os homens não as ajudavam, não importando o que acontecesse.

Como culturalmente às mulheres eram destinadas as tarefas de cuidado da casa e dos filhos, pois os homens deveriam ficar livres para a caça, elas acabavam com o maior trabalho. Segundo Raul Ruiz de Asúa Altuna (1985, p. 164), “a sociedade banto observa com rigor as tradições que impõem as divisões das ocupações e trabalhos por sexos”. Como resquício e influência dessa cultura inicial, as mulheres representadas em *A Confissão da Leoa* trabalhavam de sol a sol, sem contar com a ajuda de seus pais, irmãos, esposos, filhos.

No enterro de Tandi, Naftalinda, mesmo muito abalada, falou com exaltação para todas as mulheres ali presentes: “Os leões cercando a aldeia e os homens continuam a mandar as mulheres vigiarem as machambas, continuam a mandar as filhas e as esposas coletar lenha e água de madrugada. Quando é que dizemos que não? Quando já não restar nenhuma de nós?” (COUTO, 2012, p.195). Ela questionou o fato de os homens não mudarem suas atitudes, mesmo com o perigo e com os ataques dos leões (que acabavam vitimando sempre a mulheres). Ela esperava revolta das outras, mas isso não ocorreu.

A partir do desabafo da mulher do administrador, o leitor pode interpretar um dos motivos pelos quais eram as mulheres apenas que eram atacadas pelos leões: eram elas que estavam mais propícias aos ataques, já que, por suas atividades, elas estavam em locais de pouca segurança e assim mais próximas dos animais. Eram, portanto, os homens os verdadeiros responsáveis pelos sucessivos assassinatos que estavam acontecendo em Kulumani, os leões eram apenas os meios naturais para que tais atos ocorressem.

Hanifa falou para a filha que elas nunca teriam paz, quem sabe para os homens,

- Porque nós, mulheres, todas as manhãs continuamos a despertar para uma antiga e infundável guerra.

Hanifa Assulua não tinha dúvidas sobre a condição das mulheres de Kulumani. Acordávamos de madrugada como sonolentos soldados e atravessávamos o dia como se a Vida fosse nossa inimiga. Regressávamos de noite sem que nada nem ninguém nos confortasse das batalhas que enfrentávamos. Esse rosário de reclamações a mãe desfiou de um só fôlego, como se fosse algo que havia muito queria dizer. (...) Acusava-me. Como se eu fosse culpada não apenas da sua solidão como da infelicidade de todas as mulheres. (COUTO, 2012, p.135).

Hanifa conseguiu relatar o sofrimento que todas as mulheres passavam, trabalhando muito e não tendo nenhum apoio, conforto, carinho. A paz, assim, era reservada apenas ao público

masculino, porque elas continuariam a viver outro tipo de guerra, interna, cultural, que só teria fim no momento em que relações de igualdade fossem percebidas como natural.

Muitas são as mulheres no romance *A Confissão da Leoa*, a maioria enfrenta uma vida sofrida, difícil. São poucos os momentos em que as mulheres conseguem atingir algum nível de felicidade, porque tradicionalmente isso é proibido a elas.

6 CONCLUSÃO

A forma de representar a mulher na literatura acaba sendo a maneira como ela é vista e tratada social e historicamente. Percebe-se que a condição feminina em Moçambique é preocupante, pois em muitas partes do país a mulher é submetida a diversas práticas que a deixam em uma posição de inferioridade. Mesmo após a independência e todo o processo de modernização, sua submissão é defendida por muitos e justificada por uma tradição que sempre a deixou subjugada.

Mia Couto, em uma entrevista concedida a Jane Tutikian para a Revista "Conexão Letras", ao falar de *Jesusalém* e *A Confissão da Leoa*, relata que “para eu continuar essa busca dentro de mim daquilo o que são minhas identidades múltiplas, esse ser mulher é fundamental. Fundamental para eu olhar o mundo como se fosse uma coisa que ainda está a acontecer” (COUTO, 2013, p.161). Para encontrar suas identidades, e se encontrar como sujeito, a questão do papel e do ser mulher é de grande importância ao autor.

Pode-se concluir, entretanto, com a análise detalhada dos três livros, que há uma mudança no enfoque, no tratamento do tema, por parte do escritor moçambicano Mia Couto. O primeiro livro que foi estudado, *A varanda do frangipani*, apresenta alguns questionamentos sobre a condição da mulher, mas sem adentrar muito, de forma que o assunto não passa de pano de fundo para os outros acontecimentos da narrativa. Já o romance *Antes de nascer o mundo* aborda o tema com um maior foco, pois nele são relatadas cenas de violência e de submissão feminina e esses momentos não são relegados a um segundo plano, mas, sim, assumem um papel principal no desenrolar dos fatos.

Todo este processo de abordagem do universo das diferentes mulheres culmina no romance *A confissão da leoa*. Neste livro, Mia Couto aborda especificamente a condição da mulher rural moçambicana. Esse é seu conteúdo, é esse o assunto do livro, não sendo apenas uma parte, um capítulo ou mesmo um acontecimento diário. Os sofrimentos femininos são relatados em quase todas as páginas do romance.

Essa maior discussão sobre o papel e condição feminina no mundo africano pode estar relacionada a diversos fatores, um exemplo é o crescimento da preocupação com a vida da mulher na sociedade, o que leva também a uma nova abordagem por parte da literatura. Com o tempo, questões tradicionais da cultura vão sendo questionados.

No atual contexto das literaturas africanas de língua portuguesa, passam a ser considerados outros projetos emancipatórios que não apenas a questão racial. Abre-se espaço para tratar as outras minorias, e as mulheres negras começam a ser percebidas e discutidas. Conforme Jane Tutikian (2006, p.26), “a literatura é fonte de cultura e cultura é fonte de identidade”, assim “a partir da própria confluência de espaço e tempo, de diferenças culturais, marcada por inclusões e exclusões, colaborações e contestações, a identidade nacional (política e cultural) ganha outra face, novos signos”. O papel feminino dentro da estrutura sociocultural moçambicana é um destas novas perspectivas.

É fundamental que se aceite e respeite as diferenças para a construção de novas identidades. Para Inocência Mata (2006, p.55), “o que as literaturas africanas intentam propor nestes tempos pós-coloniais é que as identidades (nacionais, regionais, culturais, ideológicas, socioeconômicas, estéticas) gerar-se-ão da capacidade de aceitar as diferenças”. Mia Couto, nas obras aqui estudadas, representa o universo da mulher e mostra como ele acaba sendo criado na relação e no contato com os homens.

É, também, através do contato com o outro masculino que as mulheres se afirmam enquanto possuidoras de vidas, vontades e realidades distintas. Como afirma Said (2011, p.103), as identidades culturais são “contrapontuais, pois a questão é que nenhuma identidade pode existir por si só, sem um leque de opostos”. Fala-se aqui da identidade feminina, do ser mulher.

Nas três obras em estudo são marcantes diversos pontos, seja de valorização do papel feminino seja de problemas enfrentados pelas mulheres ao longo de suas vidas. Destaca-se a presença da violência doméstica, narrada como se estivesse internalizada naquela sociedade regida por tradições patriarcais. Em *A varanda do frangipani*, as três mulheres representadas – Nãozinha, Marta e Ernestina – em certo momento sofrem algum tipo de violência (física, psicológica e sexual), e tais acontecimentos marcam seus destinos. Em *Antes de nascer o mundo*, tal violação assume papel principal na narrativa, pois é após a morte de Dordalma (ocorrida após os sucessivos estupros e culpabilização por parte de seu marido) que a família isola-se e assume o fim de todas as mulheres. O livro *A confissão da leoa*, assim como os demais, apresenta representações diretas de abusos cometidos pelos personagens masculinos contra as mulheres, com destaque para o policial Maliqueto e Genito, com suas intenções/realizações de violências psicológicas e sexuais.

Nos três romances ocorre a presença da escrita feminina como forma de libertação pessoal. A carta de Ernestina, as cartas de Marta e o diário de Mariamar são as maneiras que estas personagens encontraram para expressar sua vida, mais repleta de angústias do que de alegrias. No ato de escrever todas se redescobrem enquanto possuidoras de desejos, vontades e sonhos de mudanças, pois naquele espaço podem expressar-se sem o domínio masculino.

É perceptível a coincidência existente entre as duas Martas (a enfermeira e a portuguesa), são elas que em suas narrativas expressam ao homem narrador a realidade dos fatos. Em *A varanda do frangipani*, Marta ajuda Izidine a reencontrar seu lado moçambicano conhecedor das tradições locais; já no livro *Antes de nascer o mundo*, Marta explica ao menino Mwanito a existência do universo feminino e materno e, mais tarde, sua própria trajetória.

Todas as obras apresentam personagens femininas fortes que, mesmo sofrendo com sua condição de mulher, denunciam através de sua fala as dificuldades enfrentadas por elas apenas por nascerem em uma condição diferente da dos homens. Destacam-se as personagens Marta e Nãozinha no primeiro romance; no segundo, a portuguesa Marta e a moçambicana Noci; no último, Mariamar, Hanifa e Naftalinda assumem papel fundamental no relato do mundo feminino nas comunidades rurais de Moçambique.

Estas mulheres, representadas através de seus pensamentos, falas, atitudes, ao mesmo tempo em que enfrentam diversos problemas no seu dia a dia, conseguem em algum ponto da narrativa questionar-se por que vivem desta forma, é neste momento que indicam uma mudança de paradigma.

Apesar disso, são poucas as atitudes claras de contestação presentes nas obras. A maioria delas pertencem à Noci e à primeira-dama Naftalinda, que conseguem não se calar e vão contra a cultura que acaba por matar muitas mulheres. É importante salientar que a primeira é uma militante da causa feminina e a segunda não pertence tão intrinsecamente à aldeia de Kulumani, ou seja, são mulheres que acabaram tendo contato com novas realidades e que lutam por mudanças.

Para Bhabha (2003, p. 76), “a questão da identidade nunca é a afirmação de uma identidade pré-dada, nunca uma profecia autocumpridora – é sempre a produção de uma imagem de identidade e a transformação do sujeito ao assumir aquela imagem”. Portanto, as diferentes mulheres representadas nos romances constroem uma nova imagem da identidade feminina, não mais aquela fixa e única ditada por seus pais, esposos, filhos, e sim aquelas que desejam, sempre

em contraposição àquele Outro – homem – que por muito tempo deteve – e em ainda detem - todo poder naquela sociedade.

Muitas das representações encontradas nos romances (e expostas ao longo dos três capítulos) assemelham-se às condições enfrentadas pelas mulheres como fruto da tradição seguida em Moçambique. Como a mulher não é vista como pessoa detentora dos mesmos direitos dos homens, os personagens masculinos (apenas representando o que ocorre no mundo real) fazem o que desejam com ela, não respeitando suas vontades, desejos, sentimentos.

Os romances, ao retratarem a realidade vivenciada pelas mulheres, não terminam com mudanças coletivas na forma de agir e pensar. Em *A varanda do frangipani*, Izidine e Marta têm a chance de ser felizes, mas as dificuldades femininas não são superadas com essas promessas de amor. *Antes de nascer o mundo* termina com a verdade sobre os acontecimentos referentes à morte de Dordalma. O último romance analisado, *A confissão da leoa*, encerra com Hanifa confessando que era uma leoa, Mariamar partindo com Arcanjo para a capital e o administrador denunciando os violadores de mulheres.

Em todas as obras, mais importante do que representar uma drástica transformação na vida das personagens, Mia Couto chama a atenção para tópicos que são fundamentais para que todas as mulheres passem a ser respeitadas. Assim, trazendo à tona vozes femininas marginalizadas naquela sociedade fundamentalmente masculina, o escritor moçambicano mostra como nem sempre as relações culturais são pacíficas, como a igualdade de gênero ainda é uma realidade a se buscar, como a tradição ainda reina sob a modernidade em muitos aspectos.

Nesta perspectiva, Edward Said (2011) afirma que cabem às narrativas representar simbolicamente a realidade e, ao fazerem tal ato, acabam por intervir nela. Ao expressar a vida difícil de muitas mulheres moçambicanas, Mia Couto busca denunciar a realidade das personagens reais que caminham de cabeça baixa em todo território de seu país.

REFERÊNCIAS

ABDALA JR, Benjamin. **Notas históricas: solidariedade e relações comunitárias nas literaturas dos países africanos de língua portuguesa.** In: CONTE, Daniel; TUTIKIAN, Jane (Orgs.). **Palavra Nação.** Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras [da Universidade Federal do Rio Grande do Sul], 2012.

ABOIM, Sofia. **Masculinidades na encruzilhada: hegemonia, dominação e hibridismo em Maputo.** *Análise Social*, volume XLIII (2º), 2008. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732008000200004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt Acesso em: 11 de agosto de 2015.

ALÓS, Anselmo Peres. **Os mistérios das bermas do mundo: Jesusalém, de Mia Couto.** *Revista África e Africanidades.* Ano III, n.12, fev. 2011. Disponível em: http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/12022011_01.pdf Acesso em: 30 de julho de 2015.

ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. **Cultura Tradicional Banto.** Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985.

BETTENCOURT, Lúcia. **Romance do escritor Mia Couto aborda isolamento de Moçambique.** In: *Jornal do Brasil. Culura.* 2011. Disponível em: <http://www.jb.com.br/cultura/noticias/2009/07/31/romance-do-escritor-mia-couto-aborda-isolamento-de-mocambique/> Acesso em: 14 de setembro de 2015.

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

BOUENE, Felizardo. **Moçambique: Islão e Cultura Tradicional.** In: GONÇALVES, António Custódio (Org.). **O Islão na África Subsariana. Papers of VI Colóquio Internacional "Identities, Poderes e Etnicidades. O Islão na África Subsariana".** Porto: FLUP, 2004. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6909.pdf>. Acesso em: 28 de maio de 2015.

CÂNDIDO, Maria Henrique. **Dinâmicas sociais de gênero a partir da concessão do crédito pecuário a mulheres rurais do posto administrativo de Changalane em Maputo – Moçambique.** 2009. 203 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2009.

CHAGASTELLES, Tania Maria Seggiaro. **As sociedades africanas e o colonialismo**. In: MACEDO, José Rivair (org.). **Desvendando a história da África**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

CHEVALIER, Jean. **Diccionario de los símbolos**. Barcelona: Editorial Herder, 1986.

CHIZIANE, Paulina. *Niketché - Uma história de poligamia*. Lisboa: Caminho, 2002.

_____. **O alegre canto da perdiz**. Lisboa: Caminho, 2008.

COUTO, Mia. **Estórias abensonhadas: contos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. **Vinte e Zinco**. Lisboa: Caminho, 2004.

_____. **A varanda de Frangipani**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Antes de nascer o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **A Confissão da Leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Mia Couto: garimpeiro da terra, das gentes, das palavras**. Entrevista concedida a Jane Tutikian. Revista Conexão Letras. 2013.

DAVID, Luís. **Um exercício inútil**. Jornal Domingo, Maputo, agosto, 29, 2004. Disponível em: http://antesedepoisld.blogspot.com.br/2004/09/publicado-em-maputo-moambique-no_07.html
Acesso em: 22 de dezembro de 2015.

ELIADE, Mircea Eliade. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FERNANDES, Evelyn Amado. **A luta dos antigos pelo antigamente em A varanda do frangipani, de Mia Couto**. RBCEH, Passo Fundo, v.6, n.2, 2009. Disponível em: <http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/153>. Acesso em: 20 de maio de 2015.

FERREIRA, Antonio Manuel. **Adão e Eva na obra de Paulina Chiziane**. Universidade de Aveiros. Teografias, n.2, 2012. Disponível em: revistas.ua.pt/index.php/teografias/article/download/2379/2238. Acesso em: 13 de agosto de 2015.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**. Lisboa: Instituto de Cultura Portuguesa, 1977. 2 v.

GARCÍA, Flavio. **Identidade híbrida e real-maravilhoso latino-americano: Mia Couto em diálogo.** In: CONTE, Daniel; TUTIKIAN, Jane (Orgs.). **Palavra Nação.** Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras [da Universidade Federal do Rio Grande do Sul], 2012.

GARCIA, Flávio; SILVA, Luciana Morais da. **Irrupções do real-maravilhoso em narrativas literária e fílmica: A varanda do frangipani, do escritor moçambicano Mia Couto, e o Labirinto do Fauno, do cineasta mexicano Guillermo del Toro.** E-scrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU. Nilópolis, v.3, n.2, 2012. Disponível em: http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/513/pdf_224. Acesso em: 23 de agosto de 2015.

GARMES, Helder. **Percurso pela documentação histórica e literária dos países africanos de língua oficial portuguesa (séculos XV-XIX).** In: SECCO, Carmen Tindó; SALGADO, Maria Teresa; JORGE, Silvio Renato (Orgs.). **África, escritas literárias: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

GOMES, Celina de Oliveira Barbosa; ADOLFO, Sérgio Paulo. **Da negação ao status de mulher à manifestação de uma identidade felina.** E-scrita: Revista do Curso de Letras da UNIABEU. Nilópolis, v.5, n.1, 2014. Disponível em: http://www.uniabeu.edu.br/publica/index.php/RE/article/view/1414/pdf_190. Acesso em: 18 de julho de 2015.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

_____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

INE – Instituto Nacional de Estatísticas. **Mulheres e Homens em Moçambique 2013.** Maputo: INE, 2013.

ISAACMAM, Barbara; STEFHAN, June. **A mulher moçambicana no processo de libertação.** Maputo: Instituto Nacional do Livro e do Disco, 1984.

KASFIR, Sidney. **Arte africana e autenticidade: um texto sem sombra.** 2008. Disponível em: http://www.artafrica.info/novos-pdfs/artigo_14-pt.pdf. Acesso em: 28 de maio de 2015.

LARANJEIRA, Pires. **Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa.** Lisboa: Universidade Aberta, 1995.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LIGA MOÇAMBICANA DOS DIREITOS HUMANOS. **Direitos de Mulher em Moçambique: dever de terminar práticas ilegais.** Federação Internacional de Direitos Humanos, 2007.

LOPES, Armando Jorge. **Reflexões sobre a situação lingüística de Moçambique.** In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Orgs.). **Marcas da diferença – as literaturas africanas de língua portuguesa.** São Paulo: Alameda, 2006.

MACHEL, Samora. **A libertação da Mulher é uma necessidade da revolução, garantia da sua continuidade, condição do seu triunfo.** In: MACHEL, Samora et al. **A libertação da mulher.** Global, 1982.

MARTINS, Aulus Mandagará. **As margens do texto nas margens do cânone: Paratexto, texto e contexto em *Luuanda e Mayombe*.** Revista Ipotesi, v.14, n.2, p.169-177, jul./dez. 2010.

MIELIETINSKI, E. M.. **A poética do mito.** Rio de Janeiro: Forense – Universitária, 1987.

MWEWA, Christian Muleka. **Entre venenos e confissões: corpos, tentações e sensações.** Seminário Internacional Fazendo Gênero 10, Florianópolis, 2013. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1384199254_ARQUIVO_ChristianMwewa.pdf. Acesso em: 28 de junho de 2015.

NEWITT, Malyn. **História de Moçambique.** Portugal: Publicações Europa-América, 1997.

OLIVEIRA, Luiz Carlos de; SOERENSEN, Claudiana. **Relações culturais e busca identitária na obra *A varanda do frangipani*, de Mia Couto.** Revista Travessias, Vol.5, nº2, 2011. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4237>. Acesso em: 15 de maio de 2015.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. **Eliminação da Mutilação genital feminina.** Declaração conjunta: OHCHR, ONUSIDA, PNUD, UNECA, UNESCO, UNFPA, ACNUR, UNICEF, UNIFEM, OMS. Genebra: Publicações da OMS, 2008. Disponível em: <http://www.who.int/eportuguese/publications/mutilacao.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2013.

_____. **Prevenção da violência sexual e da violência pelo parceiro íntimo contra a mulher – Ação e produção de evidência.** Genebra: Publicações da OMS, 2012. Disponível em: http://apps.who.int/iris/bitstream/10665/44350/3/9789275716359_por.pdf. Acesso em: 18 nov. 2013.

_____. **Relatório mundial sobre violência e saúde.** Prevenção, Genebra. 2002. Disponível em: <http://www.who.int/eportuguese/publications/pt/>. Acesso em: 18 de nov. 2013.

PEREIRA, Analúcia Danilevicz. **A África pré-colonial**. In: VISENTINI, Paulo Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario; PEREIRA, Analúcia Danilevicz (org.). **Breve história da África**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.

PERUZZO, Lisângela Daniele. **Frutos do combate pela paz: os primeiros romances de Mia Couto**. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/slt31/06.pdf>. Acesso em 19 de maio de 2015.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO – PNUD. **Relatório de Desenvolvimento Humano 2013**. Disponível em: www.pnud.org.br/arquivos/rdh-2013.pdf. Acesso em: 23 set. 2013.

_____. **Relatório de Desenvolvimento Humano 2014**. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/arquivos/RDH2014.pdf>. Acesso em: 25 nov.2015.

REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE. **Constituição da República**. 2004. Disponível em: <http://www.mozambique.mz/pdf/constituicao.pdf>. Acesso em: 14 de abril de 2015.

_____. **Lei da Família**. 2004. Disponível em: <http://www.portaldogoverno.gov.mz/Legisla/legisSectores/adminCivil/lei%20da%20familia.pdf>. Acesso em: 14 de abril de 2015.

_____. **Plano Nacional de Acção para Prevenção e Combate à Violência contra a Mulher**. 2008. Disponível em: <http://www.hsph.harvard.edu/population/domesticviolence/mozambique.violence.08.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2013.

_____. **Lei sobre a Violência Doméstica praticada contra a Mulher**. Maputo: Boletim da República, 2009. Acesso em: 14 de abril de 2015.

RIBEIRO, Ludmila Costa. **A cosmovisão africana da morte: Um estudo a partir do saber sagrado em Mia Couto**. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECAP-894HX7/a_cosmovis_o_africana_da_morte___ludmila_costa_ribeiro.pdf?sequence=1. Acesso em: 28 de junho de 2015.

RIBEIRO, Luiz Dario Teixeira. **Da conquista europeia à descolonização**. In: VISENTINI, Paulo Fagundes; RIBEIRO, Luiz Dario; PEREIRA, Analúcia Danilevicz (org.). **Breve história da África**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2007.

RODRIGUES, Inara de Oliveira. **Representações culturais e perspectivas históricas em Antes de Nascer o Mundo, de Mia Couto.** Revista Literatura em Debate, v.7, n. 13, 2013. Disponível em: <http://revistas.fw.uri.br/index.php/literaturaemdebate/article/viewFile/1182/1689>. Acesso em: 28 de junho de 2015.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio.** In: _____ *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios.* São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. **Cultura e imperialismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SARAIVA, Sueli. **Antes de nascer o mundo (resenha).** Revista Crioula. N.6, novembro de 2009. Disponível em: www.revistas.usp.br/crioula/article/download/55230/58859. Acesso em: 28 de junho de 2015.

SERRÃO, Joel. **Políptico Português.** In: *Temas de Cultura Portuguesa II.* Livros Horizonte, 1989.

SILVA, Ana Claudia da. **Mia Couto e Sophia: diálogos em Jesusalém.** Cerrados, Brasília: UnB, 2010.

SILVA, Luciana Morais da. **Traços do fantástico em Mia Couto.** Anais do SILEL, v.2, n.2. Uberlândia: EDUFU, 2011. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/pt/arquivos/silel2011/1017.pdf>. Acesso em: 28 de junho de 2015.

SILVA, André Luiz Reis da. **Os estados africanos nos séculos XVI-XVIII: desenvolvimento desigual na África.** In: MACEDO, José Rivair (org.). **Desvendando a história da África.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. **Para não dizer que não falei dos cravos.** Revista Semear. Rio de Janeiro, v.11, 2005.

STEINER, George. **Linguagem e silêncio – ensaios sobre a crise da palavra.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TEDESCO, Maria do Carmo Ferraz. **Narrativas da moçambicanidade – Os romances de Paulina Chiziane e Mia Couto e a reconfiguração da identidade nacional.** Tese de doutorado. Brasília, Universidade de Brasília, 2008. Disponível em:

http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/3339/1/2008_MariadoCarmoFTedesco.pdf. Acesso em: 28 de junho de 2015.

THOMAZ, Omar Ribeiro. **Escravos sem dono: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista**. Revista de Antropologia. V.51, n. 1. São Paulo: USP, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ra/article/viewFile/27305/29077>. Acesso em: 14 de maio de 2015.

TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas – O pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.

UNICEF. **Todos los niños y niñas cuentan**. Nueva York: División de Comunicaciones UNICEF, 2014. Disponível em: http://www.unicef.org/brazil/pt/br_sowcinnnumbers_2014es.pdf. Acesso em: 10 de abril de 2014.

VENTURA, Susana Ramos. **Páginas da terra: o papel da escrita em quatro romances de Mia Couto**. Academos, v. IV, 2008. Disponível em: http://intranet.fainam.edu.br/acesso_site/fia/academos/revista4/3.pdf. Acesso em: 15 de maio de 2015.

VISENTINI, Paulo Fagundes. **Independência, marginalização e reafirmação da África (1957-2007)**. In: MACEDO, José Rivair (org.). **Desvendando a história da África**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

_____. **A África Moderna: um continente em mudança (1960-2010)**. Porto Alegre: Leitura XXI, 2010.

WLSA. **A aplicação da lei de violência doméstica em Moçambique: constrangimentos institucionais e culturais**. Org. Joaquim Nhampoca. Boletim Outras Vozes, nº41-42, 2013. Disponível em: <http://www.wlsa.org.mz/artigo/a-aplicacao-da-lei-de-violencia-domestica-em-mocambique-constrangimentos-institucionais-e-culturais/>. Acesso em: 20 de maio de 2015.

ZIEGLER, Jean. **A vitória dos vencidos – Opressão e Resistência Cultural**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **Duas viagens, um destino, Moçambique**. In: CONTE, Daniel; TUTIKIAN, Jane (Orgs.). **Palavra Nação**. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras [da Universidade Federal do Rio Grande do Sul], 2012.